

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS – PPGEL

VALDEIRE VERNEQUE DIAS

ENTRE PALAVRAS, PÓ E PÓLVORA:
MENINOS DA SECA E DA GUERRA

TANGARÁ DA SERRA-MT

2014

VALDEIRE VERNEQUE DIAS

ENTRE PALAVRAS, PÓ E PÓLVORA:
MENINOS DA SECA E DA GUERRA

VALDEIRE VERNEQUE DIAS

ENTRE PALAVRAS, PÓ E PÓLVORA:
MENINOS DA SECA E DA GUERRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL – UNEMAT Campus Universitário de Tangará da Serra – MT como requisito final para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia da Rocha Maquêa

TANGARÁ DA SERRA-MT

2014

VALDEIRE VERNEQUE DIAS

**ENTRE PALAVRAS, PÓ E PÓLVORA:
MENINOS DA SECA E DA GUERRA**

Mestrado em Estudos Literários

Departamento de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Tangará da Serra, 20 de Fevereiro de 2014

Prof. Dr. Aroldo José Abreu Pinto

Coordenador do PPGEL

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. DR^a. VERA LÚCIA DA ROCHA MAQUÊA

ORIENTADORA – PPGEL UNEMAT

PROF^a. DR^a. TANIA CELESTINO MACÊDO

MEMBRO – PPGEL UNEMAT

PROF. DR. BENJAMIN ABDALA JUNIOR

MEMBRO EXTERNO – USP

À memória de meu pai

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela capacidade de pensar e pela proteção durante esta caminhada.

À minha mãe, mestre por excelência, pelo amor e carinhos sem limites em mais uma trajetória da minha vida.

À minha orientadora, professora Vera Maquêa, com sua grandeza humana e profissional, pela paciência e pelos momentos de orientação.

A todos os professores do PPGEL pela dedicação durante este período. Em Especial aos professores Agnaldo, Walnice e Elisabeth.

Ao professor Benjamin Abdala Junior, pelos diálogos e pela preciosa colaboração no Exame de Qualificação.

À professora Tania Macêdo, pelas sugestões e indicações na Banca de Qualificação e pelo conhecimento transmitido que fez despertar em mim o interesse pelas literaturas africanas de língua portuguesa.

Às professoras Ana Lúcia Rabecchi e Olga Castrillon, pelo apoio e orientações durante o estágio docente no campus de Cáceres.

Ao professor Hêlvio Moraes, pela colaboração e a disponibilidade durante o Seminário de Dissertação em Andamento.

Aos meus irmãos, aqueles que juntos fomos lavados na mesma bacia, pelo encorajamento de todos os dias.

Aos meus irmãos, aqueles que por essas coisas da vida nos unimos para sermos mais fortes, pelo incentivo sincero.

À Tereza Silva, pela resignação e pela confiança em todos os momentos da minha ausência.

Aos amigos Claudiomar, Clarice Rodrigues, Cláudia Martins, Aparecida Cristina, pelo apoio dedicado a mim no início do curso.

Aos amigos Cláudia Zorteá, Ademir, Sandra e Adilson, pela troca de conhecimentos e momentos incentivadores.

À amiga Idalina Meurer, maninha do coração, pela preciosa companhia e cortesia de sempre.

Aos amigos José Carlos e Relindes, pelos momentos que proporcionaram nosso crescimento pessoal e profissional.

Aos amigos Thiago Deluque e Sueele Castrillon, pela compreensão e apoio nos momentos mais difíceis deste período.

Aos amigos da Escola João de Campos Borges, especialmente aos professores Ronaldo e Hércules e à secretária Adilma, pelo apoio sincero no início desta pesquisa.

À CAPES, pela concessão da bolsa.

Não há caminho fácil para a liberdade.
A educação é a arma mais poderosa que você pode
usar para mudar o mundo.
A luta é a minha vida. Continuarei a lutar até o fim
de meus dias.

Nelson Mandela

RESUMO

Através do estudo comparado entre as obras *Vidas secas* do escritor brasileiro Graciliano Ramos e *As aventuras de Ngunga* do escritor angolano Pepetela, discutimos a exclusão social representada pelos meninos das duas obras nos distintos períodos políticos e literários do Brasil e de Angola nas décadas de trinta e setenta do século XX, respectivamente. Iniciamos esta discussão com a representação que Graciliano Ramos faz do fenômeno da seca ocorrida no Brasil, especialmente na região nordeste, que empurrou os sertanejos à retirada e à construção da utopia como princípio de esperança, o sonho irrealizável de viver com dignidade em uma terra desconhecida. Em Angola, a trajetória de Ngunga mapeou o nosso estudo para compreendermos como Pepetela trata a guerra de libertação diante dos conflitos que esta veio instaurar na sociedade angolana e a importância da escola para a construção de novos projetos políticos e literários para o país, observando como o avanço desses projetos foi criando um espaço de utopia que teve início ainda nos dias de colonialismo. Tratamos, ainda, de discutir como essas obras de Graciliano e Pepetela conduzem as personagens em períodos construídos pela errância dos filhos de Fabiano e a trajetória de Ngunga até a utopia, segundo o momento histórico representado em cada obra. Nossa discussão parte das críticas de Antonio Candido quando este discute os vários níveis de correlação entre literatura e sociedade demonstrando os aspectos sociais e suas ocorrências nas obras literárias, e nas análises de Benjamim Abdala Júnior ao discutir o trabalho artístico realizado pelos escritores engajados dos países de língua oficial portuguesa frente às questões político-sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos, Pepetela, exclusão social, meninos, escola, utopia

ABSTRACT

Through comparative study between **Vidas secas** works by Brazilian writer Graciliano Ramos and **As aventuras de Ngunga** the Angolan writer Pepetela, we discussed the social exclusion of children represented by two works in different political and literary periods in Brazil and Angola in the thirties and seventies of the twentieth century, respectively. We began this discussion with the representation that Graciliano Ramos makes the phenomenon of drought in Brazil, especially in the Northeast, which pushed the sertanejos the withdrawal and construction of utopia as a principle of hope, an unrealizable dream to live with dignity in a land unknown. In Angola, Ngunga mapped the trajectory of our study is to understand how Pepetela the liberation war before the conflict that came to establish in Angolan society and the importance of the school to build new political and literary projects for the country, noting how the advancing these projects were creating a space of utopia that began even in the days of colonialism. Also discuss how to deal with these works Graciliano and Pepetela lead characters in periods constructed by the wandering of the children of Fabiano and Ngunga path to utopia, according to the historical moment represented in each work. Our discussion of the criticism of Antonio Candido when he discusses the various levels of correlation between literature and society by demonstrating the social aspects and their occurrences in literary works, and analyzes of Benjamin Abdala Júnior to discuss the artistic work done by writers engaged in the countries of Portuguese speaking face of political and social issues.

KEYWORDS: Graciliano Ramos, Pepetela, social exclusion, boys, school, utopia

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| CAPÍTULO I | |
| Entre a palavra poética e a luta política..... | 16 |
| CAPÍTULO II | |
| 2.0 Graciliano Ramos e os excluídos pela seca..... | 34 |
| 2.1 Pepetela e os condenados da guerra..... | 53 |
| 2.2 O enfrentamento dos conflitos político-sociais | 64 |
| 2.3 Personagens silenciadas: as faces da utopia..... | 71 |
| CAPÍTULO III | |
| Voz e letra: o caminho da inclusão social..... | 87 |
| PALAVRAS FINAIS..... | 97 |
| REFERÊNCIAS..... | 100 |

INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com as Literaturas africanas de língua portuguesa foi através do poema *Companheiros* escrito pelo moçambicano Mia Couto. Esse contato aconteceu em um ano em que organizávamos a primeira programação para as comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra em uma escola de educação básica do nosso município. A partir desse momento sentimos a necessidade de aprofundar nosso conhecimento dessas literaturas que colaboram para o crescimento pessoal, social e profissional daqueles que com elas se relacionam. Iniciamos a leitura de outros gêneros literários que estão à nossa disposição, pertencentes ao mesmo sistema lingüístico, e que estão colaborando para o crescimento da investigação que propomos a respeito dos conflitos políticos e sociais dos países africanos de língua portuguesa.

Quando participamos da disciplina Literaturas e Culturas Ibero-afro-americanas oferecida pelo PPGEL – UNEMAT durante o segundo semestre de 2011 e ministrada pela Professora Dr^a. Vera Maquêa, de quem sou orientando, a convicção dessa busca pelas literaturas africanas de língua portuguesa que estava guardada em mim aflorou-se num misto de razão e emoção. Os textos literários de vários autores e as músicas de Cesária Évora nos ativaram a memória de uma terra longínqua onde nossos pés não tocaram, e de um passado que parece não ter existido, porque foi apagado pelos opressores. Não sabemos se é por vergonha ou por orgulho, mas esse passado quase não é descrito pela mão de quem está no poder aqui e nem nas terras onde temos ascendência tão próxima, de onde trouxemos graça de espírito e acentuados traços de africanidade. Comoveu-nos cada palavra e nota musical, retornando-nos, magistralmente, a essa terra habitada por homens, a esse espaço construído em sonhos, em dor e grito de justiça por aqueles irmãos-companheiros que caminham sempre sobre seus pés.

A disciplina foi também ministrada pela Professora Dr^a. Tania Macêdo, da Universidade de São Paulo, que abordou os conflitos políticos e sociais nos países africanos de língua portuguesa. A abordagem percorreu os períodos que se iniciaram em 1884 com a Conferência de Berlim, o salazarismo que se iniciou em Portugal em 1926 e atingiu as colônias portuguesas em África, a resolução da ONU em 1960 que determinou o fim das colônias, as Guerras de Libertação que se iniciaram em 1961, o 25 de Abril de 1974 (Revolução dos Cravos) em Portugal, as independências dos países africanos de língua portuguesa, e finalmente os conflitos internos em alguns desses países.

Assim, Tania Macêdo afirmou que a guerra é o tema fundante das literaturas africanas de língua portuguesa, sendo relevante para a discussão dos períodos anteriores e posteriores a 1975. A professora destacou, ainda, a importância do ato de ler e escrever em África, sendo ações imprescindíveis para combater o domínio português num tempo em que a escola só fazia parte da vida dos colonizadores. A partir desta afirmação aprimoramos o nosso projeto de pesquisa que propõe um estudo sobre a presença da escola em Angola durante a primeira guerra denominada pelos africanos de Guerra de Libertação Nacional.

O ato de ler e escrever em Angola é apresentado por Pepetela na obra *As aventuras de Ngunga* escrito em 1972. Nessa obra Pepetela representa a desumanidade causada pela guerra e a possível restauração do país a partir do domínio da língua portuguesa ensinada na escola. Para percorrer os caminhos da libertação, o autor nos apresenta o pioneiro Ngunga que enfrenta vários obstáculos durante esse período de conflito armado, sendo o maior deles a própria negligência em relação aos valores aprendidos na escola.

Durante o decorrer desta pesquisa apresentou-se a oportunidade de fazer um estudo comparado dessa obra de Pepetela, que nos chamou a atenção para os temas menino, guerra e escola, com o romance *Vidas secas* escrito por Graciliano Ramos em 1938. O romance de Graciliano impôs-se à nossa leitura para os temas meninos, seca e escola. Nesse romance o autor brasileiro representa a saga dos retirantes nordestinos rumo às terras do sul. Graciliano nos apresenta Fabiano e sua família vivendo num estado de miséria durante a caminhada errante, mas com um princípio de esperança que estava depositado nos meninos que deveriam frequentar a escola assim que chegassem à cidade desconhecida.

Nas duas narrativas está presente a exclusão social das personagens, especialmente os meninos, causada pela seca no nordeste brasileiro e a guerra em Angola. Apesar da sua ineficiência e do descaso do governo para com a escola em muitas regiões do Brasil e de Angola, os autores apresentam-na como solução para as crises políticas e sociais em que a sociedade vive aqui e no país africano. Entendemos que as obras *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga* apresentam aspectos distintos, especialmente, em relação a épocas e espaços sócio-políticos, mas que nos permitem compará-las quando analisamos também o papel das personagens e a perspectiva dos autores.

Nosso trabalho desenvolve-se em três capítulos nos quais abordamos o engajamento literário e a exclusão social a partir das representações das personagens discutindo os conflitos político-sociais ocorrentes não apenas em seus países, mas também em outras localidades, demonstrando que a temática da exclusão social representada nas obras literárias ultrapassa as

fronteiras territoriais e os sistemas políticos do Brasil e de Angola durante os anos trinta e setenta do século XX, respectivamente.

No primeiro capítulo apresentamos a importância dos estudos comparados que vieram, nesta perspectiva dos países de língua portuguesa, para retomar períodos históricos e literários tentando interpretá-los à luz de pesquisas que discutem a história das literaturas chamadas periféricas que permaneceram ignoradas em razão das literaturas europeias. Atentamos para algumas questões importantes da vida e obras de Graciliano Ramos e Pepetela bem como as similaridades dos seus discursos. As obras desses escritores engajados nos despertaram para a carência de professores e pesquisadores dedicados ao estudo das literaturas de língua portuguesa que nas últimas décadas têm realizado um trabalho de maior abrangência dessas literaturas, respeitando as especificidades de cada uma delas.

No segundo capítulo discutimos a exclusão vivida pelos meninos e a desumanidade dos fenômenos que causaram essa exclusão, a seca e a guerra e, conseqüentemente a fome, além do enfrentamento a essas questões que se iniciou com a retirada. Discutimos como Graciliano e Pepetela problematizam esses fenômenos assoladores no contexto político-social, instigando as personagens ao enfrentamento desses conflitos, apesar das adversidades. Neste mundo de excluídos, Ngunga é o seu próprio tutor, tem voz própria, relaciona-se com as pessoas e age por si só, ao passo que os filhos de Fabiano têm um tutor, não têm voz própria, não se relacionam com as pessoas e, no entanto, estão na mesma situação de não saberem para onde ir. Em *Vidas secas* o narrador apresenta as personagens com um comportamento silencioso, desesperador, pois o sertanejo é, por excelência, o elemento central na construção de um espaço que não lhe oferece as mínimas condições de sobrevivência. Já em *As aventuras de Ngunga*, o narrador apresenta a personagem com um comportamento reflexivo, esperançoso em meio a paisagem exuberante e encantadora que conduz o guerrilheiro para o caminho da libertação.

Por fim, discutimos como Graciliano Ramos e Pepetela enfatizam a importância da escola na vida das personagens, formando em cada menino, um sujeito crítico e participativo em meio à sociedade. Nesta discussão atentamos para a necessidade de um devir na vida das personagens através do papel transformador da escola; o conhecimento que pode levá-las a dialogar com suas próprias perspectivas e a apontar os caminhos que conduzirão suas sociedades livres de quaisquer tipos de domínio e opressão, sejam as sociedades excluídas pela seca ou as condenadas pela guerra em terras brasileiras ou angolanas.

Fundamentamos esta dissertação nas análises e críticas de Antonio Candido (2000) e Benjamin Abdala Junior (1989). Buscamos acrescentar ainda as idéias de outros grandes

pesquisadores como Frantz Fanon, Albert Memmi, Dênis de Moraes, Laura Padilha, Rita chaves, Tania Macêdo, Vera Maquêa, Inocência Mata, entre outros. Das análises e críticas que apresentamos neste trabalho, destacamos os vários níveis de correlação que Antonio Candido faz entre literatura e sociedade, os quais ele denomina de estudos sobre aspectos sociais envolvidos no processo literário. Por isso, a nossa investigação apontará a interação que existe entre as obras e o meio social, apontará a literatura como forma de conhecimento da realidade, uma vez que existe uma estreita relação das causas dos conflitos nos romances em estudo e a vida social dos países de Graciliano e Pepetela.

Destacamos ainda como Abdala Junior, em seus estudos sobre as literaturas de ênfase social dos países de língua oficial portuguesa, desenvolve uma discussão problematizando a questão político-social e o trabalho artístico desenvolvidos pelos autores engajados. É nesta apresentação dos escritores e obras relacionados ao engajamento social que o crítico analisa vários poemas e romances dessas literaturas de língua portuguesa, inclusive esses de Graciliano Ramos e Pepetela. Assim, emprestamos suas críticas sobre os romances *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga* para colaborarem com o nosso trabalho de pesquisa.

CAPÍTULO I

ENTRE A PALAVRA POÉTICA E A LUTA POLÍTICA

A verdade é que nem todos os livros cantam loas aos tiranos. A desgraça dessa gente é perceber que as suas armaduras racham, a sua força se esvai, os seus defensores se transformam de repente em inimigos. A palavra escrita é arma de dois gumes.

Graciliano Ramos

A literatura nasceu muito cedo em mim, antes da sociologia [...]. A literatura e essa preocupação social aparecem ligadas em mim desde o princípio.

Pepetela

Apesar da contribuição direta de alguns países africanos no desenvolvimento da nossa cultura, da nossa economia e outros aspectos através da mão-de-obra escrava e de manifestações culturais, fato que aconteceu muito antes das guerras de libertação contra o colonialismo dos países europeus; a história desse caminho de opressão, de luta e conquista, trilhado pelos africanos, não fazia parte dos componentes curriculares nos primórdios da educação básica nas escolas do Brasil. A omissão deste fato prolongou o apagamento de boa parte da cultura desses povos entre nós. Não estamos nos referindo aqui apenas ao período pós-independência dos países africanos, mas da sua história, cultura e literatura de modo geral, especialmente daqueles países que muito colaboraram para a construção do Brasil e da formação do povo brasileiro como é o caso de Angola e outros.

O desconhecimento que a sociedade leiga e até mesmo alguns profissionais da educação têm em relação às literaturas africanas, especialmente as de língua portuguesa – o que nos interessa a partir deste momento –, despertou em alguns líderes brasileiros o reconhecimento da responsabilidade histórica do país em relação aos africanos e seus descendentes, promovendo políticas e programas que popularizam a história e a cultura desses

povos através da obrigatoriedade do seu ensino durante a Educação Básica nas escolas públicas e privadas de todo o país.

No Ensino Superior, referimos agora aos profissionais e acadêmicos do curso de Letras, o conhecimento das literaturas africanas de língua portuguesa ainda era muito limitado até as décadas de setenta e oitenta do século XX, período em que os primeiros textos artísticos e científicos dessas literaturas começaram a expandir aqui no Brasil. Por outro lado, o estudo e a circulação das literaturas européias foram ocupando espaço nos veículos de comunicação e informação durante o avanço da educação no país, expandindo o modo de vida do colonizado que é o hábito de copiar a civilização europeia e reverenciar a natureza brasileira.

Isso aumentou o prestígio da literatura europeia criando certos padrões de comportamento e beleza num país já miscigenado. A escola, entendida como uma das principais entidades responsáveis pela formação do cidadão colaborou com a afirmação desses padrões eternizando alguns clássicos da literatura universal e subjugando as literaturas dos países chamados periféricos, por não atentar à diversidade cultural presente na formação do nosso país. Isso aconteceu, e ainda acontece, principalmente, a partir do olhar que a sociedade tem do papel desenvolvido pelas personagens estereotipadas, ao longo dos anos, que permanecem sempre em estado de subserviência.

Os padrões de comportamento e beleza apresentados pelas literaturas europeias transformaram os países desenvolvidos como sendo a supremacia literária, obstruindo o crescimento da construção literária dos países africanos e outros chamados periféricos por considerar a literatura desses povos como prática meramente primitiva e sem valores culturais. No entanto não há possibilidade do ser humano viver sem a literatura escrita, e quando pensamos nas sociedades ágrafas, a literatura oral, pois elas são a manifestação universal de todos os homens, independente da sociedade ou do tipo de cultura a qual o indivíduo pertença ou manifeste.

Independente da criação literária, do nível de sociedade e do tipo de cultura, todo homem, e, conseqüentemente, todo povo em todos os tempos celebram a vida, a morte e seus mistérios por meio de manifestações culturais individuais ou coletivas. Assim, obstruir as manifestações culturais de um povo é no mínimo inconcebível. O ato de apagamento cultural praticado pelos países europeus em relação às sociedades africanas e mesmo da latino América, principalmente com a imposição das línguas dos colonizadores foi impertinente, abusivo, opressivo. Dessa forma, apenas depois dos movimentos de independência dos países africanos é que houve um crescimento da divulgação das suas literaturas que começaram a preencher vagarosamente as lacunas do escasso conhecimento que tínhamos sobre elas através

do avanço da escrita, publicação de textos literários e científicos e a completa dedicação de professores, pesquisadores e entidades de ensino superior. Esse trabalho vem conquistando espaço por meio dos cursos de graduação e pós-graduação que já inseriram nos seus componentes curriculares o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa com o objetivo de avançar as pesquisas a respeito da literatura e vida social dos países de língua portuguesa.

Ao entendermos que a literatura cria impressões da realidade, afirmamos que a mesma funciona como um escudo ao apagamento das práticas culturais e demonstra as reais condições de um determinado grupo de pessoas ou nação, desde que suas criações literárias sejam respeitadas como manifestações, sejam elas político-sociais ou étnico-raciais. Assim, quando procuramos entender algumas práticas culturais inseridas na nossa sociedade, encontramos um pouco de nós mesmos em alguns textos das literaturas africanas de língua portuguesa, como por exemplo, os poemas *Companheiros* do moçambicano Mia Couto e *Grito Negro*, escrito pelo maior poeta de Moçambique, José Craveirinha, que serviram de elo para o encontro que tivemos com outros textos literários, especialmente os romances, que discutem a condição social e política dos países africanos de língua portuguesa.

Nesse sentido, quando Benjamin Abdala Junior (1989, p. 70), pesquisador das literaturas contemporâneas de língua portuguesa, discute a questão da integração e alteridade entre as literaturas dos países de língua portuguesa, o crítico brasileiro afirma que, mesmo respeitando as suas particularidades históricas, o conhecimento de cada uma dessas literaturas nos conduz ao conhecimento mútuo, pois é “– em “nós” e no “outro” que cada literatura nos traz”. Assim, o campo de aproximação das literaturas de língua portuguesa, somado ao fato de que muitas obras foram escritas em épocas diferentes, com estilos diferentes, entre outros aspectos, nos mostra que há especificidades e identificações para cada literatura dos países de língua portuguesa e compará-las é um trabalho árduo e constante.

Os primeiros textos com voz militante dessas literaturas com os quais entramos em contato nos cativaram pela ênfase aplicada à vida social e pelo engajamento literário dos seus autores, especialmente os africanos de língua portuguesa, que fizeram da palavra uma arma mais eficaz do que os instrumentos bélicos, e da escola, um campo de treinamento para assegurar a posse da terra às novas gerações. Justificamos tal admiração a estes escritores africanos quando consideramos que o nosso processo de independência foi menos conflituoso em relação ao dos países africanos de língua portuguesa. Acreditamos que por esta razão existe uma harmonia maior entre os escritores, a obra de arte e o meio social nos países africanos de língua portuguesa do que no Brasil. Segundo Antonio Candido (2000, p. 18 e 19)

assim como existe uma influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte, também existe uma influência exercida pela obra de arte sobre o meio social, e o que nos compete é investigarmos em que medida isso ocorre. A percepção dessa interação entre o meio social e a arte nos instigou a realizar este estudo comparado entre essas obras de Graciliano Ramos e Pepetela.

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu no dia 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, Alagoas, onde realizou seus estudos primários enquanto trabalhava na loja do pai que era comerciante. Durante a sua adolescência a família morou em outros municípios de Alagoas e Pernambuco. Em 1914, Graciliano Ramos vai ao Rio de Janeiro, capital brasileira à época, onde trabalhou como revisor nos jornais *Correio da Manhã*, *A tarde* e *O Século*. Retornou para Alagoas em 1915. Em 1927 foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, mas renunciou ao cargo e passou a dedicar sua vida à literatura e à educação, ocupando vários cargos políticos, inclusive Inspetor Federal de Ensino.

Segundo o pesquisador Moacir Medeiros de Sant'ana (1992, p. 16), Graciliano guardava de si mesmo a memória de um menino amargurado, o fruto de uma infância demasiadamente rígida. O próprio romancista descreveu seu pai como “um homem sério, de testa larga, uma das mais belas que já vi, dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda [...] terrivelmente poderoso, essencialmente poderoso (...) não economizava pancadas” e ao pintar o quadro da severidade da mãe, o autor não poupou os adjetivos, descrevendo que ela era “uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, (...) boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura, [...] miúda e feia”.

A postura dos pais de Graciliano criou um ambiente familiar cheio de privações e castigos, onde o menino sentia mais medo e tristeza do que alegria e segurança. Um lugar onde quase tudo que faz parte do comportamento infantil era proibido, como falar alto, sorrir e brincar com outras crianças. Era um mundo de exclusões que repetia em todas as crianças nordestinas, sobreviventes da natureza hostil dos pais e da vegetação. As pancadas do pai e os olhos maus da mãe não eram exclusividade dos pais de Graciliano, mas uma constante na maneira de educar da maioria dos pais do interior nordestino, provocando momentos de angústia na infância encarcerada daquelas vidas secas dos pequenos sobreviventes das Alagoas.

A educação familiar confundia-se com “bolos, chicotadas, cocorotes e puxões de orelhas”. A mínima transgressão implicava admoestações humilhantes e/ou castigos brutais. Em uma síntese magistral, Graciliano descreveria o impacto desses corretivos na sua alma: “Medo. Foi o medo que

me orientou nos primeiros anos. Pavor” [...]. Paradoxalmente, em um dos raros momentos de afeto da mãe, Graciliano percebeu, pela primeira vez, o “valor enorme das palavras” (MORAES, 2012, p. 24 e 26).

Segundo Dênis de Moraes (2012, p. 21 e 22), a vida simples e tão penosa do pequeno Graciliano o fazia sonhar com os livros. Dispensados os livros escolares, almanaques e folhinhas que ele já consumia com avidez, impaciente; almejava por “livros que saciassem o seu desejo de mergulhar em uma espreguiçadeira e, empoeirado, sujo de cal, sentindo o cheiro das tintas, passar horas adivinhando a narrativa”. Mas, segundo o pesquisador, como o menino poderia conseguir tais livros em Viçosa, “uma cidade de solo abrasado e sertanejos de olhar melancólico”, senão na sedutora biblioteca do tabelião, a “porta de entrada para terras inóspitas e segredos bem guardados”.

A escrita de Graciliano Ramos é o reflexo da ambiência vivida em todas as fases de sua vida. Os títulos de suas obras e até mesmo o de capítulos sempre retomam momentos, às vezes, exclusivos do autor. Temos como exemplos os romances *Infância* e *Memória do cárcere* como os mais específicos para este quadro. Outros grandes romances de Graciliano são resultados da condição social dos brasileiros oprimidos por alguns fatores sociais, como é o caso dos meninos do sertão tão bem representados em *Vidas secas*.

Apesar da confissão do apego que tinha pela prosa, Graciliano iniciou sua escrita literária produzindo poemas quando tinha apenas trezes anos, o que acontecia com nove de cada dez aprendizes de poetas da época. Não deixou de demonstrar grande admiração por Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira e outros ao dizer que os versos desses poetas são verdadeiramente artísticos. Daí o seu rigor com a métrica e a rima, estilos que influenciaram os poetas parnasianos. Escreveu e publicou seus primeiros textos dentro dos limites provincianos, o *Jornal de Alagoas* e o *Correio de Maceió*, assinando-os com pseudônimo. No romance, gênero literário em que Graciliano destacou-se, honrou a sua capacidade de lidar com as palavras e penetrar surdamente em seu reino, como escreveu o poeta Carlos Drummond. Assim, escreveu seu primeiro romance, *Caetés*, em 1928 enquanto era prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, e consecutivamente, outros textos literários carregados de uma linguagem e de uma imagem própria de Graciliano como veremos adiante.

Ainda nos limites de uma literatura acanhada, dia 10 de março de 1935 Graciliano Ramos escreveu em *Diário de Pernambuco* a sua insatisfação a respeito dos quatrocentos anos de colonização literária do nosso país que viveu sob os “retalhos de coisas velhas e novas importadas da França, da Inglaterra e da Rússia” (RAMOS, 2012, p. 137 e 138).

Acrescentou, ainda, a sua preocupação com o medo que temos de sermos nós mesmos, de tentarmos reproduzir a língua, as ideias, a vida de outras terras. Essa atitude de um país colonizado, segundo Graciliano Ramos, padronizou como elite a música, a dança, o jogo, o esporte, a política, os bens de consumo e o modo de negociar vindos dos europeus e americanos, sem nenhuma tradução dos nomes. Tudo isso mesmo num tempo em que “os rios estão secos, o gado morre, a lagarta rosada deu no algodão. Tudo tão pobre...” (RAMOS, 2012, p. 116 e 117). E questiona: “Para que esse bando de coisas de nomes esquisitos? Não era melhor que continuássemos a cultivar o terço, o reisado, o pastoril, a quadrilha, a cavallhada, o bozó pelo natal, as sortes em noites de S. João? Isso é nosso e é barato. O resto é dos outros e caro” (p. 117).

Nessa época em que o romancista brasileiro iniciou seus escritos o nosso país passava por várias alterações políticas, econômicas e sociais. Desde a Proclamação da República em 1889 até 1930 vigorava no Brasil a República Velha, período de aliança política entre os estados de São Paulo e Minas Gerais, a política do café com leite, que reservava para esses estados os maiores interesses políticos e econômicos, revezando a presidência do país entre eles. O fim da aliança política entre São Paulo, maior produtor de café, e Minas Gerais, o maior produtor de leite, daí o nome da aliança café com leite, deu-se com o início da Era Vargas, período que o gaúcho Getúlio Vargas governou o Brasil por quinze anos consecutivos, de 1930 a 1945, tendo iniciado o seu governo através de um golpe militar e, conseqüentemente a instauração de uma ditadura que lhe dava poderes quase ilimitados.

O último período da Era Vargas recebeu o nome de Estado Novo, de 1937 a 1945, em homenagem ao regime político instaurado por Salazar em Portugal, de igual nome, e também conhecido como ditadura de Salazar, igualmente no Brasil, a ditadura de Vargas. A implantação do Estado Novo tinha como prioridades, segundo Vargas, promover a paz política e social entre o povo brasileiro, diminuir a tensão social em relação à entrada do comunismo no país e assegurar o bem-estar do povo com o apoio das forças armadas. O Estado Novo promovia grandes manifestações patrióticas, cívicas e políticas apoiadas pela imprensa e os livros didáticos que eram dominados por esse regime, além das palavras de ordem contra o movimento comunista.

Segundo o movimento comunista, muitos líderes e simpatizantes de suas agremiações foram e permaneceram presos por vários meses e até anos sem a instauração de um processo judicial ou mesmo uma acusação formal. Além do líder comunista Luís Carlos Prestes, que permaneceu preso durante toda a ditadura de Getúlio Vargas, alguns jornalistas, escritores e

intelectuais como Monteiro Lobato e Graciliano Ramos viveram as angústias da Casa de Detenção da ditadura Vargas.

Após exercer vários cargos políticos em Alagoas, dos quais demitia-se ou era demitido, Graciliano Ramos foi preso em 1936 em Maceió e transferido para o Rio de Janeiro. A pretensão do governo Vargas era tirar do meio da sociedade todas as pessoas de influência que criticavam ou não apoiavam o seu sistema político. Portanto, as questões de ordem ideológicas foram determinantes para a prisão de Graciliano, visto que o mesmo seguia à risca os seus princípios, tornando todos iguais, premiando os que mereciam e defendendo os professores. A prisão do escritor e político aconteceu, ainda, em decorrência de acusações de ter participado no movimento político denominado Intentona Comunista ou Revolta Vermelha de 35, que teve como objetivo a instauração de um golpe político-militar contra o Governo de Getúlio Vargas realizado em 1935 pelo então Partido Comunista do Brasil (PCB). Esse movimento inscreveu-se como conspiração de natureza político-militar pelas suas reivindicações políticas imediatas contra a oligarquia, o autoritarismo e outros regimes políticos geradores das desigualdades sociais no país.

Como fruto dos nove meses de prisão por uma acusação falsa, o livro *Memórias do Cárcere* rompeu o silêncio de dez anos de um caso passado na vida de Graciliano, conforme afirma Antonio Candido (1992, p.54), como sendo um livro de depoimento de um adulto que “se empenha nas coisas do século, sendo preso, jogado de um canto para outro e descendo a fundo na experiência dos homens”. Passado esse período de prisão onde lhe raparam a cabeça, a navalha e sem nenhum interrogatório, o escritor é libertado por decisão unânime do Supremo Tribunal Militar, e combalido pelos sofrimentos físicos e morais, como resultado de uma prisão injusta e arbitrária, Graciliano decide morar no Rio de Janeiro com a família. Ocupou um quarto de pensão, espaço em que escreveu *A Terra dos Meninos Pelados*, história premiada pelo Ministério da Educação e Cultura num concurso de Literatura infantil em 1937, e *Vidas secas*, o primeiro romance latino-americano escolhido para ser publicado pela Universidade do Texas, em 1963. Desde esse período não regressou mais ao nordeste, porém, as suas obras continuaram a refletir a realidade do seu povo, da sua região, do seu país.

A participação de Graciliano Ramos como militante comunista aconteceu apenas dez anos depois da sua prisão, quando ingressou no Partido Comunista do Brasil em 1945, ano em que o PCB entrou na legalidade através da redemocratização. O escritor brasileiro admitiu que era necessária a destruição do capitalismo, candidatando a deputado federal por Alagoas nesse mesmo ano. Ele admitiu, enquanto visava o pleito eleitoral, ter entregue “de corpo e alma a um Partido – Partido Comunista do Brasil – o único, estou certo, capaz de livrar-nos da

miséria em que vivemos” (SANT’ANA,1992, p. 89). Porém, Graciliano e nenhum outro candidato do PCB foram eleitos naquele ano de 1945.

Em 1952 o nosso escritor viaja para a União Soviética e à Checoslováquia, visitando ainda a França e Portugal, regressando enfermo para o Rio de Janeiro. Piorando o estado de saúde, ele viaja para Buenos Aires à procura de tratamento, onde foi operado, porém, sem obter êxito. Em 27 de setembro, foi assinalada a passagem dos 60 anos de Graciliano, reunindo amigos e admiradores no salão nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, presidida, neste ato por Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras. Discursaram sobre a personalidade e suas obras os amigos José Lins do Rego, Jorge Amado, Jorge de Lima e outros. A filha do escritor, Clara Ramos, na ausência do pai gravemente enfermo, encerrou o ato com palavras de agradecimento. Cinco meses depois, Graciliano Ramos faleceu no Rio de Janeiro aos 60 anos, recebendo mais honras em sua morte do que em vida.

De acordo com Coelho (1978, p. 72), Graciliano sentiu na própria carne que mesmo quando queremos, jamais podemos nos entregar totalmente. Porque os sinais da nossa entrega surgem deturpados exteriormente; “porque toda palavra trai o pensamento, as lágrimas não mostram senão a superfície da dor, o riso não consegue mostrar a alegria da alma”. Por isso os homens parecem estar misturados, ligados uns aos outros quando em coletividade, mas não se misturam, não se ligam; vivem isolados, na solidão. Mais ainda a alma dos homens imprescindíveis, daqueles que pensam, analisam e refletem. Graciliano era um desses. Como tarefa do seu ofício não contemplava apenas as coisas e os homens, mas a própria consciência deles, realizando uma análise intrínseca através do seu senso crítico.

Algumas obras de Graciliano foram publicadas após a sua morte, acrescentando a fortuna crítica de seus estudiosos. Entre os críticos que melhor pontuam as obras de Graciliano, destacamos aqui a leitura que Antonio Candido faz do escritor:

Para ler Graciliano Ramos, talvez convenha ao leitor aparelhar-se do espírito de jornada, dispondo-se a uma experiência que se desdobra em etapas e, principiada na narração de costumes, termina pela confissão das mais vividas emoções pessoais. Com isto, percorre o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa, a prisão, vendo fazendeiros e vaqueiros, empregados e funcionários, políticos e vagabundos, pelos quais passa o romancista, progredindo no sentido de integrar o que observa ao seu modo peculiar de julgar e sentir. De tal forma que, embora pouco afeito ao pitoresco e ao descritivo, e antes de mais nada preocupado em ser, por intermédio de sua obra, como artista e como homem, termina por nos conduzir discretamente a esferas bastante várias da humanidade, sem se afastar demasiado de certos temas e modos de escrever (CANDIDO, 1992, p. 13).

Essa leitura que Candido faz das obras de Graciliano, demonstra o “espírito de jornada” empenhado por este escritor na construção dos diversos espaços narrativos, a maioria deles sombrio, e na construção das personagens que nos conduzem ao mundo político, social e ao mundo dos anônimos, dos excluídos. O espírito de jornada do escritor brasileiro condiciona o estudo comparado de suas obras com outras diversas obras, mesmo pertencendo a épocas, estilos, culturas e temáticas diferentes, pois nos estudos comparados a apresentação das rupturas também é muito significativa.

O estudo da literatura comparada permite-nos, entre outros aspectos, estabelecer paralelos e confrontos entre determinadas obras, pontuar as convergências e divergências nas mesmas e refletir a respeito do discurso de seus autores por meio das representações; pois o seu conceito busca estabelecer relações entre literatura, história, política e outras ciências ou artes ultrapassando os limites de um país ou de uma língua em particular; mas que em sua autonomia a disciplina “literatura comparada tem seu objeto e método próprios. O objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo”. (NITRINE, 2010, p. 24).

Nesse sentido, quando analisamos essas obras de Graciliano Ramos e de Pepetela, nos interessa aprofundar o estudo comparado dos espaços sócio-políticos que conduzem os meninos ao estado de exclusão social. Os fenômenos da seca e da guerra apresentados nos romances são as “causas inspiradoras” que levaram os autores a manifestar suas críticas ao sistema político de cada país que anulou as possibilidades de inclusão social dos indivíduos.

É incontornável discutir sobre a literatura angolana sem tratar do fenômeno da guerra entre Portugal e Angola durante os anos de 1961 a 1975. Lembramos, então, do período em que a ditadura militar portuguesa se intensificou sobre esse país africano a partir de 1928 quando António Oliveira Salazar, professor na Universidade de Coimbra, assumiu o ministério das finanças em Portugal, após a consumação do golpe político praticado pelas Forças Armadas deste país, como já tinha acontecido em outros países europeus. Com Salazar no poder, foi promulgada, em 1933, uma nova constituição em Portugal, denominada por ele mesmo de Estado Novo, como já referimos ao tratar desse período no Brasil. Foi nesse período que o governo intensificou o seu novo regime através de uma política de repressão às liberdades individuais, de imprensa, de direito à greve e outras. Assim, a influência de Salazar

dominou todos os setores da vida portuguesa e de suas colônias, pois o seu governo, o salazarismo, caracterizava-se pelo imperialismo colonial e nacionalismo português.

Após alcançar a desejada ocupação efetiva de Angola, Salazar consolidou nesse país o seu regime ditatorial garantindo uma boa economia para Portugal através do elevado número de portugueses que passaram a viver em terras angolanas e o pagamento de impostos e taxas abusivas que os angolanos foram obrigados a pagar, mesmo depois de perderem seus direitos de cidadania.

Durante o período colonial, Angola sofreu vasta exploração dos seus recursos naturais bem como o apagamento da sua cultura devido à presença e a imposição da cultura europeia. Os portugueses colonizaram Angola com o objetivo de transformar o país no principal mercado de escravos para o Brasil, inicialmente nas plantações de cana de açúcar. Mais tarde, por volta do século XVIII, o país funciona como um reservatório de escravos para as plantações e minas do Brasil e de outras colônias portuguesas no continente africano.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, 1945, iniciou a articulação de um movimento de resistência contra a dominação colonial ocorrida no continente africano. O desejo que impulsionou a descolonização alcançou também os países dominados por Portugal, inclusive Angola, visando à transformação das colônias em países independentes. Depois de todas as barbáries praticadas pelos portugueses contra o povo angolano, finalmente no início dos anos 1950 três movimentos de libertação desencadearam uma luta armada contra o colonialismo português: o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, o FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola e UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola.

O governo de Salazar durou até 1974, quando aconteceu em Portugal a Revolução dos Cravos, um golpe militar que pôs fim à ditadura naquele país. Com a tomada do poder, os novos detentores manifestaram apoio imediato à independência das colônias portuguesas, provocando a cessação dos combates das forças militares portuguesas em Angola. Em 11 de novembro de 1975 veio a independência de Angola após os 14 anos de conflito armado, denominado pelos portugueses de Guerra Colonial e pelos africanos, de Guerra de Libertação Nacional. Assim, a Angola tornou-se o último país independente de Portugal, consideradas sua extensão territorial e riqueza petrolífera.

Nesse país de extrema riqueza oculta e miséria escancarada, nasceu na cidade de Benguela, no dia 09 de outubro de 1941, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, que assina sempre como Pepetela (que significa pestana na língua umbundo). É um dos mais expressivos escritores da literatura angolana ao lado de Luandino Vieira. Dedicou-se a

escrever, através da ficção, a história de Angola numa perspectiva revolucionária durante e depois de combater na frente leste de seu país junto ao MPLA. Produziu suas obras com liberdade de expressão, mesmo antes da independência, refletindo a situação política e social do país. Ocupou vários cargos políticos e de liderança em Angola, chegando a ser vice-ministro da educação no governo de Agostinho Neto.

Pepetela é angolano de ascendência portuguesa, pois seus pais, embora, nascidos em Angola eram filhos de colonos portugueses. Nasceu e cresceu num ambiente abastado, sendo visto como menino de classe média. Após concluir os estudos primários e secundários, Pepetela foi para Lisboa onde permaneceu durante os anos de 1958-1960, período em que ingressou e desistiu dos cursos de Engenharia e Letras.

O escritor angolano tem sido dirigente de associações culturais com destaque para UEA – União dos Escritores Angolanos e a Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. Em 1984, licenciou-se em sociologia enquanto esteve exilado em Argel e nos últimos anos foi professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, capital de Angola. Pepetela afirma que mesmo quando não está a dar aulas sempre é professor. Ele entende que é um dever lecionar num país com tanto analfabetismo, e uma forma de estar em contato com as novas gerações, de perceber os seus anseios e receios.

Através da literatura o autor procura demonstrar o seu amor pela pátria e refletir a história contemporânea de Angola através dos diversos romances escritos sob dois aspectos: o desejo da independência e a desilusão do período pós-independência. Algumas de suas obras não representam, necessariamente, os conflitos que envolveram o país angolano, como é o caso de *Muana Puó*, o primeiro romance a ser escrito ainda em 1969, sem pretensão de publicação.

Já *As aventuras de Ngunga* tornou-se um dos romances mais conhecidos de Pepetela. Segundo o autor, o livro foi escrito nas manhãs de dez dias debaixo de uma árvore em plena floresta do leste de Angola enquanto combatia contra o colonialismo português. Em entrevista cedida a Carlos Serrano em 1985, Pepetela disse que *As aventuras de Ngunga* foi

Escrito [...] para ser publicado. Não como livro, mas como folhas, na escola. Aí talvez se veja melhor, já há uma preocupação didática. A questão da linguagem já é muito mais cuidada para ser entendida por crianças. Os temas tratados mais resumidamente. Mais ou menos todos os capítulos focaram com o mesmo tamanho, até. Havia uma preocupação didática, podiam ser distribuídos. Aí foi escolhida a ficção por ter maior impacto, as ideias passavam, as crianças e os guerrilheiros também podiam ler, interessar-se-iam por que era uma obra de ficção (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 39 e 40).

O romance tem como enredo a trajetória de um menino órfão, o pioneiro Ngunga, que desbrava as florestas angolanas mapeando o caminho para a libertação do seu país. Apesar de todas as adversidades que enfrenta, o menino vai aprofundando seus conhecimentos de mundo, mesmo sofrendo as transformações físicas e emocionais até tornar-se um guerrilheiro. A atitude de Ngunga é um desafio a todo povo angolano que sonhava com a liberdade, mas não conhecia o caminho para conquistá-la. O mundo lhe era desconhecido, as forças tradicionais, às vezes, gritava mais forte do que o poder do amor, e a ganância e a corrupção, mesmo entre o próprio povo, sucumbiam os valores de humanidade. A busca do menino se finda quando ele entendeu que era preciso frequentar a escola, pois a liberdade viria com o nascimento do novo homem, homem este que seria moldado pelos atributos advindos da escola.

Além de *As aventuras de Ngunga*, o romance *Mayombe* também foi escrito no contexto de luta armada contra os portugueses. Das obras escritas no período pós-independência, podemos destacar *A Geração da Utopia* e *Predadores*. Ainda na literatura, merecem destaques as duas peças de teatro escritas por Pepetela: *A corda*, em 1978 e *A Revolta na Casa dos Ídolos*, em 1980. Para consagração de autor como sendo um dos maiores escritores contemporâneos de língua portuguesa, em 1977 Pepetela recebeu o Prémio Camões – o maior de todos os galardões que um escritor de língua portuguesa pode receber.

A participação de Pepetela na luta política de seu país é um legado ainda do período da sua adolescência, ocasião em que o autor angolano procurou interagir suas ideias com as de um tio que era jornalista, e este o apresentou a vários pensadores da esquerda. Mais tarde, enquanto estudava, conviveu com um padre que lhe informou sobre a revolução e outros acontecimentos previstos. Provavelmente o relacionamento com o tio e o discipulado no colégio tenha produzido fortes alicerces para essa postura crítica na personalidade de Pepetela enquanto intelectual africano. Embora tenha lutado a favor de uma nação livre e participado do governo pós-independência, o mesmo que permanece no poder até hoje, Pepetela, enquanto cidadão angolano não compactua com a ganância e a usura praticadas por aqueles que estão com o poder nas mãos. Assim, podemos entender a visão de mundo que norteia os pensamentos e ações do escritor. Os atos de reprovação ao sistema de governo angolano estão registrados em seus discursos e entrevistas ao longo desses anos de falsa liberdade que o país atravessa. Atentamos para os fragmentos do discurso proferido “*Oração de Sapiência*” no

início do ano letivo de 2009 (13/03/2009) na Universidade Agostinho Neto e publicado no Diário da África em 17/03/2009:

...Os colonizadores, nos anos sessenta e setenta do século passado, repetiram tantas vezes esta lenda, que ela passou a fazer parte do nosso código genético, por assim dizer, e agora é difícil voltar atrás e admitir o contrário, que somos de fato e por enquanto, apesar de algumas indubitáveis vitórias, um país miserável, incapaz de alimentar suficientemente os seus filhos, incapaz até agora de matar no ovo as diferentes epidemias que nos assolam, incapaz de avançar numa clara política de desenvolvimento sustentado. [...]

Mantida em relativo silêncio, a ganância no entanto pauta cada vez mais as nossas vidas. Há pessoas que são tão viciadas nela como outras são na heroína ou na liamba. Quanto mais riqueza têm mais querem ter... poderosos predadores que um dia saíram do nada para a fortuna, abocanhando tudo que seja tragável. [...]

Um marcador que serve para acompanhar os países em função das diferenças entre as partes do sistema social é o chamado índice de Gini, que em Angola, segundo um estudo, atingiu em 2005 um taxa de 0,62%. Este número revela uma das mais fortes diferenciações sociais do mundo. Quer dizer os ricos são muito ricos e os pobres são muitíssimo pobres [...]. Precisamos imprimir ética no mercado e nos mercadores. E que os cidadãos, quaisquer que sejam, não só cumpram as leis mas se sintam honrados por as cumprir. Isso é ética (DIÁRIO DA ÁFRICA, 17/03/2009).

O discurso de Pepetela propiciou um momento de reflexão a respeito das condições de vida do povo angolano que tem suportado as piores mazelas entre a maioria das pessoas que vive na condição de miserável, a ganância dos políticos predadores e seus aliados que oferecem à sociedade os sobejos de suas glórias adquiridas a qualquer preço. Às vezes, o preço da vida alheia, da vida daqueles que sobrevivem sem moradia e alimentação adequadas, sem saúde, saneamento básico, segurança e outras prestações de serviços públicos.

Ainda em entrevista intitulada *Pepetela: Pelo amor recíproco entre Brasil e África* cedida no dia 15/02/2012 ao portal de comunicação *Jornalismo*, o autor fala de lusofonia, racismo, liberdades individuais, aprisionamentos econômicos e literatura. De início Pepetela diz que “a lusofonia é um mito forjado a poucos e não vai ter grandes frutos se continuar a insistir que o que nos une é só a língua”. Quando interrogado sobre a consolidação da nação angolana, o escritor explica que Angola existe como nação, mas que ainda não alcançou a integração, a consolidação, pois ainda existem diferenciações e sentimentos centrífugos em várias partes do país e isso levará tempo para ser resolvido. Ao comentar sobre os ideais

socialistas da revolução liderada por Agostinho Neto, afirma que de tudo restauram alguns discursos e que hoje isso se transformou no reino do capitalismo selvagem. Assim, o racismo é crescente, a democracia é vigiada, a liberdade de imprensa e as manifestações individuais não são completas totalmente.

Sobre a relação do escritor angolano com a literatura brasileira, mencionamos a propósito, a sua admiração por alguns dos nossos escritores. Pepetela reconhece a “grande influência dos escritores brasileiros que lia e relia quando muito jovem [...]. Foram os meus mestres” (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 36). Segundo ele a literatura brasileira o levou a ser mais sensível às injustiças sociais que via todos os dias e a lutar contra elas, o que aconteceu logo aos seus dezessete anos. Isso porque nossa literatura, de acordo com Pepetela, mostra realidades sociais, por exemplo, a do nordeste, muito próximas das que ele vivia em Benguela.

Dessa relação com a literatura brasileira encontramos, por exemplo, no romance *A Geração da Utopia* (PEPETELA, 1992), a sua admiração pela nossa literatura quando o narrador enfatiza como os novos escritores angolanos foram influenciados pelos poetas e romancistas brasileiros. O escritor angolano foi leitor de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade e outros, admitindo a interação desses na sua produção literária. Nesse romance, através do narrador, ele instiga

os outros a lerem Drummond de Andrade, na sua opinião o melhor poeta de língua portuguesa de sempre. Qual Camões, qual Pessoa, Drummond é que era, tudo estava nele, até a situação de Angola se podia inferir na sua poesia. Por isso vos digo, os portugueses passam a vida a querer-nos impingir a sua poesia, temos a de estudar na escola, e escondem-nos os brasileiros, nossos irmãos, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima da que falamos nas cidades. Quem não leu Drummond é analfabeto (PEPETELA, 1992, p. 32).

Agora, apoiados na crítica de Pepetela, é justo lembrarmos o domínio e a imposição das literaturas europeias sobre os países chamados periféricos conforme mencionamos no início deste trabalho. Assim, a escola, na maioria das vezes, tem conduzido os alunos a muitos sonhos que raramente serão alcançados, exatamente porque ela torna conhecido em primeiro lugar aquilo que é universal e omite o ensino da cultura local ou de maiores similaridades como vimos na citação. É preciso ministrar um conhecimento com projeção do local para o universal e não do universal para o local. Assim, entendemos o papel da literatura na escola quando ministrada como arte que colabora para a criação de um país independente, de pessoas

livres da alienação ao que vem de fora, de crianças com liberdade de construir seu próprio mundo; uma literatura nacional própria que, ao contrário de copiar ideias, possa instigar os alunos a pensar, a criar ideias consoantes ao chão da sua terra. Para o escritor angolano, o seu maior desafio agora é “desafiar o povo angolano a serem capazes de pensar. Para tentarem fazer qualquer coisa que não seja uma cópia [...] É melhor cometermos erros com a nossa cabeça do que cometer erros com a cabeça dos outros” (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 47).

O ideal de Pepetela é acreditar para que as coisas aconteçam, e para isso é necessário o povo começar a pensar junto ainda que cometa erros. A partir da luta pela independência que uniu as vontades de vários líderes políticos, com diversas formas de pensar, mas com o mesmo objetivo, agora existe certa esperança de que tudo é possível em Angola, inclusive de criar os próprios modelos de política, economia, educação inventados pelo próprio povo e não copiado do exterior. Esse ideal de Pepetela pode alcançar todos os países africanos e aqueles de estreitos relacionamentos históricos como o Brasil.

Na entrevista já referida, Pepetela fala a respeito das relações históricas entre Brasil e Angola, e afirma que no governo Lula (2003-2010) houve um conhecimento melhor do relacionamento histórico entre os dois países, mas que ainda há uma relação desequilibrada com a Angola querendo envolver todos os aspectos e o Brasil interessado apenas em alguns negócios. Quando perguntado do absoluto desconhecimento que os brasileiros têm de Angola, especialmente das raízes africanas em grande parte da população, o sociólogo respondeu o que decidimos transcrever na íntegra:

O Brasil tem uma parte muito importante da população com raízes longínquas em Angola. Como não tem havido esse trabalho de procurar e de dar a conhecer aos brasileiros essas origens, acontece que elas ficam sempre na ordem do mito, da lenda, com cada brasileiro afrodescendente julgando vir de um príncipe africano, quando, na realidade, foi muito raro o príncipe tornado escravo, antes pelo contrário, os príncipes africanos faziam escravos e vendiam-nos para o Brasil. Pode não ser graves em termos individuais e até pode ajudar a alguma auto-satisfação, mas os mitos mais cedo ou mais tarde podem desvanecer-se. Por outro lado, há muitos brasileiros que não reconhecem terem raízes africanas, desprezando os que declaradamente têm. Esse alheamento e preconceito não ajudam a terminar de vez com o racismo existente no Brasil, apesar das leis e do trabalho do governo (Jornalismo, 15/02/2012).

No final da entrevista, quando interrogado sobre qual é o sonho que o escritor gostaria de ver realizado nas relações entre África, Angola e Brasil, Pepetela respondeu: _ “Que o

amor fosse recíproco. Neste momento, é um namoro de amor por parte de África. E um de interesse por parte do Brasil (de algumas forças que se manifestam, não do todo)”.

Assim, percebemos que o desejo do escritor angolano vai além das relações do contexto linguístico e até mesmo literário, pois o escritor engajado cria laços de afetividade que ultrapassam as fronteiras lingüísticas e literárias alcançando sempre a soma do bem comum à toda humanidade. O escritor engajado penetra no mundo dos condenados da guerra e dos excluídos pela seca, e ali permanece atento às condições político-sociais em que vivem os homens dos seus dias.

Para Abdala Junior (1989, p. 69), o escritor realiza um mergulho “incondicional” nos vários níveis das várias culturas de um país. Nesse momento o crítico brasileiro referia-se às séries culturais populares de Angola, afirmando a necessidade de o escritor abandonar as posturas acríicas e apriorísticas para a realização de tal trabalho. Segundo ele “Nesse ‘incondicional’ do mergulho, entendemos que o escritor não pode alienar sua perspectiva criativa”, deve, porém, ativá-la para alcançar as perspectivas populares. Logo, acrescentamos que ação crítica e participativa de um escritor que faz das palavras um arsenal para a luta política, buscando entender as inquietudes das classes desfavorecidas, é o que o difere de escritor intelectual para o ideólogo. Enquanto este ciranda o contorno de uma situação-problema com suas ideias abstratas evitando confrontar a realidade com ações participativas, o primeiro penetra no “abismo” conflitante do seu eu e da sociedade desalienando as perspectivas sociais que estão enoveladas por vãs ideologias de homens sem talento, sem visão de mundo e de humanidade.

A visão de mundo do escritor engajado está na contemplação dos olhos do seu próprio povo e como a aurora do dia seguinte alcança os olhos do mundo inteiro. Graciliano Ramos e Pepetela estão no grupo desses escritores que baixaram as pestanas para observar os ramos humanos que sucumbem por causa do sistema político e econômico que vigora no Brasil e em Angola. Ao tematizar a exclusão social vivida pelo sertanejo nordestino e a perspectiva do papel ativo da escola na vida dos filhos de Fabiano, Graciliano discute algumas das necessidades dos homens do seu país e do mundo inteiro, como a inclusão social e a busca pelo conhecimento. Os lugares que ele inventou e as personagens que criou, sendo elas animais, homens, mulheres e meninos dialogam com as mesmas aspirações encontradas nos espaços e personagens imaginados por Pepetela. Se Graciliano tomou para si, além daquelas que já eram suas, as angústias dos excluídos e oprimidos, tornando-se um deles; Pepetela aliou-se aos perseguidos e dominados cotejando a brutalidade das armas com a sensibilidade da caneta num espaço de guerra e alienação.

Consideremos outras colaborações de Abdala Junior (2003) em relação aos estudos das literaturas de língua portuguesa emprestando as ideias que estão publicadas em um dos artigos que compõem o livro *De voos e ilhas: literatura e comunitarismo*. No artigo intitulado *Algumas Observações sobre a Comparação entre Escritores Engajados das Literaturas de Língua Portuguesa*, o pesquisador trata das similaridades que proporcionam uma base para os estudos comparativos ou que apontam “perspectivas de modelizações do imaginário político das tendências literárias engajadas numa visão de conjunto” (p. 104).

Com essa estratégia política, os escritores engajados somam forças para que as produções literárias de língua portuguesa situem-se no contexto internacional, atingindo o horizonte de expectativas que ultrapasse as fronteiras de cada país de língua oficial portuguesa. Nesse sentido, os escritores engajados lutam para desideologizar um fator de risco social denominado por Abdala Junior de “articulações alienantes” (p. 107) que manipulam os contatos culturais evitando a dinâmica das literaturas de língua portuguesa. Assim,

Os escritores engajados estão comprometidos com a transformação e suas perspectivas críticas não lhes permitem descartar a experiência alheia, o que muitos dos assim chamados “brazilianistas”, “africanistas” ou “lusitanistas” parecem não compreender. Motivam esses estudiosos, às vezes bem-intencionados, o tradicionalismo e o folclorismo, quando no horizonte do escritor engajado está a modernização (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 107).

Quando o escritor engajado faz da modernidade um produto de estratégia discursiva, a sua palavra causa um impacto de transformação no meio social, pois esta confronta com o poder político propondo rupturas em seu sistema ideologizado. Graciliano Ramos e Pepetela mergulharam nas experiências próprias e alheias, apontando suas perspectivas críticas aos sistemas opressores dos lugares e épocas representados por suas obras. Motivados mais pela modernização do que pela percepção, ao escreverem, esses escritores engajados tomaram sobre si, também, as experiências coletivas, abrindo caminhos para a inserção social, pois “quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que se inscreve através dele. Na sua escrita está uma confluência de práxis coletivas [...]” (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 112).

Movidos pelo senso de coletividade, os escritores engajados lançam seus olhares ultrapassando os limites do local para o universal sem perderem as apropriações do trabalho artístico, permanecendo focados no comprometimento de revelar as carências reais do seu povo e de toda a humanidade. Por isso a produção dos escritores engajados está assinalada

com “marcas sociais e históricas” que representam as realidades do passado e do presente e criam possibilidades de profundas transformações sociais para o futuro.

Assim, para compararmos essas obras de Graciliano Ramos e Pepetela, *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga*, respectivamente, entendemos ser pertinente estes apontamentos das similaridades dos discursos desses escritores engajados pertencentes a essas literaturas do mesmo sistema linguístico. Acatamos a necessidade de apresentarmos um pouco da vida e obras desses homens imprescindíveis para o avanço das literaturas de língua portuguesa bem como para a expansão da visão de mundo que pode construir um espaço social e político mais justo para a humanidade. Entre a palavra poética e a luta política, Graciliano Ramos e Pepetela assinalaram caminhos para a inclusão social e o sentimento de pertencimento para o seu povo e os povos do mundo inteiro.

CAPÍTULO II

1.0 GRACILIANO RAMOS E OS EXCLUIDOS PELA SECA

Realizou-se em literatura o que indivíduos importantes não conseguiram em política: tornar independentes várias capitanias desta grande colônia.

Graciliano Ramos

Os intelectuais têm o direito e o dever de exprimir as suas opiniões e até revoltas. Os governos têm de aprender a conviver com isso como coisas normais.

Pepetela

Através de *Vidas secas*, Graciliano Ramos denuncia a situação miserável do homem sertanejo na região nordeste como resultado da seca que assolou o sertão durante os anos 30 e 40 do século XX, mas que se estendeu a outras áreas do país. A consequência da omissão do poder político em reparar as necessidades do homem em relação ao flagelo da seca dizimou as mínimas condições de sobrevivência do sertanejo que alienado pelo sistema político-social sucumbiu a mais terrível degradação. Neste romance Graciliano aborda a temática da exclusão social vivida pelas personagens em retirada, tecendo uma crítica ao descaso do sistema político em relação à vida social dos brasileiros, especialmente dos nordestinos que viveram nesse período. Tudo isso é contraditório aos “romances açucarados” escritos nessa mesma época.

Em *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi (1994) apresenta um estudo do período literário do país depois de 1930 ao tratar das tendências contemporâneas da nossa literatura. Para Bosi, a nossa contemporaneidade é resultado de uma realidade econômica, social, política e cultural que se estruturou depois de 1930, pois as décadas de trinta e quarenta deram início a grandes ensinamentos a nossos intelectuais. Entre as “muitas coisas úteis” que esse período veio ensinar, importa-nos lembrar do tenentismo liberal e da

política getuliana que aboliram, em partes, o velho mundo, “pois compuseram-se aos poucos com as oligarquias regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias, embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias” (BOSI, 1994, p. 384). Assim, aos escritores que amadureceram depois de 1930, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, ficou reservada a compreensão dos velhos e novos problemas surgidos pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive, criando uma prosa de ficção encaminhada, segundo Bosi, para o “realismo bruto”, beneficiada amplamente pela “descida” à linguagem oral, ao brasileirismo e aos regionalismos.

O panorama literário do Brasil de 1930 a 1945 apresentava, primeiramente, a “ficção regionalista, o ensaio social e o aprofundamento da lírica moderna num ritmo que oscila entre “o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza” (p.386). A ficção regionalista apresentava uma paisagem familiar, construída a partir da decadência do nordeste, as crescentes agruras da classe média durante esse período de crescente urbanização e os conflitos internos surgidos entre as diferentes classes sociais e políticas.

Dessa forma, as décadas de trinta e quarenta serão lembradas como “a era do romance brasileiro”, não só da ficção regionalista que consagrou os clássicos de Graciliano Ramos, de José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo; mas também da prosa cosmopolita. Alguns acontecimentos políticos e econômicos marcaram esse período de transição literária como os abalos que a sociedade sofreu devido a crise cafeeira, a Revolução de 30, a crise instaurada no nordeste devido a seca, condicionando novos estilos ficcionais, segundo Bosi, “marcados pela dureza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada do naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia” (p.389).

Sendo assim, aqueles romancistas preferiram denunciar, por meios de representações, a vida e a história do país através de uma visão crítica das relações sociais que se apresentaria “menos áspera e mais acomodada às tradições do meio em José Américo de Almeida, em Érico Veríssimo e em certo José Lins do Rego, mas daria à obra de Graciliano Ramos a grandeza severa de um testemunho e de um julgamento” (p. 389), sustentando a ideologia do romance empenhado:

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis a chave que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado [...]. De modo sumário, pode-se dizer que o problema do engajamento, qualquer que fosse o valor tomado como absoluto pelo

intelectual participante, foi a tônica dos romancistas que chegaram à idade adulta entre 30 e 40. (BOSI, 1994, p. 389 e 390).

No caso de Graciliano Ramos, verifica-se em toda a sua obra um romance de tensão crítica, onde o herói e/ou as personagens resistem às tensões do meio social e as pressões da natureza, demonstrando o seu mal-estar permanente. Nesses romances, os fatores assumem significação menos “ingênua” e revelam as graves lesões que a pessoa humana sofre por estar em contato com a sociedade, onde o homem busca encontrar uma densidade moral e uma veracidade histórica aprofundada, como observamos num estudo mais profundo de *Vidas secas*.

Alguns escritores chamados regionalistas apresentam em seus discursos a carência e a vitimização das sociedades relegadas pelo descaso do sistema político. Entre esses destacamos a participação de Graciliano Ramos que pontua um desmanche das maravilhas imaginárias do nordeste, as quais só podiam ser contempladas nas áreas litorâneas da região, deixando ao espaço do sertão toda bestialidade do homem e as ignorâncias dos animais; a propósito, apenas para simplificar a reversão produzida pelo espaço sobre suas personagens. Em seu romance Graciliano não propõem uma exaltação ao nordeste e muito menos a representação do espírito humorista e criativo do nordestino. O autor cria o seu discurso a partir da desigualdade social imposta pelo sistema político que conduz suas personagens ao extremo limite da exclusão. É o verdadeiro e doloroso discurso da verdade representado pelo nostálgico e sombrio discurso literário.

Esse discurso da verdade apropriado por Graciliano espelhou a realidade dos meninos do sertão representados em *Vidas secas* desde a *Mudança* até a *Fuga* da família. A seca intensa e possessiva apoderou-se de todos os elementos naquela região causando mortandade, pestilência e fuga. Encontramos neste romance meninos fragilizados e indefesos sendo empurrados pela seca a um lugar desconhecido. Meninos excomungados e condenados reproduzindo esse ciclo vegetativo vindo de seus antepassados. Encontramos o homem carregando suas misérias sobre os ombros curvados e desenhando com os pés de alparcatas as pegadas da tríade crescente: seca, fome e fuga. Um pai a procura da cidade grande e de uma escola para os filhos. O homem fragmentado pela ausência de oportunidades, cirandando as sombras da realidade de viver a inclusão social imitando cada “capítulo-ilha” dessa narrativa.

Segundo Moraes (2012), quando Graciliano Ramos morava no Rio de Janeiro, a necessidade de pagar a conta da pensão e as despesas com a mulher e as filhas, fizeram com que o autor publicasse a maioria dos capítulos de *Vidas secas* como se fossem contos, e

alguns desses contos foram publicados até mais de uma vez, com título alterado, em mais de um periódico. “Baleia”, o nono capítulo, foi o primeiro a ser escrito, que despertou a opinião favorável dos leitores a incentivarem o escritor a prosseguir a história, esboçando o perfil dos donos de Baleia. Para o pesquisador

O sentimento da terra nordestina é o fio condutor da narrativa, materializados nos ásperos e cruéis embates do homem com a natureza da região. Fazendo uma conexão do passado com o presente, Graciliano rememora os anos de seca na infância em Buíque exatamente em uma época (fim da década de 1930) em que se acelera a migração interna do Nordeste para o Sul. Inspirava-o não propriamente o meio ambiente (tanto que escreveria, em 1944, a João Condé: “Fiz um livrinho sem paisagem”), mas a dilacerante consciência da condição humana rarefeita na caatinga (MORAES, 2012, p. 159).

Esse livrinho sem paisagem, segundo Graciliano, em sua primeira edição de mil exemplares, levou quase dez anos para zerar o estoque. Muitos o consideravam um escritor difícil. O próprio autor disse que seus leitores não passavam de uma “*meia dúzia de gatos pingados*”. No entanto, no final da década de 1950 quando o Brasil viveu um período de intensa confiança nas transformações sociais, de esperança em um futuro com justiça “a literatura enraizada na realidade brasileira voltou às estantes com força redobrada[...]. Era a vez dos autores comprometidos com a discussão das crises, das angústias e das aspirações do homem brasileiro. Era a vez, portanto, de Graciliano Ramos” (MORAES, 2012, p. 299). A partir desse período, o interesse pelas suas obras aumentou. Os seus livros invadiram as escolas e universidades e passaram a ser objetos de pesquisas para milhares de pessoas em vários países. Ler Graciliano, segundo Moraes, “representa recusar a cultura oficial e buscar o inconformismo, a denúncia e a reflexão” (p. 299).

Do outro lado do Atlântico, encontramos em países africanos o resultado dos conflitos político-social-culturais formados a partir dos confrontos dos nativos com os europeus que dominaram o continente implantando uma política de exclusão social aos diversos povos daquele continente. O processo de luta e resistência desses povos ao sistema político dos europeus – não é o nosso tema em sua totalidade – iniciou com o processo de construção do conhecimento de cada país. A interação dos intelectuais africanos que frequentaram a escola dos europeus tornou contributo próprio com o domínio que tinham da língua do colonizador. Essa identificação com a língua possibilitou o início das obras literárias com a afirmação do

autoconhecimento contemplando os valores das nações como o homem africano, a negritude, a terra, a liberdade entre outros. De modo específico, entre os países africanos de língua portuguesa, os conflitos político-sociais em Angola instigaram a escrita de muitos autores nesse período, como veremos através do empenho de uma das pesquisadoras da literatura angolana.

Em seu livro *A formação do romance angolano: entre intenções e gestos* a pesquisadora Rita Chaves (1999), apresenta a formação do romance de Angola numa perspectiva brasileira, entendendo que vários fatores favorecem a compreensão desse fato: a mesma metrópole, a mesma língua, a própria fisionomia do nosso povo e outras marcas do processo colonial que aproximam o Brasil de Angola. Nessa perspectiva comparatista, a autora entende que o estudo da literatura angolana aproxima a nossa compreensão da literatura brasileira.

Rita Chaves, ainda na introdução desta pesquisa, já desvenda qual foi a força formadora de uma resposta precisa e prática contra “os herdeiros da invasão” das terras africanas onde a guerra foi uma necessidade para a conquista da liberdade representada nos romances angolanos. “Com as armas e com as palavras os angolanos vieram escrevendo o seu roteiro até que, quase na virada do século XX, conseguissem finalmente mandar de volta os herdeiros da invasão” (1999, p. 19). Isso, a força da palavra aliada às armas que, conseqüentemente, culminou na expulsão dos invasores, possibilitou o avanço de um novo processo civilizatório que coube à literatura desbravar os seus primeiros passos.

Segundo a pesquisadora, desde o grande marco desse novo processo civilizatório que se deu em 1934, quando António de Assis Jr. publica *Os segredos da morta (romance de costumes angolenses)* a primeira obra do gênero na literatura angolana, já podia observar a perspectiva dos autores angolanos em desenhar uma trajetória nítida dos rumos de Angola através da literatura: a de “colocarem em prática um projeto de investigação sobre as realidades que compõem o país” (p. 21). Seguidos pelos passos de Assis Jr., trilharam também o mesmo caminho Castro Soromenho, Óscar Ribas, José Luandino Vieira e Pepetela, apenas para citar os pioneiros dessa literatura.

A partir desse apontamento a pesquisadora descreve os caminhos da formação da literatura e da nacionalidade em Angolana no viés do contexto colonial. Tornou-se incontornável discutir sobre a formação da literatura e a construção da nacionalidade angolana sem ao menos citar as duas guerras que fizeram parte desse processo: a guerra colonial e a guerra civil. Importa nesse momento lembrarmos que essas guerras, especialmente a civil que prolongou por mais de duas décadas após a conquista da independência, deixou entre o povo

angolano discípulos do sistema político de Portugal que insistem em oprimir àqueles que não estão no poder ou que não são assimilados a ele. Existe no sistema político de Angola uma falsa liberdade que ainda respira o fedor do Colonialismo de Portugal. Daí surgiu mais uma vez a necessidade dos escritores intelectuais de Angola para denunciar, entre outras precariedades, a desigualdade social e a fragilidade do sistema político atual como resquícios do sistema colonial.

Na perspectiva da literatura brasileira, a pesquisadora assinala que o processo histórico em Angola forjou e ainda procurou ocultar mais do que aqui, as divisões sociais até ao momento em que os homens da terra dão início ao processo de construção de identidade nacional, aniquilando as rupturas sustentadas pelo sistema colonial:

Lá, talvez tanto quanto aqui, o projeto literário procurou definir como um ato de suplência, chamando para si a missão de conferir unidade a um mundo cortado por fendas de todas as ordens. Assim, caberia, e em certa medida coube, aos escritores, enquanto legítimos representantes da elite intelectual, o papel de gerir um capital simbólico que pudesse recobrir as marcas da cisão e da descontinuidade impostas ao longo do tempo (CHAVES, 1999, p. 31).

Dessa maneira, a literatura angolana surge com a confissão de escritores engajados que souberam aliar as armas às forças das palavras. Essa união tornou-se mais do que uma necessidade para o conflito bélico, transformou-se em pilares para a construção da nacionalidade e “a afirmação do homem angolano” através da literatura escrita.

O Brasil também participou desse processo de construção da nacionalidade do país angolano, tendo em vista o apego do povo angolano à sua terra e seus valores que vieram implantar uma visão romântica do país como aconteceu no Brasil do século XIX. Segundo Rita Chaves nesse período chegou a Angola “obras literárias de autores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, entre outros, além de obras políticas, sobretudo jornais e revistas ligados a partidos de esquerda” (CHAVES, 1999, p. 40). Essa “exportação” da literatura brasileira somou no fortalecimento do movimento “Vamos descobrir Angola” que serviu para impulsionar os verdadeiros donos do país a redescobrirem nos recantos do chão angolano construindo um sentimento nacionalista, algo, até então, experimentado apenas pelos portugueses.

Outros movimentos políticos e manifestos literários surgiram em prol da libertação do país até chegar a uma organização mais ampla denominada Movimento Popular para

Libertação de Angola – MPLA, fundado em 1956 e que foi responsável pela independência do país em 1975, fato que fortaleceu uma nova geração de escritores engajados na luta política, na sua maioria estudantes.

Como a pretensão de Rita Chaves é apresentar a formação do romance angolano numa perspectiva brasileira, a autora afirma que quando traçamos um paralelo entre a conquista da libertação em Angola e a independência do Brasil, fatos políticos que ocorreram em épocas cronologicamente distintas e por diferentes pensamentos e discursos políticos, a suma é que “o nosso processo se deu sob o signo de um grande acordo” enquanto que “em Angola a libertação decorreu de um movimento popular que resultou em quatorze anos de luta armada” (1999, p. 56). Assim como um grande acordo entre a metrópole portuguesa e o Brasil deu início a um novo período político em nossa história e o seu prolongamento sustentou as crises sociais décadas depois, afetando figurativamente o menino mais velho e o menino mais novo (filhos de Fabiano), símbolos de resistência ao descaso de um sistema político; o movimento popular em Angola foi responsável pela abertura das possibilidades da inclusão social representado pelo pioneiro Ngunga, símbolo de resistência ao colonialismo português.

O romance *As aventuras de Ngunga* dialoga com a própria formação da nação angolana ao descrever a trajetória do protagonista Ngunga que buscava ser um guerrilheiro em defesa do seu país. Neste romance encontramos um menino vivendo os horrores sociais e políticos causados pela luta em busca da independência, um menino ao encontro de si mesmo. Entre rios, árvores e pássaros, o menino das aventuras vai desbravando o caminho desenhado por uma tríade crescente: guerra, fome e fuga. Este romance de Pepetela não representa apenas o momento histórico do povo angolano, mas a situação de todo homem em transformação vivendo a arte com as marcas do próprio ator:

Quando analisamos a obra de Pepetela, procuramos vê-la nos gestos de seus atores, sejam eles personagens, narradores e as marcas implícitas do próprio autor. Seus heróis são paradigmas que não se circunscrevem apenas a Angola. Apresentam na verdade modelos de condutas extensíveis à condição humana, um paradigma do homem em geral em sua história e no seu impulso de transformação. O combate do herói, os seus gestos, é tanto uma luta histórica como psicológica, reafirmamos. Uma tensão que se efetiva por dentro e por fora do indivíduo, quer o tomemos enquanto personagem ou como sujeito da enunciação desse discurso de ficção (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 240-241).

Assim o romance de Pepetela dialoga com o de Graciliano, na medida em que nas duas obras os autores apropriam-se da literatura para denunciar dois ciclos que submetem meninos a condições de extrema fragilidade física e psicológica: a seca causada pelas condições climáticas da região e a guerra causada pela ambição humana – o colonialismo. O medo da seca e a necessidade da guerra transformaram os meninos do sertão e o menino das aventuras em retirantes a procura do pão e da educação. A seca e a guerra são duas catástrofes que obrigam o homem a sentir-se estrangeiro mesmo estando em sua própria terra, a sentir-se forasteiro pisando o próprio chão.

No romance de Graciliano, os filhos de Fabiano vivem excluídos socialmente em razão da omissão de um sistema político que governa apenas em benefício de uma minoria, negando aos pequenos sertanejos os mínimos recursos para a sobrevivência. De igual modo, o pioneiro Ngunga ferido pelos embates do sistema colonial representa a exclusão vivida por uma sociedade em guerra, fenômeno que lhe subtraiu a família, os melhores amigos e a condição de pertencimento à sua comunidade. A condição social dos meninos nas duas narrativas está ligada diretamente às crises dos fatores políticos que envolviam cada sociedade. Enquanto em *Vidas secas* toda representação da opressão e da degradação humana é causada pela ausência de um sistema político eficiente ao combate da seca, em *As aventuras de Ngunga* encontramos um sistema político que oprime pela presença constante por intermédio da Guerra Colonial.

Certamente a produção de Graciliano nessa década de trinta contradiz todo encanto, toda beleza e euforia apresentada por Jorge Amado e outros escritores chamados de regionalistas, contemporâneos, que figuram um nordeste carnavalesco com objetivos de discutir e popularizar a identidade do povo brasileiro e suas belezas naturais. Graciliano apresenta um nordeste (e na sua extensão, um Brasil), mais semelhante ao de Rachel de Queiroz em *O Quinze*, longe das cidades litorâneas e da presença do capitalismo assegurado pela burguesia, especialmente a do sul.

A produção literária desse escritor brasileiro é marcada por temáticas rudes ou dolorosas, algumas inspiradas em fatos ou situações reais de que ele foi testemunha, todos sobrecarregando o espírito humano como a seca, a opressão ou a prisão. Dessas vivências ou observações, nasceu a “admirável inspiração” para escrever *Vidas secas*. Pois “Em *Vidas Secas*, importam menos as conseqüências externas da seca, e mais as conseqüências no espírito dos personagens, como manifestação do humano” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2001, p. 236).

Esse romance narra a saga de Fabiano e sua família. O primeiro capítulo apresenta uma descrição minuciosa da precariedade social das personagens que estão em retirada. Esses retirantes têm como objetivo fugir do espaço geográfico denominado de sertão nordestino e conquistar uma terra onde o vaqueiro possa saciar as necessidades da família. Cansado de suportar a seca e fome, o vaqueiro e a família precisavam chegar a algum lugar, onde Fabiano, sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, e a cachorra Baleia pudessem acampar. As lembranças do papagaio mudo e com os pés apalhetados eram poucas, já que o bichinho servira de alimento que pôde adiar a morte dos viventes.

Após muitos dias de caminhada encontraram uma fazenda abandonada onde tinha uma casa velha que os abrigou durante um período de menos infortúnio e um pouco de satisfação. Agora Fabiano, no interior da casa velha, desejava discutir com a mulher sobre a educação dos filhos. É durante esse paradeiro que o narrador descreve os espaços da narrativa e o convívio familiar, dedicando um capítulo a cada personagem e os ambientes e situações político-sociais em que foram inseridas como a festa e os encontros com o soldado amarelo. Numa linguagem arrastada do narrador e uma imensa produção de gestos e interjeições a narrativa vai ajustando as semelhanças entre as personagens que, enquanto pessoas se confundem com animais e enquanto animal se posiciona como pessoa. Os dois últimos capítulos retomam os preparativos e a fuga dos retirantes, pois a região da fazenda foi atingida pela seca e Fabiano largou-se com a família, sem se despedir do amo [...]. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como negro fugido (RAMOS, 2004, p.116).

Ainda na apresentação do enredo desse romance registramos o texto de Antonio Candido que indica com precisão o tema do nosso trabalho de pesquisa ao falar do drama social, da caminhada errante e da esperança:

... inteiramente voltado para o drama social e geográfico da sua região [...], é a história da família de um pobre vaqueiro, que chega a uma fazenda abandonada, ali vivem, servindo ao dono ausente durante o período de bonança, entre os incidentes de todo dia e os problemas pessoais de cada um. Sobrevém a seca, esgotam-se as possibilidades, o pequeno grupo retoma a peregrinação, acossado pela miséria, mas animados por uma esperança vaga e sempre renovada (CANDIDO, 1992, p. 86).

Assim, em poucas palavras Candido descreve o enredo de *Vidas secas* apontando os infortúnios de Fabiano e sua família: o drama social e geográfico, o caminho errante e a miséria. E como bálsamo, a esperança que, talvez possamos entender como utopia, uma vez

que o último capítulo do romance é o início de uma nova jornada errante e não a concretização dos sonhos do vaqueiro, personagem descrita rusticamente pelo narrador.

O zelo na descrição dos meninos supera, e muito, a descrição do ambiente. O narrador parece tratá-los com tanta intimidade, figurando a humanidade presente naqueles viventes de alargados traços desumanos. O uso dos adjetivos e os detalhes de identificação de cada personagem mostram uma linguagem e imagem próprias de Graciliano como descrevemos no início deste trabalho, e produzem um retrato do oprimido que está a reivindicar os seus direitos e a criar os sentimentos de pertencimento junto ao sistema político do país. A continuidade do ciclo dessa jornada pode figurar o ciclo repetitivo das ações políticas sem um planejamento que contemplasse a todos brasileiros. O período da narrativa compreendido entre a mudança e a fuga dos meninos pode ser entendido como a confiança que o cidadão tem em seus representantes e o descaso deste para com a sociedade.

O romance está dividido em treze capítulos, sendo o primeiro intitulado *Mudança* e o último *Fuga*, o que nos leva a confirmar a existência de um processo contínuo das personagens em retirada, pois o drama do primeiro capítulo circula toda narrativa através do medo e da insegurança, sendo retomado no último capítulo com os mesmos elementos de degradação humana. Entendemos que as representações deste romance estão divididas em três situações alternadas entre:

A) **Miséria e enfrentamento:** 1- “a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” [...]. (RAMOS, 2004, p. 11). 2- “Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos” (p. 12).

B) **Exclusão e satisfação:** 1- “A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca” (p. 19). 2- “Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, arrumara-se” (p.17).

C) **Silêncio e utopia:** 1-“E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande” (p. 10). 2- “Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era” (p. 126).

Essas representações creditam a capacidade desse exímio escritor brasileiro em demonstrar um pouco de contentamento e riso mesmo em meio a tanta desumanidade vivida pelas personagens. Graciliano consegue atribuir a homens animalizados alguns traços de humanidade. Para Álvaro Lins, escritor do posfácio de *Vidas secas* intitulado *Valores e Misérias das Vidas Secas* a escrita de Graciliano Ramos apresenta “um estado de razão, de lucidez, de sobriedade. O critério que preside a sua obra é um critério de inteligência, a sua potência é cerebral e abstrata” (LINS, p. 136). Lins ainda afirma que o mestre da arte de

escrever domina um “admirável estilo de concisão, unidade entre as palavras e os seus sentidos, rígido ascetismo tanto na narração como nos diálogos, rápidos, exatos, precisos” (p. 136).

O romance de Graciliano revela as necessidades do homem sertanejo, seja no nordeste ou em outras regiões do país, num período em que a seca mais severa insistiu em ceifar a vida de plantações, animais e homens. Testemunha das agruras do sertão em oposição ao domínio das cidades grandes que viviam à moda europeia:

Dá testemunho de um mundo, de uma região hostil, escrita com sangue, com aversão à toda autoridade, à ordem estabelecida, ao discurso dominante[...]. Queria fazer conhecida a realidade do país, da qual estavam tão distantes os intelectuais mais preocupados com a Europa e esta que não estava preocupando um governo distante das pessoas, uma entidade abstrata, incapaz de aparecer efetivamente na vida dos cidadãos, entregues à sanha dos chefes provincianos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 240-241).

Longe de ser uma capital europeia como Lisboa e Paris, as principais capitais do Brasil pendiam para o modo de vida dos europeus, principalmente a então capital federal Rio de Janeiro. Nessas capitais circulavam os principais intelectuais da época como escritores, jornalistas e representantes políticos. Alguns tipos de comportamentos adquiridos pela sociedade carioca, dentre eles a leitura dos romances impressos nos jornais, os trajes típicos europeus e a reunião de amigos e familiares para a celebração de apresentações artísticas foram adquiridos pela convivência com as famílias francesas já presentes na capital federal. As famílias cariocas buscavam essas práticas apesar das estruturas sociais e intelectuais serem diferentes. Se a sociedade dos grandes centros encontrava dificuldades de manter a vida à moda europeia, sacrificando-se por não conhecer o Brasil sertanejo, o homem sertanejo apenas imaginava que além dos seus olhos e distantes das suas possibilidades de alcance havia um lugar chamado sul.

A preocupação do Brasil do sul em disseminar os costumes europeus, ofuscou a visão do sistema político em dar sustentabilidade ao Brasil sertanejo, e mais, o Brasil do sul frequentava e conhecia mais a Europa do que as próprias terras do sertão. O Brasil do sul, com o seu discurso dominante, esbanjava uma cultura “emprestada” dos europeus que obstruía o desenvolvimento do Brasil sertanejo. Esse Brasil sertanejo resistia às adversidades sociais mesmo com sua realidade apagada e sufocada por um governo distante e Senhores tão próximos. Se não fosse o trabalho de escritores engajados como Graciliano Ramos, ainda

hoje, o Brasil do sul conheceria menos ainda o Brasil sertanejo. Por intermédio de obras como *Vidas secas*, a denúncia social tem sido um dos aspectos dessa produção que causa um pequeno desassossego ao sistema político deste país que durante centenas de anos virou às costas para o sertão. Se não fossem obras como *Vidas secas* que testemunha a hostilidade de uma região que transforma o espírito e o comportamento de homens, mulheres, crianças e animais em uma massa homogênea, o Brasil sertanejo ainda seria apenas a costa litorânea tão cortejada pelos turistas europeus. Segundo Graciliano Ramos, o habitante do litoral vê o sertanejo como

Um indivíduo meio selvagem, faminto, esfarrado, sujo, com um rosário de contas enormes, chapéu de couro e faca de ponta. Falso, preguiçoso, colérico e vingativo. Não tem morada certa, desloca-se do Juazeiro do Padre Cícero para o grupo de Lampião, abandona facilmente a mulher e os filhos, bebe cachaça e furta como um rato. É esse, pouco mais ou menos, o sertanejo que a gente da cidade se acostumou a ver em jornais e em livros [...]. Essa mistura de retirante, beato e cangaceiro, enfeitada com um patuá, duas alpercatas, e muitas figuras de retórica, torna-se rara (RAMOS, 2012, p. 115).

Seguindo os passos de Graciliano, outras vozes, seja na literatura ou na música, também manifestaram a sua opinião sobre a política do nosso país. Um pouco mais tarde, em 1981, ano em que ainda vigorava a ditadura militar no Brasil, Milton Nascimento, um dos representantes da Música Popular Brasileira, na sua inquietude da extrema veneração do litoral e dos investimentos nas zonas sul, compôs ao lado de Fernando Brant a canção *Notícias do Brasil (Os pássaros trazem)*, da qual transcrevemos alguns versos da última estrofe, como crítica ao sistema político que ainda governava com foco para o litoral e zonas sul: A novidade é que o Brasil não é só litoral/ É muito mais, é muito mais que qualquer zona sul/ [...] Ficar de frente para o mar, de costas pro Brasil/ não vai fazer deste lugar um bom país. A voz de Milton Nascimento nesta canção representou a de milhões de brasileiros e até uniram-se a ele como protesto e insatisfação ao poder autoritário e opressor. Esta e outras canções do compositor, como *Canção da América*, que tornou-se o hino da amizade e o reclamo do direito de ir e vir aos exilados políticos, principalmente, estreitaram o seu comprometimento com as questões políticas e sociais do país. A voz que embalava as canções engajadas da década de oitenta foi ouvida e celebrada durante o movimento popular denominado Diretas Já, que incendiou o país demonstrando o desejo da sociedade pelas eleições diretas em 1984. O engajamento político-social não está presente apenas na literatura,

mais também na música e em outras artes através das vozes que se ergueram em todo Brasil num tom de denúncia como é o caso dessa música de Milton Nascimento e do romance de Graciliano.

De acordo com Viviana de Assis Viana (1981, p. 36) *Vidas secas* nos possibilita duas experiências de leituras. A primeira é a leitura de contos isolados que permite ao leitor o registro de cenas, fatos e ações; pois o seu resultado basta para a compreensão do texto e a segunda, requer que cada capítulo seja lido realmente como parte integrante do romance. Escrito em terceira pessoa, o texto cria uma cumplicidade entre a vegetação, os animais e o homem exigindo uma análise dos aspectos sociais, geográficos e psicológicos das personagens desta narrativa, pois

Em *Vidas Secas*, Graciliano consegue uma perfeita união de elementos diversos: homem, paisagem, sentimento, bicho, terra, fome, seca, humilhação, tudo é uma coisa só, girando em círculo, sem princípio nem fim, um continuando no outro, ou continuando o outro (VIANA, 1981, P. 37).

Na construção da representação deste espaço geográfico em *Vidas secas* as pessoas e os animais tomam para si as características uns dos outros: animalizam-se e personificam-se. Fabiano de tanto viver longe das pessoas e lidar com os animais até confundia-se com um deles. Animalizava-se brutalmente. Neste mundo de seres “homem-animal”, a cachorra Baleia tem nome próprio enquanto que os filhos de Fabiano são chamados de “o menino mais novo” e “o menino mais velho”. Parece-nos que o seu valor é superior ao dos meninos porque ela já ajuda o vaqueiro a trabalhar no campo. Não apenas o nome dado à cachorra, mas também as suas atitudes nos momentos de aprovação e reprovação das ações dos seus senhores atribuem-lhe o processo de personificação. Para expressar a sua admiração à dona após ter acendido as achas de angico que serviria para cozinhar o alimento, Baleia “chegou-se a ela em saltos curtos, ofegando, erguendo-se nas pernas traseiras, imitando gente. Mas sinhá Vitória não queria saber de elogios”. (RAMOS, 2004, p. 39). E no momento de reprovação à decisão de seu dono que decidiu matá-la porque o animal estava com princípio de hidrofobia, quando ferida por ele, “perdendo muito sangue, andou como gente, em dois pés, arrastando com dificuldade a parte posterior do corpo”. (p. 88).

As descrições que o narrador faz dos comportamentos das personagens, não difere muito os aspectos entre humanos e animais. Como Fabiano de tanto lidar com os animais até se confundia com um deles, os meninos, que tinham a cachorra Baleia como uma pessoa da

família e comunicavam com ela, relacionavam-se mais com a companheira do que com o próprio pai, pois, quando “brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam” (p. 85). A desumanidade causada pela seca, mas sobre tudo pela ausência de um governo omissos às reivindicações que poderiam levar as pessoas ao convívio social, transfigurava homens e animais à sombra do esquecimento e da exclusão.

Ainda no início da retirada das personagens de *Vidas secas*, o narrador já descreve as fragilidades físicas e psicológicas dos filhos de Fabiano, quando sinhá Vitória caminha com “o filho mais novo escanchado no quarto” e, já cansado e esmorecido “o menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão” (RAMOS, 2004, p. 9) obrigando o pai a carregá-lo:

_ Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

Não obtendo resultado fustigou-o com a bainha da faca de ponta. Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou-se, fechou os olhos. Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas e esperou que ele se levantasse. Como isto não acontecesse, espiou os quatros cantos, zangado, praguejando baixo.

_ Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo [...].

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado [...]. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos (p. 9 e 10).

Os filhos de Fabiano estavam condenados a marchar pela mesma trilha percorrida pelos pais e avós quando eram crianças. A errância pelo deserto era um passado que agora repetia na vida dos pequenos inocentes, porém, a desventura tomava maiores proporções: a travessia das terras do nordeste para as terras do sul e a travessia do mundo real para o imaginário, nas quais os pequenos condenados eram iniciantes. O imponente estado bruto de todas as coisas que os cercavam dominou a fragilidade adquirida pelos poucos anos de sobrevivência e fez cair sobre o solo as lágrimas do menino mais velho expressando a carência de chuva para a imensidão daquele deserto. Não tinha mais forças para caminhar, o espírito estava esmorecido e a imperiosa figura do mundo real ofuscava lentamente o imaginário do menino que precisava renascer daquele mundo cinzento, daquela terra seca. Lançou-se sobre ela como se estivesse a balbuciar a reza que seria proferida pela mãe em outro trecho da caminhada: “Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes” (RAMOS, 2004, p. 118).

O espaço do deserto parecia oferecer-lhes toda liberdade, a imensidão do nada girava o pequeno mundo infantil daqueles errantes, mas o imaginário insistia em findar-se nas pontas dos próprios pés. O mundo encantado do menino mais velho desabou-se ali, transformou-se em um amontoado de cinzas como aqueles galhos secos que via ao seu redor. Daquele momento em diante, todo trecho a percorrer, de dia ou de noite, sobre a lama seca do rio ou nos caminhos cheios de espinhos e seixos, seria como um lugar ruim, cheio de espetos quentes e fogueiras. Esse lugar ruim pode relacionar-se com o momento em que o menino mais velho, o condenado do diabo, ao desabar-se ao chão, foi castigado com a bainha da faca, recebeu algumas pancadas e foi praguejado por aquele que deveria abençoá-lo. Conhecedor da sua própria caminhada pelo sertão, o pai vê o filho mais velho como mais um excomungado nessa travessia.

Neste contexto da travessia, a partir do conceito dado por Guimarães Rosa, a pesquisadora Vânia Maria Resende (1988, p. 210) aponta que o homem é o agente da sua travessia durante toda a trajetória existencial da qual ele é eterno aprendiz na busca de conhecer a si mesmo e o mundo a sua volta. Porém, “a criança é o ser iniciante na travessia e, naturalmente, se revela bem mais ingênua e ávida do que o adulto que já tem pegadas acumuladas de um transcurso anterior bem maior do que o infantil”. Para os filhos de Fabiano, essa travessia era um transcurso desconhecido quase como a cidade grande que os pais sonhavam encontrar, por isso o menino mais velho fez-se obstinado. Mas o pai viu no pequeno iniciante a figura de um anjinho que fez diminuir a cólera e o espírito atribulado do sertanejo. Passado o momento de cólera, Fabiano entendeu que todo caminhante, em algum momento, vê as pequenas pedras do caminho como montanhas gigantescas que não se abalam por mais firmes que sejam os passos do viajor.

A fragilidade do menino comoveu o homem bruto revestido de animalidade. Igualou-se ao filho, prostrou-se diante do anjinho e o colocou no cangote. E a marcha prosseguiu num silêncio grande.

A literatura brasileira apresenta muitos textos nos quais as crianças são iniciantes nessa travessia, encontramos meninos sufocados pelo estado da bruta convivência com coisas e seres impiedosos. Mas, parece-nos que o espaço do sertão, as cidadezinhas quaisquer e todas as particularidades do interior, a convivência com o vazio em relação à cidade grande atçam mais o imaginário das crianças no início dessa trajetória existencial. Trajetória marcada por um quadro desolador, sem cores, sem luzes, sem linguagem e sem vida conforme está descrito no livro *Vida e morte no sertão*, de Marco Antonio Villa.

Villa descreve que “a seca era o primeiro e principal alvo a ser combatido [...], o gado morre em tal estado de penúria que os urubus somente aproveitam os intestinos [...], tinha visto vários grupos de retirantes e alguns deles iam deixando cadáveres à margem da estrada” (VILLA, 2001, p. 142 e 144). O autor relata as calamidades causadas aos flagelados pela seca em todas as zonas do nordeste, descrevendo a decadência das pequenas cidades que começavam prosperar, o movimento das ruas, a marcha dos grupos de retirantes e as consequências da estiagem na zona rural:

Nas fazendas, o quadro era desolador: “O gado, para falar na linguagem corrente, só tem o couro sobre os ossos. A perda diária é assustadora. Dezenas de reses são levantadas sobre ‘forquilhas’ sendo esse um dos trabalhos mais penosos. Muitos bois [...] não vão mais as cacimbas distantes. Ficam no curral estirados, aguardando a morte inevitável, para que seja aproveitado o couro”.[...] “crianças raquíticas, com as faces descoradas, os ventres dilatados e as pernas deformadas pelas inchações, choravam de fome e sede e recusavam caminhar”(VILLA, 2001, p. 144).

Mesmo diante desse quadro, Getúlio Vargas visitava vários estados do nordeste, mas sem dedicar atenção especial à seca; firmava seus compromissos em fortalecer as alianças políticas na região para que alcançasse o grau de estabilidade desejado pelo chefe do Governo Provisório. Atento a esse panorama político-social, Graciliano divulga em *Vidas secas* o nordeste da década de trinta “como uma região original que, para ser retratada com realismo no romance, teria mesmo de mostrar a miséria crua, alastrada, mortífera, mostrar os aleijões políticos terríveis de um feudalismo cruel” (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 210). Por isso este romance colaborou para a construção do nordeste como espaço que estimulou o enfrentamento aos conflitos político-sociais que provocaram a marcha para o sul; anunciou o nordeste como uma terra que denuncia a miséria e a injustiça em quase todo o país. Enquanto o nordeste vivia esse período de degradação, o homem sendo empurrado para terras muito distantes, o Sul esbanjava-se nas maravilhas do capitalismo.

A maioria dos retirantes empurrados para as terras do sul era formada por homens analfabetos, condenados pelo clima e excluídos pelo poder político, determinados a caminhada errante pelo vale dos rios secos, pois “fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés” (RAMOS, 2004, p. 10), ou a entregar seus ossos às cinzas do sertão. Emaranhados naquele sonho do sul, os meninos do sertão caminhavam na esperança de construir um espaço de igualdade e liberdade, de encontrar uma cidade grande onde pudessem frequentar a escola:

Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, atrás dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuiá pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (RAMOS, 2004, p. 9).

O problema da seca e da fome são elementos constantes na narração do romance. A descrição das personagens, ricas em adjetivos, suas ações bem como a construção do espaço geográfico percorrido por elas, vai girando em torno dessas mazelas impregnadas em todas as criaturas que ainda resistem ao sertão. Nessa resistência à fome, homem e animal sobrevivem não apenas apoderando do comportamento um do outro, mas alimentando-se do sangue de um roedor numa “transfusão semi-árida”:

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaría a morte do grupo. E Fabiano queria viver (RAMOS, 2004, p. 14).

A primeira vontade que o homem precisa sentir para enfrentar os conflitos está expressa na última frase da citação acima. Mesmo sabendo que poderia morrer, Fabiano via em suas madorras um mundo ressuscitado. Nesse espaço vazio onde a catinga ressuscitaria, a fazenda renasceria, onde tudo seria uma ressurreição; os retirantes ainda precisavam engolir o sabor amargo da exclusão, repousar em leitões abandonados e fugir da morte que os vigiava de perto. O flagelo da seca transformou a vida dos meninos como a pequenez de um riacho que deságua no infinito do mar. Pintou o retrato de meninos que, segundo Nelly Novaes Coelho (1978), nasceram condenados às imposições duras da terra, pisando sobre o braseiro causado pelo sol, que estende sobre eles a devastação e a morte, obrigando-os a perambular por um caminho errante como um condenado do inferno “a procura de regiões menos hostis e deixando-os depois voltar para iniciar sua valente luta sem quartel [...], como se essa fosse a

autêntica luta, a única luta digna de respeito: a da Vida contra a Morte” (COELHO, 1978, p. 67 e 69). Assim, os problemas dos filhos de Fabiano estão ligados aos problemas dos meninos de ontem, de hoje e de amanhã: a fuga da desolação, a procura pela sobrevivência.

Os sertanejos, protagonistas e expectadores dessas cenas de horrores, procuram encontrar no passado o culpado de tamanha desolação, já que não era possível imputar ao governo atual nenhuma crítica mais severa. A problemática da seca era um desafio que a região começou a vivenciar desde 1877, sem o efetivo enfrentamento vindo do poder político a essa questão de calamidade pública. A situação dos sertanejos já teria sido modificada se o governo tivesse investido com honestidade o dinheiro inutilmente esbanjado, pois o sertão precisa apenas de pequenas ações que beneficiam adultos e crianças. Alguns políticos aproveitaram essa situação para fazer do discurso da seca, aquele que emociona, mobiliza, a modelação de argumentos que exigiam recursos financeiros, construção de obras e cargos no Estado, entre outras questões:

O discurso da seca e sua “indústria” passam a ser a “atividade” mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte, diante das decadências de suas atividades econômicas principais: a produção de açúcar e algodão. A seca torna-se tema central do discurso dos representantes políticos do Norte, que a instituem como o problema de suas províncias ou Estados. Todas as demais questões são interpretadas a partir da influência do meio e de sua “calamidade”: a seca. As manifestações de descontentamento dos dominados, como o banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos à seca, e o apelo por sua solução torna-se um dos principais temas dos discursos regionais (ALBURQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 58).

O romance de Graciliano desperta o país para conhecer a situação dos sertanejos da década de trinta. Assim deparamos com um monólogo de Fabiano ao adentrar em uma casa deserta após alguns dias passando fome e sede com a família, comendo apenas algumas raízes: _ “Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se [...]. Corrigiu-a murmurando: _ Você é um bicho, Fabiano [...]. _ Um bicho, Fabiano” (RAMOS, 2004, p.18). Fabiano era quase um bicho, um homem-coisa que cuidava das coisas alheias, das terras alheias, dos animais alheios. “Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste...” (p. 23).

No pequeno poema intitulado *O bicho* Manuel Bandeira discute esta condição social do homem abandonado a penúria que o conduz à exclusão experimentada diariamente por milhares de pessoas em nosso país. A animalização e coisificação do homem é o retrato da podridão que o autoritarismo e o colonialismo carregaram dentro do peito. Notamos a

preocupação do poeta na estrutura do poema e principalmente na construção do ambiente descrito por elementos que causam repúdio: imundície do pátio/ entre os detritos apontando que o bicho, ou melhor, o homem é o foco da voz que narra e todo conjunto de elementos giram em torno da personagem animalizada.

O romance adverte para a existência de um espaço onde adultos e crianças são verdadeiros trastes nas fazendas, rezes nas fazendas alheias. Através do ciclo vegetativo das personagens, a narrativa de Graciliano revela um nordeste enovelado por infortúnios sem fim, repetidas desventuras e crimes causados pela natureza de homens impiedosos. Um nordeste sem encanto e sombrio, de misérias, de lutas e de coragem, construído por famílias pobres, exploradas pelo governo e patrões.

Quando pensamos no nordeste de hoje, em suas regiões sertanejas e as condições como vivem as pessoas e animais, segundo as informações que os noticiários nos trazem, o peso e a medida denunciados por Graciliano continuam quase os mesmos. Muito se tem feito nas regiões litorâneas e outras grandes cidades que servem de pontos turísticos para os estrangeiros, atitudes que tentam ocultar a verdadeira imagem do Brasil – a desigualdade social, por exemplo – diante de outros grandes países. O nordeste é formado por nove unidades da federação na sua maioria pequenas, com exceção do estado da Bahia, por isso é óbvio que essa é a região que tem o maior número de políticos próximos aos recursos federais, ignorados neste momento, os recursos adquiridos nos próprios estados e municípios. A atitude abusiva de quem está no poder e a incapacidade de elaborar projetos ainda dão direito ao desvio de dinheiro público e a impunidade. Parece-nos que no nordeste de Graciliano ainda existe um poder opressor mais ferrenho do que nas outras regiões. Opressor e sucessivo. Basta lembrarmos quantos estados e cidades dessa região são governados por famílias poderosas como se o cargo político aqui no Brasil tivesse representatividade hereditária.

Alguns dos antepassados desses poderosos de hoje eram sertanejos dos campos que “estiveram no Amazonas, em São Paulo e no Espírito Santo; tiraram borracha, plantaram café [...]. Os que haviam ido à cadeia e levado pancada entraram na polícia e vingaram-se” (RAMOS, 2012, p. 115). E ainda mais:

Todos esses sujeitos regressaram muito sabidos, estranhando tudo, falando difícil, desconhecendo os amigos, ignorando os nomes dos objetos mais corriqueiros, confundindo bode com onça. Tornaram-se comerciantes ambulantes ou adquiriram um pedaço de terra e foram explorar o trabalho dos outros (RAMOS, 2012, p. 116).

A fuga de Fabiano era a realização do sonho que ele tinha para os filhos e para si mesmo: Ser homem, ser humano. Fugir do mundo da escravidão e da animalidade. Seguindo a trilha daqueles que saíram do sertão e foram para o Sul, o vaqueiro sonhava resgatar a dignidade dos filhos, libertando-os da sina de correr o mundo que ele vivera ao lado dos seus antepassados, da bestialidade em terras alheias. De posse da terra sonhada, seus filhos poderiam ir à escola e seriam sabidos, saberiam os nomes de todos os objetos, aprenderiam a linguagem dos homens, não se misturariam com os animais, não seriam explorados pelo trabalho dos outros. O menino mais velho fortaleceria, suas pernas suportariam a caminhada diária para a escola, seu peito seria rígido, robusto, cheio de esperança. Seus braços tornariam fortes para sustentar os pais quando a velhice chegasse. Os filhos de Fabiano eram o princípio de sua esperança, a ferramenta importante para a sua existência, para a queda do muro das limitações construído nesse romance de Graciliano.

Assim, o período literário em que Graciliano escreveu *Vidas secas* representa o período de carência social e política vivenciado por meninos sertanejos durante a primeira metade do século XX. A escrita de Graciliano Ramos como arte engajada, e estamos tratando aqui especialmente de *Vidas secas*, valeu-se da denúncia social e da consciência de que a linguagem é o veículo modelador do homem enquanto integrante da sociedade. O escritor engajado articula sua produção literária como um texto de exortação, um chamamento à prática do bem comum; fortalecendo a conscientização de alguns e sensibilizando outros a prática do dever social que evidencia as necessidades do homem dos seus dias.

2.1 – PEPETELA E OS CONDENADOS DA GUERRA

Só quando as palavras deixam de ter impacto social [...], é que há a tentação de utilizar outros meios, entre os quais as armas.

Pepetela

Da mesma maneira que a seca é o tema da literatura de alguns escritores brasileiros da primeira metade do século XX como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e outros; a guerra

tornou-se tema fundador e relevante da literatura africana de língua portuguesa a partir dos anos 60. Em Angola, por exemplo, a produção literária de Pepetela reconta a história do país do ponto de vista do proletário, mesmo sendo escrita por um intelectual de formação colonial. Pois, para um escritor intelectual desse período

Escrever configura uma espécie de traição, necessária, contudo, para salvar da morte um conjunto de traços, hábitos e valores que não se podem proteger dos efeitos maléficos da colonização senão através de recursos trazidos pelos seus próprios agentes (CHAVES, 1999, p. 95).

Segundo Rita Chaves, nessa época, muitos intelectuais participaram do início de uma tradição significativa da história de Angola através da escrita e da utilização de movimentos culturais que vieram a fortalecer as lutas políticas mais definidas, atestando o engajamento desses intelectuais para a condução do destino de sua terra. No campo da ficção, Pepetela destacou-se com a temática da guerrilha e da educação através de *As aventuras de Ngunga*, consolidando como dois dos pilares na edificação do caminho da “descolonização”.

Nesse sentido, Frantz Fanon (1979), médico psiquiatra durante a guerra de libertação na Argélia que analisou as consequências psicológicas da colonização, tanto para o colonizador como para o colonizado, descreve em seu livro *Os Condenados da Terra* que a descolonização é sempre um fenômeno violento, pois ela constitui, desde o início, a reivindicação mínima do colonizado que propõe mudar a ordem do mundo, mas que causa uma desordem absoluta – a guerra – não podendo ser uma operação mágica, um abalo natural ou acordo amigável:

Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono – foi levado a cabo com grande reforço de baionetas e canhões [...]. Exposta em sua nudez, a descolonização deixa entrever através dos seus poros, granadas incendiárias e facas ensanguentadas. Porque se os últimos devem ser os primeiros isto só pode ocorrer em consequência de um combate decisivo e mortal entre dois protagonistas (FANON, 1979, p. 25).

Nos romances escritos por Pepetela, onde encontramos algumas descrições do conflito armado entre os angolanos e os inimigos colonizadores, o autor problematiza a guerra como um acontecimento necessário e desejado. O sistema colonial construiu uma dualidade de

forma consciente e sem mediação: o estrangeiro que domina, sendo o branco em Angola e o colonizado que serve; dominador e dominado que tecem as barbáries da guerra. Os angolanos bem sabiam que o regime colonial só poderia ser rompido pela guerra que viria consumir a destruição do salazarismo e a libertação dos africanos.

Lola Geraldes Xavier, pesquisadora das literaturas de língua portuguesa, discute em seu artigo *Autópsia da guerra colonial em Angola*, publicado na revista ECOS 2010, os absurdos e a perda da racionalidade provocados pelos conflitos armados através da sua leitura do romance *Autópsia de um mar de ruínas* do autor português João de Melo. Ao discutir os espaços ocupados pela tropa portuguesa e pela “sanzala” dos civis africanos, a autora nos lembra que algo acabou por unir os militares colonizadores de baixa patente e os autóctones colonizados: “a miséria, a fome, a animalização, o sentimento de injustiça, a aberração das consequências do colonialismo, a irresponsabilidade humana nas suas vertentes cívica e política e a faceta amoral do poder” (XAVIER, 2010, p. 75). Essa consequência desastrosa levou esses dois grupos inimigos a unirem-se pelo mesmo ideal, a liberdade. Do ponto de vista dos militares portugueses e civis angolanos, a exclusão estava além do número de soldados, da potência das armas ou da própria cor da pele. Ela estava no modo de vida, na valorização da pessoa e na moral e segurança que deviam ser transmitidas pelo governo. Ao não verem estes atributos em si mesmos, os militares portugueses de baixa patente descobriram quem eram os verdadeiros inimigos, pois, pior do que não ter condições de lutar é não saber quem é o inimigo. Até nesse ponto ambos os grupos viam o grupo oposto de forma coisificada e animalizada até que esses portugueses viram os angolanos como espelho da sua própria condição humana. Assim, além da convivência com a seca, a experiência com a guerra proporciona também a marginalização a quem a experimenta.

Ngunga experimentou a guerra e passou pela marginalização que ela o conduziu. O menino das aventuras é um menino como muitos da literatura brasileira que caminha em busca do desconhecido. Ele atira-se na escuridão da história do seu país para construir as primeiras trilhas para a libertação. É o primeiro guerrilheiro a aventurar-se nessa jornada que cativou tantos outros camaradas que colaboraram com a costura dos emblemas da nação angolana. Com o coração e a alma de menino, Ngunga não desiste da aventura de continuar, mesmo esbarrando em dificuldades e desencantos. A sua entrega é total. Rejeita a comodidade encontrada nos povoados, abandona os homens maus e repudia a falsidade deles, despreza os elogios e renuncia a si mesmo para conquistar o desejo de todos. Por isso, Ngunga tornou-se o menino das aventuras que plantou “uma semente, cujo o crescimento pode ser seguido” (RESENDE, 1988, p. 207). A árvore que brotou da semente plantada e cultivada por Ngunga

produziu frutos que coloriram os sonhos do homem angolano, que moldaram o caráter de todo guerrilheiro: dedicação, humildade, honestidade e perseverança.

Durante a trajetória, o menino das aventuras se relaciona com muitas pessoas: homens, mulheres, crianças; bons e maus, amigos e inimigos. Algumas das marcas mais significativas da sua trajetória se deram com a convivência ou confronto com os homens, alguns bons, outros maus, alguns amigos, outros inimigos. Vânia Resende (1988) afirma que a presença do adulto na trajetória de um menino é muito importante enquanto ele é mediador,

mas a ação e a experimentação são do próprio sujeito, porque, na verdade, o impulso de saber, de sondar, de ir e apropriar-se do mundo ou integrar-se nele é intrínseco ao agente da ação, que é o caminhante. Os adultos não podem dar o mundo desvendado à criança, não podem esclarecê-lo, porque ela não se satisfaz com explicações e conceitos teóricos (RESENDE, 1988, p. 207).

Para o menino das aventuras não havia explicações ou conceitos que pudessem convencê-lo. As palavras não bastavam. A voz dos mais velhos era importante, a voz dos líderes tinha significado, mas não saciavam o impulso de saber do caminhante. Ngunga queria saber onde o rio nascia, queria ir ao encontro com a natureza, queria integrar-se ao mundo, agir em nome de sua terra, sondar o inimigo, experimentar a guerra, renascer em meio às pólvoras e tornar-se o novo homem que o país esperava. A busca do pioneiro se findou quando ele entendeu que era preciso freqüentar a escola, pois a liberdade viria com o nascimento desse novo homem, homem este que carecia dos atributos adquiridos pelo seu relacionamento com a escola e a prática dos seus saberes.

A leitura desse romance permite caminharmos juntos a esse processo de transição política e social consumado numa união da palavra escrita com as armas em punho. É através da palavra escrita que Pepetela riscou o chão de Angola e assinalou a intimidade do homem com as árvores, com os rios e os pássaros, e transformou cada guerrilheiro em um herói revestido do menino das aventuras.

Da mesma forma Graciliano também usou a palavra para construir o caminho sinuoso dos meninos do sertão na perspectiva de inseri-los no mundo social. A palavra usada pelo autor qualifica-se como instrumento de denúncia e a ausência dela em suas personagens apontam para a aspereza do ambiente e a decadência social dos pequenos sertanejos e de seus pais. Os sons guturais e as onomatopeias demonstram a exclusão do homem pelo próprio homem, construída pelos senhores sobre seus servos, pelo governo sobre os cidadãos. O drama linguístico dos filhos de Fabiano, por exemplo, funciona como uma transferência dessa

decadência social vivida primeiramente pelos pais. Mas é, também, o resultado de um ambiente familiar hostil onde os pais são incapazes de dialogar, de sorrir e até mesmo de demonstrar amor. Um ambiente onde o silêncio funciona como fuga, como libertação dos castigos.

O distanciamento dos meninos em relação aos pais e a intimidade desses com a cachorrinha funcionam como proteção da severidade de um e o aconchego da docilidade do outro. O romance mostra que o menino mais velho “tinha um vocabulário quase tão minguido como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos” (RAMOS, 2004, p. 55 e 56). O vocabulário do menino não poderia ser diferente num mundo onde a relação dos filhos era mais estreita com os animais do que com os pais.

No capítulo intitulado “*Festa*” encontramos trechos que narram o drama linguístico dos meninos diante de tantos objetos estranhos que viram no interior da igreja e nas prateleiras das lojas. Neste capítulo tudo se apresenta novo para os meninos: a roupa que usavam e seus adornos, os calçados propícios para a ocasião, a cidadezinha iluminada e os rumores das pessoas que se aglomeravam. Era festa de Natal. Os dois meninos espiavam os lampiões sem curiosidade e sentiam medo por estarem em um mundo tão esquisito, com tantas coisas, com tantas pessoas. No meio deste mundo estranho, os meninos viam Fabiano e sinhá Vitória sem nenhuma grandeza, estavam reduzidos, menores que os objetos dos altares que eles imaginavam que eram mais preciosos do que aqueles que pertenciam ao seu cotidiano.

Ao tratar sobre o drama linguístico dos filhos de Fabiano, Abdala Junior (2012, p. 147) afirma que os dois meninos deparam-se com as essências misteriosas das palavras enquanto estão na cidadezinha:

Com as expectativas já limitadas pelas possibilidades do sistema, convém relevar ainda o poder simbólico das palavras que marca a escrita de *Vidas Secas*. No capítulo “*Festa*”, os meninos, filhos de Fabiano e sinhá Vitória, deparam-se com dificuldades na apreensão dos objetos das lojas, pois não dominavam seus “nomes”. Uma das grandes tensões desse romance situa-se no domínio das palavras, que chegam mesmo a ter poder encantatório.

O convívio social aperfeiçoa a linguagem do indivíduo, pois ela transfere ao homem o conhecimento acumulado pela humanidade. Empurrados a uma condição subumana, os filhos de Fabiano observam as maravilhas que os cercam e entram no processo de interação da aprendizagem. Os meninos do sertão perceberam que havia outros lugares no mundo, com

muitas pessoas e objetos diferentes. No pátio da igreja, eles caminhavam devagar, comunicavam baixinho para não chamar à atenção das pessoas. Talvez as criaturas desconhecidas fossem bravas e não permitiam que caminhassem entre as barracas. Duvidavam se todas as maravilhas que viam tinham sido feitas por gente: as lojas, as toldas iluminadas, a mesa do leilão, as vestes das moças. O menino mais novo apresentou ao irmão mais uma dificuldade para sua compreensão:

Provavelmente aquelas coisas tinham nomes. O menino mais novo interrogou-o com os olhos. Sim, com certeza as preciosidades que se exibiam nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. Puseram a discutir a questão intrincada. Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimento. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente (RAMOS, 2004, p. 84).

O modo de vida dos meninos, distantes do coletivo social, ocultou o conhecimento dos signos linguísticos, por isso não adquiriram experiências para estarem diante de tantas pessoas e enorme quantidade de objetos. As figuras nos altares, as barracas no pátio da igreja e os objetos nas vitrines das lojas parecem aos meninos como seres misteriosos que guardavam forças estranhas dentro de si. Pela experiência que adquiriram nessa primeira travessia dos caminhos que levam para o sul, toda errância pelo deserto silencioso, os lugares bons da fazenda, os meninos do sertão desconheciam até as grandezas de uma cidadezinha do interior.

Assim, da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício, molhando, torcendo, ensaboando, enxaguando e torcendo a roupa quantas vezes forem necessárias, Graciliano Ramos fez uso da palavra para embalar todos os problemas sociais e desmascará-los a partir da exclusão pela qual passa o homem nordestino, e a representa desde o início de sua vida: a infância dos filhos de Fabiano.

A eficiência narrativa de *Vidas secas* revela o estilo “seco” e organizado da literatura de Graciliano, revela o seu apreço pelo essencial e o desdém pelas frivolidades. Em depoimento prestado ao *Correio da Manhã*, uma de suas filhas, Clara Ramos, ao falar da literatura do pai afirma que “a sua criação não era uma coisa espontânea, não era só inspiração. Era muito transpiração. Um trabalho cuidadoso, organizado. Uma preocupação fora do comum com a forma. Um trabalho lento, detalhado, feito” (SANT’ANA, 1992, p. 100).

O romance de Graciliano, escrito numa perspectiva de denúncia como já descrevemos, mas também de enfrentamento, exigiu do autor a sensibilidade e a dureza que poucos escritores conseguem modelar em um só texto. É a sua amabilidade às personagens e as características rústicas impregnadas nelas que exige frases secas, curtas, diretas, permanecendo apenas o essencial que possam descrevê-las e inventá-las a partir da memória, considerando que há muito de suas particularidades em seus textos. Isso ocorre também com o Pepetela.

Segundo Laura Padilha (2007, p. 176), *As Aventuras de Ngunga* tinha como objetivo servir de material didático durante as aulas ministradas às pessoas que dominavam mal a língua portuguesa. O próprio autor era responsável pela educação dos guerrilheiros, sendo professor daqueles que lutaram na frente guerrilheira de Cabinda. Havia, assim, uma preocupação com as frases curtas e vocabulário diversificado para que os objetivos fossem atingidos de forma imediata. Pepetela escreveu esse romance em forma mimeografada. Foi necessário o guerrilheiro usar a língua do colonizador, pois a mesma era importante para o enfrentamento ao imperialismo através da expressão literária:

De fato, o papel do escritor colonizado é por demais difícil de sustentar: encarna todas as ambiguidades, todas as impossibilidades do colonizado, levadas a um grau extremo [...]. Se se obstina em escrever na sua língua, condena-se a falar a um auditório de surdos. O povo é inculto e não lê língua alguma. Os burgueses e os letrados só entendem a do colonizador. Uma única saída lhe resta: escrever na língua do colonizador [...]. O escritor colonizado, que chegou penosamente à utilização das línguas européias – a dos colonizadores, não o esqueçamos – não pode deixar de servir-se delas para reclamar em favor da sua. Não se trata nem de incoerência nem de reivindicação pura ou cego ressentimento, mas de uma necessidade (MEMMI, 1977, p. 98-100).

Nesse período de guerra o país angolano vivia o drama do bilinguismo colonial, situação em que a maioria da população conhecia duas línguas (a língua do colonizador e uma tradicional), mas não escrevia nenhuma. Para Luandino Vieira, escritor que tem no nome a capital do seu país natal, a língua portuguesa é uma espécie de despojo da guerra e o seu uso não figura uma alienação, mas sim um direito dos africanos, um patrimônio que o povo soube conquistar no mesmo período da independência. Direito adquirido a partir do seu uso como arma eficaz no processo de libertação. Atitude tomada por Pepetela ao ministrar o ensino da língua portuguesa aos guerrilheiros.

Se em *Vidas secas* a seca transforma os sertanejos em retirantes, atribuindo-lhe a sina de “correr o mundo, para cima e para baixo, à toa, como judeu errante” (RAMOS, 2004, p. 19) mesmo estando em sua própria terra, no romance angolano a guerra transforma o colonizado em hóspede nas sendas do seu próprio país. Enquanto a seca vai empurrando os meninos a caminho do sul e a guerra conduzindo os combatentes ao conhecimento de si mesmo, caminhamos juntos a eles na confissão de que “na literatura, as personagens em geral procuram construir um espaço de liberdade” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 58).

Os filhos de Fabiano, guiados pelos pais, caminham errantemente tentando construir um espaço onde poderiam viver com dignidade, procuram fugir do cárcere erguido sem pedras, libertar da prisão construída pelas circunstâncias política e social. Para eles as cinzas do sertão são como os arames farpados que tentam aprisionar o pequeno Ngunga. Mesmo tendo todo espaço geográfico para caminhar, quer seja no sertão brasileiro ou nas florestas em Angola, nas duas narrativas encontramos meninos acorrentados por causa da ineficiência do poder político.

Assim, alguns dos capítulos de *Vidas secas* são a representação de experiências ou observações do escritor como ele relata a respeito do nono capítulo intitulado *Baleia*, escrito e publicado como conto, “utilizando a lembrança de um cachorro sacrificado (...). Transformei o velho Pedro Ferro, meu avô, no vaqueiro Fabiano; minha avó tomou a figura de Sinha Vitória; meus tios pequenos, machos e fêmeas, reduziram-se a dois meninos” (SANT’ANA, 1992, p.109). Ao contrário, Pepetela apropria-se de estratégias didáticas para conduzir os guerrilheiros ao caminho da libertação. A sua escrita tornou-se específica para os colonizados e não para os colonizadores e assimilados porque a língua oficial já era dominada por eles enquanto que, para os guerrilheiros, a mesma causava tamanha estranheza quanto a decepção de lutar contra alguns dos seus próprios irmãos. Durante o conflito alguns angolanos não sentiram a necessidade de transformar o país em uma nação livre do colonialismo, pois tinham privilégios que os satisfaziam mesmo na condição de colonizados. Esses ignoravam o desejo dos compatriotas e até defendiam a política do governo português.

Escrito também em terceira pessoa, por exemplo, na apresentação do pioneiro o autor nos diz que “Ngunga é um órfão de treze anos” (PEPETELA, 1983, p. 5), o romance angolano difere do brasileiro no campo das representações. Em *Vidas secas* os meninos do sertão representam um segmento da sociedade – a família – que está retirando para a cidade grande onde as precariedades não existirão e os desejos serão saciados. Em *As aventuras de Ngunga*, o menino das aventuras representa a coletividade, a nação, o poder vindouro. Isso pode ser compreendido a partir do diálogo do pioneiro com o camarada socorrista quando este

lhe informa do nascimento de um menino que aconteceu há dois dias e por isso vão celebrar com uma festa, pois “o bebê não queria nascer, foi um grande trabalho [...] Vamos cortar hoje o cordão umbilical, por isso haverá uma grande festa” (p. 7). O nascimento de uma criança e o corte do seu cordão umbilical anunciam um novo período na história do país angolano. Esta ação pode representar o surgimento da nação angolana independente do domínio português.

A vitalidade do cordão umbilical, na relação mãe e filho, é essencial para a sobrevivência deste enquanto dependente de sua genitora para a transmissão dos nutrientes necessários à sua formação. Desde a sua concepção até a plenitude dos dias são longos meses de gestação por parte do feto e de idealização por parte da mãe até a madre se abrir. O nascimento deste rebento dá-lhe o privilégio de caminhar sozinho, tornar-se independente e criar seus próprios projetos.

É importante relacionarmos o nascimento de uma criança com o rompimento da relação submissa dos países africanos diante das metrópoles europeias. Na relação Angola e Portugal, segundo a visão dos europeus, o país português dominou as terras angolanas no intuito de vitalizar a região através de um cordão umbilical chamado colonização, causando a imposição da cultura portuguesa e o apagamento da angolana. O domínio dos portugueses ao país angolano foi marcado por rupturas e só seria desfeito por outras simbolizadas pelo nascimento de uma criança e o corte do seu cordão umbilical.

Outro texto que trata do domínio dos países europeus sobre os africanos é o teatro de Aílto de Jesus Bonfim (1987) intitulado *A Berlinização ou Partilha de África*, onde o autor cria um misto de espanto e comoção no leitor quando, magistralmente, situa-o em relação à condição geral dos africanos a partir da efetivação da partilha do território em sua breve dedicatória: “Aos desgraçados africanos”. O autor faz de seu projeto de teatro uma denúncia que escancarou o domínio e a opressão praticados pelos europeus sobre os africanos, neste caso específico, pelos portugueses sobre os angolanos, e tudo por ordem divina, em nome de Deus.

As vozes femininas do teatro de Bonfim ecoaram o grito de dor pela submissão ao desenvolvimento, à civilização, à evangelização e à humanização dos povos africanos, pois segundo os europeus (português) alguns princípios deveriam ser estabelecidos pelos participantes, para que, de fato, prevalecesse o domínio sobre as terras africanas e não houvesse conflitos entre as nações europeias. Desses princípios podemos destacar o desejo do representante de Portugal ao preconizar que o princípio da legitimidade histórica deve ser apoiado por todos, ou seja, a prática do apagamento da história dos africanos antes da chegada

dos europeus; a presença da religião cristã; a superioridade biológica e social dos europeus em relação aos africanos; e a ocupação comunicada e efetiva de uma devida porção de terra.

Essa condição geral da África é apontada, cientificamente, por Arnaut e Lopes no livro *História da África: uma introdução*. Através desta produção os autores discutem a necessidade de pensarmos em África como um continente de civilizações e sociedades distintas, e não como uma unidade relegada à natureza. A apresentação dos períodos da história deste continente demonstra a capacidade de diferentes povos em perpetuar a cultura e criar sustentabilidade antes da chegada dos europeus. Assim, ao não verem nos africanos as semelhanças físicas e religiosas equivalentes às suas durante a colonização e demarcação dos territórios, os europeus os classificaram como sendo “uma unidade selvagem, pobre e inculta” (ARNAUT; LOPES, 2008, p.14). Enfim, valendo-nos da crítica de Bonfim, os classificaram como povos com a necessidade de serem humanizados. Os europeus entenderam, como bem conhecemos os objetivos da Conferência de Berlim, na Alemanha, em 1885, que essa necessidade de humanizar os africanos só seria concretizada com a colonização do continente.

Ao tratar a respeito do mundo colonial, Franz Fanon diz que essa discussão não é um confronto racional entre as duas partes, o colonizado e o colono. Para Fanon (1979, p. 14) “O mundo colonizado é um mundo maniqueísta” onde não basta ao colono limitar o espaço físico do colonizado, mas expressar o caráter totalitário da exploração colonial. Por vezes este maniqueísmo desumaniza o colonizado, a rigor, animaliza-o, pois a linguagem do colono quando refere ao colonizado é uma linguagem zoológica, fazendo alusões a movimentos, fedor, gesticulação, habitação; sempre recorrendo ao bestiário para descrever bem o colonizado. Assim, a dualística entre bom - Deus / mau - Diabo, é transferida como filosofia religiosa para o mundo dos brancos e dos autóctones, convidando este para o encontro com o branco, com o patrão, com o estrangeiro. A construção do mundo colonial proporcionou ao colonizado a apreensão do projeto e da linguagem do colono, das quais Fanon destacou três: “Essa demografia galopante, esses rostos de onde fugiu qualquer traço de humanidade, essas crianças que dão a impressão de não pertencerem a ninguém” (p. 15).

Esse vocabulário testifica a desordem estrutural que existiu em consequência da presença do europeu diante do colonizado: o elevado índice demográfico no continente africano, ultrapassando, em alguns países, o número de europeus em relação ao de africanos ou autóctones. Com isso a produção de alimentos e de bens de consumos não era suficiente para todos, apenas para o privilegiado. O rosto desfigurado e desumanizado diante da fisionomia do europeu pode ter sido um dos primeiros indícios da exclusão e do não pertencimento dos chamados indígenas, e as crianças que durante e depois dos conflitos

permaneceram numa situação além da impressão de não pertencerem a ninguém, como é o caso de Ngunga que “a bem dizer não tinha casa [...], ia viajar pelos kimbos, visitando amigos e desconhecidos (PEPETELA, 1983, p. 6), ainda não sabiam para onde ir.

A presença do colonizador construiu a figura do colonizado e o seu mundo. Quando Albert Memmi discute a existência do colonial em seu livro *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, ele afirma que o que levou o europeu a expatriar-se foram as vantagens encontradas nas colônias. Ele, o europeu, entendeu que na colônia se ganharia mais e gastaria menos, as situações financeiras seriam garantidas, pois os ordenados são altos, as possibilidades de carreiras profissionais são rápidas e os negócios são lucrativos. Percebeu essas vantagens de lucro financeiro e existencial porque é tirado de outros, assim descobre a existência do colonizado e ao mesmo tempo seu próprio privilégio, pois

É essa relação rendosa, que cria o privilégio. Encontra-se em um dos pratos da balança que carrega, no outro, o colonizado. Se seu nível de vida é elevado, é porque o do colonizado é baixo, se pode beneficiar-se de mão de obra, de criadagem numerosa e pouca exigente, é porque o colonizado é explorável impunemente e não se acha protegido pelas leis das colônias, se obtém tão facilmente postos administrativos, é porque esses postos lhes são reservados e porque o colonizado deles está excluído; quanto mais respira à vontade mais o colonizado sufoca (MEMMI, 1977, p. 25).

O europeu descobriu que na colônia não havia restrições para ele, pois os discursos oficiais eram redigidos e pronunciados por ele mesmo ou por um parente, ou por um amigo; tanto que as leis estabelecidas criaram privilégios para ele e deveres extrapolados para o colonizado. Para os colonizados mais favorecidos algumas vantagens eram reservadas, menos escandalosas, mas os direitos sempre recusados, porque os colonizados “serão sempre colonizados, isto é, que certos direitos lhes serão eternamente recusados, que certas vantagens lhes serão estritamente reservadas” (MEMMI, 1977, p.26). O colonizado não tem direitos, independente de estar próximo ou não do colonizador, e todo colonizador era privilegiado, independente de serem grandes (os usurpadores), ou pequenos (os solidários), sempre defensores dos privilégios coloniais. Portanto, no mundo colonial permaneceram as dualísticas do bom/mau, colonizador/colonizado, humanidade/animalidade, direitos/deveres, e outras.

Assim, o colonizado em Angola percebeu que tudo que era seu por direito e as vantagens que tinha conquistado foram transferidos para o colonizador, transformando-os em privilegiados. Os colonizadores, quase sempre em maior número do que os colonizados,

tornaram-se defensores dos privilégios coloniais e imputaram aos colonizados a condição de condenados da terra, segundo a definição de Fanon para um povo que está sob o domínio de outro. Assim aconteceu com Angola até o dia em que o povo decidiu discutir sobre a possibilidade de independência, fato que foi negado pelo governo português. Isso demonstrou ao povo angolano que a única saída era a guerra.

Diante desse quadro, quando os desejos de grupos da população não são atendidos e as palavras já não resolvem, Pepetela diz que “fazer uma guerra é justo, por exemplo quando um povo quer a independência e uma potência pretende manter o regime colonial a todo o preço” (CHAVES; MACEDO, 2009, p. 33). Para Pepetela, durante uma guerra de libertação o escritor precisa estar com o seu povo e apoiar mesmo que só em pensamento. Mas como vimos no primeiro capítulo, o escritor angolano foi além do apoio em pensamento: ensinou, lutou e conquistou outros através de si mesmo e da figura de Ngunga.

A guerra é o início de um período de paz. Quando surge um conflito entre duas ou mais nações é porque uma das partes está insatisfeita com o tipo de relacionamento ou convívio que existe entre elas e, portanto, o seu povo está infeliz. Quando todas as possibilidades de resolver as indiferenças se esgotam, o conflito armado é a única solução que pode apresentar as aspirações de um povo, geralmente do mais fraco que se fortalece com a ajuda de outros. A guerra de libertação abriu novos caminhos para o país angolano. Por mais cruéis e sangrentos que foram os embates entre os portugueses e angolanos, com eles surgiu a oportunidade de ouvir novas ideias, de considerar novos conceitos e abandonar outros. Surgiu a oportunidade de o povo angolano ser como as outras nações africanas, de viver, de elaborar seus próprios projetos, de definir os seus rumos.

2.2 – O ENFRENTAMENTO DOS CONFLITOS POLÍTICO-SOCIAIS

O colonizado sabe de tudo isso e dá uma gargalhada cada vez que aparece como animal nas palavras do outro. Pois sabe que não é um animal. E justamente, no instante mesmo que descobre sua humanidade, começa a polir as armas para fazê-las triunfar.

Franz Fanon

Em *Vidas secas*, a ambiência estéril da narrativa e ainda os pertences da família são descritos em função das personagens que constroem as articulações do romance. O baú de folha, o aió, a espingarda, a cuia e os farrapos somando com os seus pavores; tudo em escassez apontando para o drama social e geográfico da região. Em *As aventuras de Ngunga*, a mata, o rio, os pássaros, o mel colhido nas árvores, o sol com sua cor avermelhada; tudo aponta para o amanhecer da liberdade. A descrição dos elementos construtores na trajetória do menino das aventuras representa o florescimento de uma nova nação, a força e a vitalidade da negritude angolana na conquista da independência do país.

A caminhada dos meninos provoca um silêncio desesperador para os primeiros que estão sendo empurrados pela seca, e um silêncio esperançoso para o último que é conduzido pela favorável vegetação do espaço angolano, mesmo com a guerra. Os ambientes dessas narrativas podem ser compreendidos como espelho desses meninos, refletindo o interior seco, cinzento e vazio dos meninos do sertão bem como a sua resistência tão limitada, ou a grandeza dos ideais do menino das aventuras bem como o seu vigor físico.

No romance brasileiro o espaço construído vai definindo os meninos e dando-lhes as características de “trastes”, na linguagem de Graciliano ou “bichos” na imundície do sertão, para lembrarmos Manuel Bandeira. No romance angolano, o espaço indica a descoberta de novos caminhos, favorecendo a trajetória do pioneiro “que continuou a subir com o Quembo sem saber onde ia [...]. Quero ver onde nasce este rio” (PEPETELA, 1983, p.17). Isto indica a progressão na caminhada de Ngunga que figura um novo tempo para Angola, se considerarmos que a nascente de um rio está acima do seu vale. A vegetação no romance angolano e o ambiente por onde o protagonista caminhava refletia a esperança através do verde das árvores, a vida simbolizada pelos rios, a música de um novo tempo através do canto dos pássaros, o sabor pelo mel colhido e o resplendor de uma nação representada pelo sol de cada manhã.

O enfrentamento aos conflitos político-sociais representados nas obras em estudo colabora para a afirmação dos discursos literários desses escritores de *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga*. Graciliano Ramos e Pepetela criaram personagens miúdas e indefesas vivendo situações de horrores a partir das realidades experimentadas pelos sertanejos no Brasil ou pelos guerrilheiros em Angola. Os submundos inventados pela servidão ao colonialismo português e a invenção do nordeste desenhada no sul do Brasil traduziram seus efeitos nas atitudes dos meninos excluídos de suas sociedades em conflitos.

Os meninos do romance brasileiro, conduzidos pelos sons guturais de sinha Vitória ou pelas pegadas das alparcatas de Fabiano, enfrentaram a areia do sertão, o vale seco dos rios e

a angústia causada pela omissão daqueles que deveriam criar projetos de sustentabilidade e segurança para a nação. A errância dos filhos de Fabiano simboliza o homem indefeso fugindo do poder opressor do seu próprio país, vítima da própria nação que lhe roubou o direito de nacionalidade, de pertencimento; diferentemente da trajetória de Ngunga que se preparou para desafiar o inimigo estrangeiro. No romance angolano o inimigo de Ngunga é o branco colonizador, o europeu; aquele que trouxe uma língua diferente, uma cultura diferente e provocou o apagamento das suas. É aquele que promoveu o preconceito, que odiou, que dominou o território e o dividiu em cidade e Musseque, que pegou em armas e destruiu. Tinha outra nacionalidade, outra cultura, outro sistema político. O inimigo era aquele que nunca teve compromisso com o oprimido. Ngunga precisava enfrentá-lo.

O inimigo do menino mais velho e do menino mais novo não veio de outro país. Falava a mesma língua, rezava na mesma capela, venerava a mesma bandeira e conhecia a história do país, pois sempre pertenceu a ele. O inimigo dos filhos de Fabiano era brasileiro; conhecia o sul e o nordeste, mas preferiu esconder a riqueza do primeiro e o oprimir o segundo. O inimigo dos condenados do sertão não permitiu um confronto, o seu discurso era sempre de paz e a sua voz era paternal. Era passivo e omissivo diante do oprimido. O menino mais velho e o menino mais novo precisavam enfrentá-lo.

A seca e a fome, entendidas como armas do sistema político que empurravam os sertanejos à exclusão, obrigaram os filhos de Fabiano a caminharem sem destino, pois nem mesmo o pai sabia para onde ir: “O vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (RAMOS, 2004, p. 10). A seca no nordeste e a guerra em Angola instigaram os meninos a enfrentarem as situações conflituosas de suas regiões. No início desses enfrentamentos, Ngunga caminhava ao lado da margem do rio, leito acima, alimentando-se dos frutos das árvores e saboreando o mel que encontrava, queria ver a nascente do rio, ser livre como suas águas e conhecer o mundo dos seus dias. Sonhava com a liberdade e lutava para conquistá-la. Em sua trajetória Ngunga caminhava durante o dia e algumas horas da noite. Durante o dia seu caminho era iluminado pelo vermelho do sol que às vezes se escondia por trás das matas e a noite nuvens pequenas protegiam os momentos de repouso do guerrilheiro. A escuridão da noite lhe fazia bem. Não tinha medo. Observa as árvores que nesse momento pareciam mais altas, grandes, do tamanho dos seus sonhos. Contemplava o rio, e o barulho das águas renovava seu espírito para mais um dia de aventura.

Já os filhos de Fabiano andavam por caminhos cheios de espinhos e seixos ou sobre a lama seca e rachada do rio, sempre leito a baixo. Suportavam a fome, a sede e o cansaço. Queriam sair do seu mundo e conquistar uma terra prometida, por isso desciam para o sul.

Entre espinhos e galhos retorcidos caminhavam léguas antes de o sol nascer, pois a sua presença aumentava o cansaço, a fadiga e o desalento. Paravam quase sempre quando as perninhas frágeis não suportavam o peso do corpo magro. Não tinham rio, nem árvores, nem nuvens, só o sol que esquentava a areia do caminho ou a lama seca que queimavam seus pés. Nessa errância, os meninos vislumbravam um caminho longe, um mundo cinzento, sem cores, tão distante como seus sonhos. Um mundo coberto de penas. Tudo que contemplavam era triste e só ajudava a esmorecer o espírito já abatido desses pequenos condenados do sertão.

O enfrentamento da situação social degradante não era apenas uma representação literária no sertão nordestino, mas também a realidade de milhares de homens, mulheres, meninos e animais. Estes últimos quando não encontravam uma pedra no meio do caminho é porque nem tinham iniciado a jornada com os retirantes. Segundo Marco Villa (2001), o governo federal não destinou verbas necessárias para o nordeste, deixando de enfrentar com rapidez a crise instaurada pela seca. Bastava aos sertanejos a migração para o sul, sem medidas ou projetos efetivos de amparos vindos do governo:

Independentemente das medidas governamentais, dos projetos dos políticos, ou das queixas da imprensa, milhares e milhares de nordestinos continuaram migrando para o sul. Se durante um século as elites se dividiram em mantê-los na região ou enviá-los para áreas determinadas pelo Estado – Amazonas, Centro-Oeste, Maranhão ou o Sul –, agora, cada sertanejo assumia para si o enfrentamento da miséria secular: em vez de se travar na região um confronto com os poderosos, a migração transplantou para o sul – principalmente São Paulo e Rio de Janeiro – a luta de classes (VILLA, 2001, p. 175 e 176).

Se na sua própria região os sertanejos não sabiam para onde ir, ao chegar ao Sul, depois de uma viagem precária, a situação não seria diferente. VILLA afirma que os homens saltavam do ônibus com visível aparência de cansaço, quase sem forças para se erguerem, muitos permaneciam sentados. As mulheres cambaleando, tentavam manter as crianças no colo e outras crianças seminuas choravam de fome e sede. “A maioria dessas infelizes estava caladas, seguindo os passos dos maridos que não sabiam que rumo tomar” (VILLA, 2001, p. 183).

Na representação de *Vidas secas*, Fabiano, sinha Vitória e os meninos eram alguns desses. Estiveram juntos durante toda a caminhada, suportando os infortúnios do sertão. Na sua fragilidade os meninos do sertão suportaram as asperezas da vida para unirem-se aos pais nessa “viagem da existência: saída para um lugar sonhado, que deixa de ser apenas o

maravilhoso imaginado, quando o verdadeiro conhecimento ocorre” (RESENDE, 1988, p. 43) e se ferem nas farpas da vida como a seca, a morte da cachorrinha Baleia, os cocorotes da mãe e o estar só por um instante depois da repreensão pela curiosidade do menino mais velho ou da desventura do menino mais novo. Nessa viagem os meninos se deparam com essas desventuras, mas vivem, também, um curto período de bonança quando a chuva chega enquanto estavam apossados de uma fazenda abandonada. Os momentos de brincadeiras, os dias de convívio com os animais e a alegria de ter o alimento, a água e o repouso criaram os opostos na caminhada dos meninos que aos poucos foram “aceitando a vida como ir e vir de sorrisos e mistérios, alegrias e tristezas, asperezas e maravilhas, trevas e luz, ilusão e desencanto” (RESENDE, 1988, p. 43).

Os opostos trevas/luz permeiam o ponto de partida para o lugar sonhado durante a caminhada errante desses meninos. Quando a seca voltou e a fazenda se despovoou, os sertanejos “saíram de madrugada [...]. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios [...]. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse” (RAMOS, 2004, p.116 e 117)). Os filhos de Fabiano vivem essa experiência dos opostos durante a caminhada sem delimitação de tempo. No vale do rio seco ou entre os espinhos e seixos o tempo da caminhada faz-se no escuro e no claro simbolizando os momentos de realidade e de sonho, dos dias de miséria e de fartura, de abandono e aconchego. Quando analisamos esse movimento de ir e vir na vida dos meninos, RESENDE (1988, p. 37) afirma que

A partida se faz “ainda com o escuro”. Esse escuro remete diretamente ao fechamento do pequeno ser, que nada conhece, que nunca saíra do seu próprio mundo para conhecer os confins da realidade exterior. Assim que o imaginário ganha lugar e que ele se abre para a vastidão do mundo, a claridade se acentua. O tempo do sonho é marcado pela luz e claridade. Assim, temos a noite, em consonância com a obscuridade da personagem e da realidade exterior; o dia e, sobretudo, o amanhecer, com o sonho, a maravilha da vida.

Pelas suas equivalências esses opostos vão construindo o interior dos meninos que se mostram ora tristes e alegres, fracos e fortes, resignados e obstinados. Na retirada para o sul os filhos de Fabiano vão descendo pelo leito do rio numa caminhada cheia de obstáculos que diminuem as luzes e potencializam as trevas a cada légua percorrida. Como a descida frenética da vida no sertão, cada amanhecer vai se escurecendo pela presença das arribações.

O mundo coberto de penas afligiu os corações dos filhos de Fabiano. Os tempos de menos infortúnio passaram e a desumanidade causada pela seca voltou desfigurando o ambiente e animalizando o homem. O enfrentamento aos conflitos político-sociais e ao sistema de governo criado e mantido pelo próprio país que os colocaram à margem da sociedade era necessário. Os filhos de Fabiano vão de encontro com a política de exclusão que emerge do sul e vai dominando o sertão. Os meninos do sertão perambulam fugindo da seca para livrar-se da morte enquanto o combatente de Angola caminha ao encontro da guerra para continuar vivendo.

O caminhante de Angola embrenha numa ambiência favorável para o preparo do enfrentamento ao inimigo. Mas experimenta também a dor da morte e vive as lembranças da família, pois seus pais foram atingidos pelos colonialistas e a irmãzinha apanhada pelos inimigos portugueses. Apesar disso, no início de sua trajetória o que mais lhe aflige é uma ferida no pé. Esta dificulta a sua caminhada rumo à libertação e pode ser entendida como a opressão de Portugal sobre Angola. A opressão do inimigo estrangeiro. A sua trajetória também se inicia no escuro. “Quando o sol começava a desaparecer, Ngunga partiu para a aldeia do socorrista” (PEPETELA, 1983, p. 06).

De acordo com Alessandra Magalhães (2011), em seu artigo intitulado *Outros nós: leitura dos romances As Aventuras de Ngunga e Predadores, de Pepetela* a ferida de Ngunga “pode ser entendida como metáfora daquilo que o impede de caminhar, de ir adiante. Podemos lê-la também como uma superação das dificuldades e dos problemas que o ‘novo homem’ encontrará no caminho de sua formação”. Magalhães apresenta, através deste texto, uma reflexão da produção literária de Pepetela na perspectiva da construção dos espaços históricos e políticos no sistema da literatura angolana. Através dos referidos textos do escritor, ela propõe uma leitura de duas questões apresentadas em ambos os romances: a opressão e a resistência.

As questões apresentadas no texto de Magalhães colaboram com o nosso pensamento de inserção social do indivíduo através da resistência aos sistemas políticos do Brasil e da Angola. Para enfrentar o sistema político de Angola o pequeno pioneiro avança pelas aldeias levando consigo dentro de um saquinho velho toda a sua riqueza. “Um cobertor de casca, um frasco vazio, um pau de dentes, a fiska ao pescoço e a faca à cinta” (PEPETELA, 1983, p. 11). Em sua trajetória, diferente dos filhos de Fabiano que encontraram uma fazenda abandonada e viveram ali com os pais, isolados; Ngunga encontrou um Kimbo, um povoado e a promessa vinda do presidente Kafuxi ao miúdo era de ter ali uma família, um pai. Como Ngunga não tinha onde morar, aceitou.

O contentamento de Ngunga durante os dias que viveu na casa do presidente. Período menor do que o tempo de satisfação dos pequenos sertanejos até a chegada das arribações. Durante o dia, o miúdo que acordava com o sol, ia ao rio buscar água e depois acompanhava as mulheres do presidente na lavra, onde sua enxada não parava. E à noite, depois que todos comiam o que sobrava era para ele. Mas as mulheres estavam sempre a ralhar com ele e a reclamar com o presidente dizendo que Ngunga era um preguiçoso. Assim, o pioneiro servia a um patrão presente e opressor enquanto os meninos do sertão viam o pai servindo a um senhor ausente e dominador.

Ngunga não tinha mais nada a não ser a força dos bracitos que honestamente oferecia durante o trabalho na lavra para arranjar a comida dos guerrilheiros: plantar, colher e armazenar o alimento no celeiro de Kafuxi. Ali estava o suor do miúdo que via o presidente negar comida aos camaradas guerrilheiros. Um dia aconteceu algo inesperado. Ao mentir para o Comandante do Esquadrão, Kafuxi recebeu uma lição do pioneiro que sem palavras foi ao celeiro, encheu uma quinda de fuba e mais um cesto e a depositou ali como seu próprio suor. Ngunga “partiu, sem se despedir de ninguém [...]. Mais uma vez, Ngunga pôs o saquito ao ombro e viajou” (PEPETELA, 1983, p. 16), mas deixou uma lição de generosidade e honestidade ao velho presidente que envergonhado o mirava com os olhos maus.

Nesse sentido, a pesquisadora Maria do Carmo Sepúlveda Campos, em seu texto *As Aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação*, descreve Pepetela como um autor imprescindível para a independência de Angola ao escrever *As aventuras de Ngunga*. O uso das armas que ele dispôs durante a peleja aproximou os guerrilheiros angolanos que, irmanados com os revolucionários de todo mundo, uniram-se pelo ardente desejo de liberdade. Assim, aliou ação bélica, pensamento político e criação literária para combater os adversários. Da necessidade de conduzir o povo angolano a compreender a urgência de construir a nação, Pepetela criou um dos maiores símbolos da resistência ao colonialismo:

Entre as muitas personagens, símbolos de resistência, que compõem a galeria dos que vieram à luz para divulgar entre os angolanos a convicção de que a luta pela libertação exigia homens incorruptíveis e dispostos a tudo fazer pela reconquista da terra, destacamos o jovem Ngunga em sua trajetória de aprendizagem de como tornar-se um guerrilheiro modelo, através da conquista da integridade, do auto-conhecimento e da consciência política. Pepetela, Por conhecer na prática o interior da engrenagem política que se organizava a favor da independência, detecta com lucidez as peças que emperram seu funcionamento e denuncia, através de sua ficção, o prejuízo causado por posturas equivocadas, apontando comportamento que poderiam contribuir para o aperfeiçoamento das estratégias de luta (CAMPOS, 2009 p. 230).

A narrativa de Pepetela revela as necessidades de todo homem angolano e o encoraja diante dos conflitos políticos e sociais. Através da ficção, cumpre-se no menino Ngunga a conquista da independência e o nascimento de novos projetos políticos e literários que afastam do homem o inimigo estrangeiro. Perante a nova situação política, os independentes de Portugal, tomam a liberdade de refletir, dialogar e criar propostas para o desenvolvimento do país.

A trajetória do menino, iniciada com o obstáculo da ferida, riscou o chão de Angola por onde todo guerrilheiro deveria trilhar. A sua conduta diante do semelhante, a simplicidade ao falar com as outras crianças, a seriedade ao lidar com os líderes, o cumprimento dos deveres e o enfrentamento incondicional ao inimigo que roubara sua liberdade. Todas as armas necessárias para a formação de um guerrilheiro imprescindível representadas em uma só figura, Ngunga.

2.3– PERSONAGENS SILENCIADAS: FACES DA UTOPIA

Quanto às utopias, há sempre tempo para sonhar.

Alfredo Bosi

E cá está a utopia. É que na verdade, sem utopia, ninguém pode viver.

José Luís Mendonça

Os fenômenos da seca e da guerra representados nas obras em estudo construíram atitudes e sentimentos opostos nos meninos de *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga*, um sentimento desesperador com um vago princípio de esperança para os filhos de Fabiano em meio ao sertão, e um sentimento esperançoso construído a partir da reflexão entre os tempos passado e futuro representado pelo pioneiro da libertação de Angola. E como as personagens

de Graciliano e Pepetela, enquanto retirantes e pioneiro não sabiam para onde ir, o estado de silêncio apagou a dura realidade do presente e principiou a escrita de um mundo de utopias. A ação de avançar registrou em nossa mente as impressões do enredo, das personagens e do ambiente.

Quando lemos um romance Antonio Candido afirma que dele “fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e das personagens que vivem estes fatos” (CANDIDO, 1976, p. 53), e que essa impressão não se separa em nosso pensamento que temos simultaneamente do enredo, das personagens e da vida que elas vivem, dos seus problemas e das condições do ambiente. Percebemos claramente essa série de fatos nestes romances brasileiro e angolano tão bem organizados que impossibilitam a dissolução entre enredo, personagem e ambiente. Quando analisamos o enredo de *Vidas secas*, é imprescindível a descrição das personagens com os seus problemas da seca: a marcha errante, os sonhos diurnos, os comportamentos e a miséria agrupados ao ambiente hostil, à exclusão social e aos desejos que perecem juntos com as personagens. Quando referimos a *As aventuras de Ngunga*, o enredo nos leva a pensar no protagonista durante a guerra, e é impossível descrevê-lo sem dar menção a este fenômeno e ao ambiente marcado pelo peso do poder e da opressão.

Da construção do enredo, da vida dos meninos e das condições do ambiente, cabe-nos verificar em que medida esses elementos podem representar as primeiras experiências da infância que traçam o modo de ser de um escritor, ou ainda, verificar como “as experiências infantis de um determinado escritor dão as chaves para entender e avaliar a sua obra”, como nos lembra Antonio Candido (2000, p. 12). Assim, quando lemos a biografia de Graciliano e Pepetela, em suma, para o que nos importa, o primeiro viveu a opressão do ambiente familiar enquanto criança e do social na vida adulta, aplicada pelo governo, e a hostilidade do sertão nordestino; e o segundo se embrenhou na Frente Leste de Angola, sendo um dos pioneiros na Guerra de Libertação pelo seu país.

Neste sentido, Candido em sua leitura de François Mauriac nos lembra que “o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, e isto confere acentuada ambiguidade às personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas” (1976, p. 66). Não seria exagero afirmar que as personagens de *Angústia*, *Infância*, *Memórias do Cárcere* são a própria sombra de Graciliano assim como o menino mais velho e o menino mais novo, enquanto personagens do capítulo *Baleia*, foram inspiradas nas crianças da família de um parente do escritor como ele mesmo declarou em um depoimento já mencionado neste texto. Não seria exagero afirmar, também, que a figura de Ngunga, o pioneiro, é a representação de algum momento da vida do próprio escritor,

considerando o seu domínio sobre uma das últimas falas do narrador: “Se Ngunga está em todos nós, que esperamos então para o fazer crescer?” (Pepetela, 1983, p. 59).

Como o romancista utiliza de seu “arsenal” para escrever um enredo, construir ambientes e/ou criar personagens em sua obra, estas por sua vez caminham para uma criação denominada por Candido (1976, p. 70) de transposição fiel de modelos e são chamadas de personagens projetadas, pois “o escritor incorpora suas vivências, os seus sentimentos” transportando com relativa fidelidade a sua experiência direta, neste caso interior, para a sua produção. Porém, a memória não deve ser apenas uma estratégia para narrar o passado, mas também um campo para projetar o futuro.

Enquanto Candido nos lembra o papel que a memória exerce durante a produção de um escritor apenas como estratégia narrativa do passado, a pesquisadora Vera Maquêa nos fala da memória como “um lugar de criar mundos possíveis pela capacidade de sonhar do pensamento: a memória criativa” ao refletir sobre a tecitura da memória e da escrita nos romances *Relato de um certo oriente*, do escritor brasileiro Milton Hatoum, e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do moçambicano Mia Couto. No ensaio apresentado, um estudo de literatura comparada, Maquêa nos afirma que nesses romances brasileiro e moçambicano a memória inventa o futuro e dá a possibilidade de restaurar um mundo que ainda não foi criado:

...acreditamos que a memória nesses romances, além de estratégia narrativa, é lugar de fabulação, de imaginação do devir, de invenção e investigação de possibilidades do vir-a-ser. Se o passado, mesmo tocando seus traços concretos, não pode ser recuperado, ele pode ser imaginado, tanto quanto o futuro, que nas negociações com o presente cria novas temporalidades (MAQUÊA, 2010, p. 18).

Assim, a pesquisadora considera que o romance seria, por natureza, o gênero que expressa a inconformidade com o mundo, sendo capaz de construir um universo com o seu poder mimético, e dá ao escritor a possibilidade de “inventariar uma realidade com os instrumentos artísticos do realismo” (p. 179). São, então, as experiências sensíveis e a transposição fiel de modelos que levam escritores a tratar as questões de memórias e utopias, sem se deter às experiências individuais.

Torna-se impertinente deter-nos ao estudo da memória como estratégia narrativa, pois não é este o nosso objetivo. Porém, procuramos entender que essa estratégia narrativa pode funcionar como elaboração do devir. Afastados dos sonhos que buscavam encontrar, os

meninos de *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga* procuraram “seduzir para o campo da utopia, o desejo que no horizonte movimenta as sociedades para o futuro sonhado” (MAQUÊA, 2010, p. 189).

Na expectativa dos meninos do sertão representados pelo romance de Graciliano, o seu futuro sonhado transformou-se em utopia até os dias de hoje, e possivelmente, até enquanto existir essa divisão política e geográfica que jamais permitiu aos sertanejos as mesmas condições de vida oferecidas aos moradores do litoral e do sul. Excluídos pelo sistema político somado ao peso do preconceito e da humilhação, poucos “filhos de Fabianos” que saem do sertão conseguem alcançar a tão sonhada terra, e muitos desses preferem regressar sentindo que as “pedras” da metrópole ferem mais os seus pés de alpercatas do que as agruras do sertão. De igual modo, a sociedade angolana, metida naquele sonho de independência, vê, depois de um longo período de silêncio e gestação, o seu país livre dos inimigos estrangeiros que foram derrotados em nome do Movimento Popular de Libertação de Angola. Representado pela figura de Ngunga, o homem que com sua enxada cultivou as lavras, que serviu aos guerreiros e até lutou ao lado deles, percebe que o país está nas mãos de um novo colonizador, um inimigo que fala a mesma língua, filho da mesma terra, mas que reserva a realidade do sonho para uma minoria centralizadora. A nova elite do poder angolano ignora o fato de que todo o povo permaneceu em um silêncio profundo durante a ditadura portuguesa, no governo de Salazar, sobre o país até que os primeiros embriões fossem formados no seio da madre terra de Angola.

Como toda ditadura preza pelo silêncio da nação e pela obediência ao ditador, o Estado Novo também instituiu poderes quase ilimitados para o seu representante e suprimiu o direito da nação ao calar a voz do povo. Nessa condição o povo brasileiro, especialmente o homem sertanejo, foi bem representado pelas personagens de *Vidas secas* no momento em que Graciliano expôs a sua crítica ao sistema político através de um romance de vozes e personagens silenciadas. Segundo Albuquerque Júnior, Graciliano nos chama atenção para o perigo da fala, construtores da distância entre o grito e o silêncio que revelam as relações de poder e dominação, entendendo que a linguagem define e singulariza o homem, perpetuando a dominação ou a desumanização que rouba o seu direito à palavra, que o transforma em animal:

As relações de poder definem o lugar da fala e quem deve falar, por isso o silêncio também é fala, denuncia esta operação de silenciamento. O camponês nordestino é visto por Graciliano como um ser silenciado, sem linguagem, quase apenas grunhindo como animal. É visto como símbolo do

estágio mais avançado de submissão e alienação. Este silêncio é visto por ele como uma imposição. Graciliano perde a dimensão estratégica do silêncio. Para ele, o não-falar é apenas falta de saber e não uma sabedoria (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 229-230).

Para o crítico, o estilo de concisão verbal que predomina a obra de Graciliano visa apresentar a própria linguagem para expressar a penúria, a miséria nordestina, revelando uma escassez de palavras compensadas por excessos de interjeições e movimentações mímicas e gestuais. Revela, ainda, a pobreza de palavras dos meninos que tiveram o seu direito à fala consumido por um sistema opressor que o destina a viver em silêncio. Assim, em Graciliano, a própria região significa uma fronteira do silenciamento, onde só se pode falar de certa forma e em certos lugares, como nos foi revelado pela própria experiência do autor durante a ditadura de Getúlio Vargas.

Assim, o nordeste em *Vidas secas* é representado, também, por personagens brutas e silenciadas. A brutalidade e o silêncio dos sertanejos escapavam aos olhos dos governantes, e os seus grúidos não penetravam os ouvidos deles, mesmo quando milhares de retirante prosseguiam numa viagem “mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande” (RAMOS, 2004, p.10) almejando e venerando as terras do sul. O silêncio no romance de Graciliano impera sobre homens, animais e outros elementos da natureza revelando uma região onde o *ter* prevalece sobre o *ser*, ainda que considerados os extremos da animalidade representada por aqueles que estão no poder e os que sofrem por causa dele.

A fala rouca de Fabiano, entrecortada de silêncios; as explicações de sinhá Vitória e os quase diálogos dos meninos com a cachorra Baleia parecem vislumbrar um mundo longe da realidade que sonhavam: livres das carências sociais, da opressão e da exclusão, livres do sertão devorador, dos patrões e do soldado amarelo. Liberdade sonhada como utopia que vagueia entre o sertão e o litoral, entre o nordeste e as cidades do sul:

Em *Vidas Secas*, a transformação da vida camponesa se anuncia pelo uso da palavra, pelo entabulamento de uma conversa entre Fabiano e sinhá Vitória, quando conseguem, com seu uso, esboçar uma nova realidade para suas vidas. O estabelecimento de um novo mundo, a transformação de uma realidade cruel e mesquinha começa com a capacidade de expressão de um sonho, de um desejo de mudança. O domínio da palavra pelo homem pobre é o passo decisivo para a utopia. Só quando toma a palavra, começa a simular um novo mundo para a sua existência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p. 231).

Na representação criada por Graciliano, o pai dos meninos do sertão, mais que a mãe, tinha consciência de que a construção de um novo mundo pode ser simulada, sonhada, quando o homem toma a palavra e faz o uso dela como faz das suas ferramentas um operário em construção, quando o homem a domina tão bem como um guerrilheiro domina as suas armas na extensão de um campo de batalha ou na escuridão de uma trincheira. Mais que sinha Vitória, Fabiano sentia o peso da exclusão e as marcas da opressão quando estava diante dos comerciantes, no acerto de contas com o patrão e ao balbuciar as explicações ao chefe do soldado amarelo, porque era bruto e não sabia explicar-se. Por isso, para que os filhos pudessem romper essas descomposturas e os forçados pedidos de desculpas a alguém mesmo quando tudo estava bem, o vaqueiro sempre “queria entender-se com sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos” (RAMOS, 2004, p. 21).

Mas Fabiano, homem bruto, aprendeu com seus antepassados o ofício de andar no mato cuidando de coisas alheias, de permanecer calado diante dos patrões, do governo e do altar prolongando o ensinamento de que o nordeste não é lugar de fala, mas de silêncio e dor. O homem sertanejo aprendeu que no sertão impera o silêncio nascido do leito dos rios, da catinga seca, dos animais que estão definhando, e que só se fala para agradar o patrão, para lamentar ao governo e suplicar a Deus. Só restaria ao vaqueiro fugir do sertão, transformar em realidade esse emaranhado de sonhos; esquecer o passado e fazer da memória um recurso para a construção do futuro, um futuro alimentado por uma utopia que como manto reveste a esperança do vaqueiro sempre que discutia com sinha Vitória a respeito da educação dos meninos.

No silêncio e no sonho de meninos retomamos a figura de Ngunga, o pioneiro que enfrentou aos conflitos político-sociais em Angola num período em que as relações entre esse país africano e Portugal eram definidas pela ordem do poder. O direito à fala e às condições de sobrevivência eram dados aos colonizadores, o direito à inclusão social e aos bens de consumo de qualidade eram reservados aos brancos colonizadores, com sua superioridade numérica. Nesse tempo de colonialismo, a escola era para os portugueses e assimilados, pois a opressão era efetivada, também, através da língua portuguesa, soberana na escola e nos espaços dominados por eles.

A ditadura de Salazar intensificou o domínio de Portugal sobre as suas colônias em África provocando o apagamento de algumas manifestações culturais desses povos e a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa em relação às línguas nativas. O contato da língua portuguesa com as dos angolanos, situação inevitável a partir da colonização, tornou-se uma das maiores problemáticas nesse país. Ao tratar do discurso educacional apontado por

Pepetela em *As aventuras de Ngunga*, o pesquisador Abdala Junior (1989, p. 99) discute a respeito desse confronto da língua portuguesa com as línguas tradicionais nos mostrando que

A situação lingüística de Angola é problemática, pois a língua oficial portuguesa coexiste com numerosas línguas tradicionais em número de onze, que permanecem ao nível da oralidade. A alfabetização é feita em português, perspectiva privilegiada por Pepetela por sua maior abrangência nacional, evitando-se assim uma submissão às particularidades regionais. Algumas dessas línguas já possuem caracteres gráficos, o que tem possibilitado um processo de alfabetização mais eficaz, coexistente com a aprendizagem da língua portuguesa.

Assim, o país angolano apresenta, entre tantas, uma grande singularidade: as numerosas línguas tradicionais. Essas línguas, mesmo em face da língua portuguesa, permanecem vivas na família, em grupos sociais e em outros ambientes, formando assim, uma situação de multilinguismo. A língua foi o elemento principal para o domínio dos portugueses sobre Angola assim como a sua eficácia para a construção da nacionalidade desse país. No fragmento citado vimos que Pepetela, em *As aventuras de Ngunga*, defende o papel da escola em buscar uma abrangência nacional através da língua padrão, tendência que Abdala Junior identificou como “apropriação social do patrimônio lingüístico coletivo” (1989, p. 98). Com essa tendência o país pode encontrar prestígios e interagir com outras nações, considerando que as línguas tradicionais estão divididas em numerosos grupos e a maioria ainda não possui caracteres gráficos, permanecendo apenas na oralidade.

Dessa maneira, “os angolanos deveriam apropriar-se de um patrimônio lingüístico que também era seu” (p. 98), possibilitando a interferência de outros instrumentos de modernização que os conduziriam ao combate das explorações efetivadas pelos inimigos e por aqueles que estão presos às práticas abusivas das sociedades tradicionais. Nessa trilha encontram-se a família e a escola que precisam alfabetizar usando o discurso e a prática educacionais regidos em língua portuguesa. Porém, é preciso preservar as línguas tradicionais uma vez que essas ações estão alicerçadas nos seus costumes e tradições, sobretudo, na oralidade.

Portanto, ao mesmo tempo em que buscava o processo revolucionário, de um lado, preservar as línguas nacionais, assegurando-lhes espaço concretos de fala também se fazia necessário operacionalizar meios que garantissem um domínio mais eficaz da língua da colonização, base da expressão literária que visava o atingimento dos dois públicos (PADILHA, 2007, p.176).

A língua do colonizador, uma vez apropriada pelos angolanos, tornou-se arma para o processo de descolonização a partir da expressão literária. O romance fortaleceu a relação entre os intelectuais e o povo no que se refere à construção da ideologia libertária em Angola como aconteceu com Pepetela e cada angolano conduzido pela utopia de um país igualitário, sem injustiça e sem exclusão social. Através da prosa, e também da poesia, as vozes de jovens estudantes foram se juntando às desses *homens imprescindíveis* e construindo um palco onde os angolanos pudessem cantar sob a maestria da voz de Agostinho Neto.

O domínio da língua portuguesa defendido por Pepetela figurava como um princípio de luta para cada menino que vivia como homem em meio à guerra. Assim, alguns meninos ficavam protegidos nos *kimbos* ao lado das mães, outros serviam o país ajudando nas lavouras para sustentar aos guerrilheiros, outros serviam em meio ao fogo cruzado com o inimigo, sendo estas duas últimas experiências as que fizeram parte da vida de Ngunga. Não seria pela força dos seus *bracitos* na lavoura, nem pela violência das armas nos campos de batalha que o menino das aventuras se tornaria o pioneiro em Angola, mas pelo poder da palavra quebrando o silêncio da realidade vivida pelo seu povo.

Ngunga não compreendia o que estas palavras significam e resistia cada vez que alguém o advertia a respeito da necessidade de ir para escola. Assim aconteceu durante o diálogo com o *socorrista* enquanto tratava a ferida no pé: _ “Vives como um homem livre e já tens idade de ir para a escola” (RAMOS, 1983, p.7). O primeiro insulto e exploração sofridos, como uma das consequência por não frequentar a escola, foi a vida privada na casa do presidente Kafuxi. A humilhação de ser tratado como um criado, ou melhor, como um escravo por alguém que prometeu recebê-lo como filho. Mas mesmo na sua ignorância de menino a sua paragem compensou pela lição de fraternidade e solidariedade aplicada ao velho presidente. Lição que poderia ser aprendida mesmo sem ir à escola, mesmo por aqueles que não dominavam a língua portuguesa.

O comportamento de Ngunga não foi diferente ao resistir à primeira intimação feita por Mavinga durante os dias que permaneceu na Seção deste Comandante. Admitia não ser criança e que estava pronto para carregar as armas dos guerrilheiros ou até mesmo *fazer fogo* contra os *tugas*. O comandante o chamou de rapaz esperto e corajoso, e por isso deveria estudar, viver na escola e aprender a ler e a escrever. Mas “Ngunga ficou silencioso. Escola? Nunca vira. Ouvira falar, isso sim. Era um sítio onde tinha de estar sempre sentado, a olhar para uns papéis escritos. Não devia ser bom.” (RAMOS, 1983, p. 20).

Neste trecho, Pepetela enfatiza através da personagem Mavinga a importância do ato de ler e escrever em Angola, apregoando o início de uma nova ideologia para combater o colonialismo. Com a escola, os meninos de Angola provocariam a “aquisição” e a ascensão da língua. Com a ascensão da língua portuguesa, língua oficial nas escolas, nos meios de comunicação, nos órgãos públicos e em outras entidades, as línguas tradicionais iriam perder espaço para o português angolanizado, segundo Abdala Junior (1989, p. 99):

As línguas tradicionais restringem-se cada vez mais às formas de expressão mais espontâneas e emotivas, sobretudo no campo. Gradativamente, estão perdendo estatuto de línguas produtivas, num processo de substituição pelo português angolanizado que domina de forma avassaladora na comunicação científica e literária.

O domínio do português angolanizado está empobrecendo as línguas tradicionais até mesmo no espaço familiar, já que é inevitável a ligação entre a família e a escola, sendo a primeira o suporte das tradições e a outra a marca da presença cultural do colonizador. Para dar voz ao protagonista e quebrar o silêncio apresentado pela ditadura do país português, Pepetela inventa o despertar de um “novo homem” nascido para iniciar a construção de um novo mundo a partir da formalidade da escola, priorizando o diálogo com o povo e atendendo às suas expectativas. Durante a guerra o país precisou de homens que lutassem pela libertação nacional, livrando a nação de qualquer espécie de domínio estrangeiro, visando os extremos entre o manejo das armas e do papel, da tinta e da munição, como é o caso de Ngunga depois que descobriu o caminho da escola. Após adquirir os conhecimentos necessários para tornar-se guerrilheiro, Ngunga entende que a melhor estratégia para romper o silêncio e iniciar uma nova batalha está no poder da palavra e na dinâmica de quem a domina.

Por outro lado, Graciliano ao escrever a respeito da aptidão literária do escritor José Lins do rego, no artigo intitulado *Um romancista do Nordeste*, aponta sua admiração ao escritor que alcançou tamanho prestígio usando a “língua braba” do nordeste:

Outra dificuldade, e terrível, foi ter conseguido tornar-se interessante servindo-se desta pobre língua do Nordeste, língua bronca, incerta, de vocabulário minguado. Língua braba [...]. Notem que o matuto fala pouco diante de pessoas sabidas. Quando o obrigam a falar, recorre aos gestos, usa circunlóquios – e o discurso é charada. Uma só expressão, variando com o tom da cantiga que é a conversa ordinária do tabaréu, tem significações que nos atrapalham. Dialeto horrível para a língua escrita (RAMOS, 2012, p. 136).

O domínio da palavra também foi apregoado por Graciliano Ramos através da personagem Fabiano. Para o sertanejo o domínio da palavra era um passado distante em sua vida e um sonho alimentado para a vida dos seus filhos. Ele, desde menino, “Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares [...]. Se lhes tivessem dado ensino... (RAMOS, 2004, p. 36) não levaria pancadas de um soldado amarelo, não seria enganado pelos comerciantes e nem roubado pelo patrão. Saberria se defender. Se lhes tivessem dado ensino não pisaria as pegadas de seus antepassados e teria a certeza de livrar os filhos desse ciclo da brutalidade. Pois “os meninos eram brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo” (RAMOS, 1983, p. 38). Por isso, o vaqueiro estava metido neste sonho de viver na cidade onde os meninos pudessem estudar, e ele e sinha Vitória se acabariam ancorados nos braços dos filhos como navio num mar de bonança.

Longe do futuro sonhado pelos pais e preso aos hábitos de Fabiano, o menino mais novo instigado por um espírito de grandeza que cercava o vaqueiro ao esconder-se dentro dos arranjos de couros e dominar animal bravo, planejava fazer algo grandioso, semelhante e digno da admiração de seu irmão e da cachorra Baleia. Admirado do jeito banzeiro e comboio do pai adornado pelas vestes de couro cru, o menino mais novo o via como a criatura mais importante do mundo. Assim, pôs-se a observar o pai tentando dominar uma égua brava, decifrando o embate das duas criaturas semelhantes. Fabiano era terrível, e não havia façanha que o fazia perdedor. O menino mais novo precisava resenhar o episódio para a mãe e para Baleia, mas a única “pensadora” na família e a amiga demonstraram indiferença à façanha do pai. A cachorra continuou dormindo e a mãe respondeu com um cocorote, e por isso “retirou-se zangado [...], achando o mundo todo ruim e insensato” (p. 48).

Passados alguns instantes, o menino dirigiu-se ao chiqueiro e pôs-se a observar os bichos enlameando-se. Divertiu-se tanto que esqueceu os desentendimentos e egoísmo de sinha Vitória e Baleia, fazendo a sua admiração por Fabiano ficar ainda maior. Viu um bode velho, inquieto com as ventas arregaçadas, então, lembrou-se de Fabiano e da égua brava. Assim o projeto nasceu. Saltou no lombo do bicho que inclinou para um lado e para o outro, sacudindo fortemente até arremessar o pequeno na areia. O menino ficou ali estatelado por um instante, sentiu-se abandonado. Ergueu-se, retirou-se tentando menear a humilhação. Precisava crescer, matar cabras a mão de pilar, fumar cigarros de palha. Quando crescesse,

montaria em um cavalo bravo como Fabiano e voaria na catinga como pé de vento. “O menino mais velho e Baleia ficariam admirados” (RAMOS, 2004, p. 53).

O menino mais velho, atento à conversa dos adultos, quis saber o significado da palavra inferno. Pediu informações à sinha Vitória que fez alusão a certo lugar ruim demais, com espetos quentes e fogueiras. Como exigisse uma descrição, pendurou-se à saia da mãe e perguntou como era e se ela já o tinha visto. Aí sinha Vitória se zangou e o castigou com um cocorote, frustrando a curiosidade do pequeno que se valia mais de exclamações e gestos para se comunicar. Era curioso e desejava conhecer palavras novas para transmiti-las ao irmão e à cachorra. Uma palavra tão bonita não poderia significar coisa ruim, como lhe explicou a mãe, um lugar com espetos quentes e fogueiras.

Para o menino mais velho todas as coisas eram boas. “Todos os lugares conhecidos eram bons; o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (RAMOS, 2004, p. 56). Só o passado era ruim, quando homens e animais morriam de fome e a catinga retorcia-se por causa da seca. “Naquele tempo o mundo era ruim. Mas depois se consertara, para bem dizer as coisas ruins não tinham existido” (p. 59). Entre a estação da seca e o curto período de chuva que se passa na região, o menino se agarra no tempo presente e faz dele uma eternidade, esquecendo do passado ruim. Mas esse tempo de coisas boas que é eterno para o menino, na verdade, para os pais é apenas um curto intervalo entre o céu e o inferno.

Em um estudo comparado de dois capítulos seguidos de *Vidas secas*: “*O menino mais Velho*” e “*O menino mais novo*”, Alfredo Bosi (2003, p. 26) diz que esses textos “são passagens que narram a frustração da criança perante o universo do adulto nas condições precisas da vida sertaneja”. Comparando a desventura do menino mais novo com o desastre do menino mais velho, o crítico afirma que, se a curiosidade do segundo não foi maior do que a infelicidade do primeiro, com certeza a dor do castigo não foi menor, pois “a socialização da criança sertaneja é dolorosa tanto na hora de imitar como na hora de perguntar” (p.27). Bosi ainda argumenta a respeito dos desejos do menino mais novo e a curiosidade do menino mais velho em relação ao comportamento do adulto:

Se na primeira passagem a condição da infância era trabalhada como um tecido de sonhos e desejos impotentes para alcançar as proezas do adulto, na segunda, a relação inverte-se. A criança que pergunta, a criança que exige da mãe a interpretação do símbolo (o que é inferno?), supera, na verdade os limites da gente grande. Fabiano e sinha Vitória, prensados entre o menino e o muro da própria inconsciência, reagem com um silêncio evasivo e, afinal,

irritados pelo espinho da interpelação, desafogam-se com a agressão física (BOSI, 2003, p. 27).

Assim, na desventura de querer imitar o pai, o menino mais novo criou fantasias que estavam muito além dos recursos de crianças. O menino mais velho, movido pela inquietude do saber, quis ver e tocar o imaginário do adulto, moveu-se para outros horizontes além daqueles conhecidos pelos pais. Foi disso que brotou a violência, ação tão presente na interação dos meninos com os pais assim como em outras relações da sociedade nordestina como nos apontam outros capítulos do romance: *“Mudança”*, *“Cadeia”* e *“O soldado amarelo”*. À interrogação do menino mais velho, Bosi responde: “Infernal é não poder perguntar o que é inferno. Infernal é expor-se, de chofre e sem defesa, ao arbítrio que só o mais forte pode exercer” (p. 28).

Os dias de chuva trouxeram momentos de descanso das fugas pelo sertão. Segundo Bosi, nesse momento a criança vê o mundo aberto como um céu, mas a sua relação com a brutalidade do adulto acaba expulsando-a desse paraíso. Como o desejo do menino mais velho não se cumpriu, o de a palavra inferno transformar-se, virar coisa; a interação com a mãe acabou numa violência que desencadeou sentimentos de abandono e fuga. Ao fugir da violência de sinha Vitória o menino recebe o aconchego de outro ser enxotado da casa, a cachorra Baleia que recebia pontapés, às vezes sem motivo. O encontro entre essas duas criaturas semelhantes, no despojo e no grau de hierarquia, aconteceu com gestos e olhares. “A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil [...]. Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia” (RAMOS, 2004, p. 55).

As formas de entendimento entre os dois seres dão-se em silêncio: Baleia levanta o focinho e pelo faro se orienta à caça do companheiro, certa de encontrá-lo para demonstrar sua solidariedade. Atravessou o terreiro e seguiu rumo à lagoa. Topou o menino sob as sombras das catingueiras, muito infeliz, chorando. Ao encontrá-lo tentou minorar seus aborrecimentos pulando em roda, balançando a cauda e ofegando até chamar à atenção do amigo. Afinal, Baleia o convenceu de tudo aquilo era inútil. O pequeno sentou-se, acolheu-a em suas pernas e passou a contar-lhe baixinho uma história, provavelmente a sua, valendo-se de exclamações e gestos que a cadelinha respondia com a cauda e a língua. Confirmou-se a interação de bons amigos, o calor do aconchego que apagou a frieza da conversa com a mãe. “Afagando a cachorrinha, o menino liberta a alma da angústia que a sufoca e deixa-a voar, mais uma vez, para aquele paraíso de seres mutantes que se abrigam na montanha longínqua. Então, o céu existe, de novo” (BOSI, 2003, p. 31).

Diante da humilhação e das ofensas, as duas personagens silenciadas criam fantasias que alimentam as carências do cotidiano. O menino sonhava com a serra azulada que se confundia com o céu estrelado. A cachorra sonhava com um osso graúdo e cheio de tutano. Mas, para o menino, essa fantasia durou até o instante em que viu, pela janela da cozinha, o cocó de sinha Vitória que lhe ascendeu os pensamentos maus:

Como era possível haver estrelas na terra?
Entristeceu. Talvez sinha Vitória dissesse a verdade. O inferno devia estar cheio de jararacas e suçuaranas, e as pessoas que moravam lá recebiam cocorotes, puxões de orelhas e pancadas com bainha de faca (RAMOS, 2004, p.61).

Em seguida o menino mudou-se de lugar para livrar-se da presença da mãe, tentou esquecer o ocorrido, mas foi inútil. Sentiu-se desamparado e pôs-se a fazer desenhos misteriosos no chão. Para Bosi (2003, p.33), “a imaginação consola, é bem verdade, mas brevemente, pois é falaz [...]. A educação sertaneja, tal como Graciliano mostra em *Infância e Vidas Secas*, não pode prescindir do inferno”. Para o pesquisador fica a difícil tarefa de discutir onde as “fogueiras” dos excluídos eram mais quentes, se no sertão do nordeste ou nas trilhas de Angola.

Num mundo de maldade e insensatez viveu também o menino Ngunga. Para ele, todos os homens eram maus e só as crianças eram boas. Quem ele procurava não encontrava, por isso caminhava por todos os Kimbos, queria saber “se em toda parte os homens são iguais, só pensando neles” (RAMOS, 2004 p. 17). O menino das aventuras lembrava que a velha Ntumba e Nossa Luta eram os dois adultos capazes de serem bons, pois cuidaram dele depois que seus pais foram assassinados. Numa noite, depois do episódio com Chivuala, o pioneiro foi interrogado sobre a maldade dos homens e respondeu ao camarada professor que ele “é capaz de ser ainda um bocado criança, não sei. Por isso ainda é bom. Mas também é mau. Com o Chivuala foi mau” (p. 30).

O pioneiro em Angola viu maldade no professor quando este expulsou da escola o companheiro que viera do Kuando, acreditava que ele iria agir de maneira correta, talvez com uma ameaça forte. A maldade também estava no presidente Kafuxi e na sua maneira de liderar o Kimbo. Conheceria a maldade dos homens ao descobrir a fragilidade de outros líderes que, acomodados, não se preocupavam com a massa popular que vivia oprimida pelo colonialismo português. A maldade cria o silêncio de alguns e libera o grito de outros. O silêncio opressor que rouba a linguagem dos excluídos e potencializa a voz de quem está no

poder, que alimenta o sonho de liberdade e a construção de um mundo utópico distante da terra de Fabiano. “Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras...” (RAMOS, 2004, p. 116-117). Sinha Vitória, dominada pelo cansaço e o coração cheio de ternura, reanimou-se depois de uma oração. “Deus Nosso Senhor protegeria os inocentes” (p. 118):

Mas achava-se desamparada e miúda na solidão, necessitava um apoio, alguém que lhe desse coragem, Indispensável ouvir qualquer som. A manhã, sem pássaros, sem folhas e sem ventos, progredia num silêncio de morte [...]. Sinha Vitória precisava falar. Se ficasse calada seria como um pé de mandacaru, secando, morrendo. Queria enganar-se, gritar, dizer que era forte, e a quentura medonha, as árvores transformadas em garranchos, a imobilidade e o silêncio não valiam nada. Chegou-se a Fabiano amparou-o e amparou-se, esqueceu os objetos próximos, os espinhos, as arribações, os urubus que farejavam carniças. Falou no passado, confundiu-o com o futuro (p. 119).

O medo de voltar a ser o que tinham sido confundia o passado e o futuro na conversa entrecortada por monossílabos, estreitando a linguagem entre Fabiano e sinha Vitória. Oposto aos demais capítulos do romance, este último apresenta vários momentos de comunicação entre os dois adultos, mas ainda permanece uma forma de silêncio na relação da família. Neste sentido, Antonio Candido (1992, p. 102) afirma que Graciliano é um “escritor que só dizia o essencial e, quanto ao resto, preferia o silêncio. O silêncio devia ser para ele uma espécie de obsessão”. Mas esse silêncio vai sendo destruído pela necessidade de cochichar projetos durante a fuga para o sul, pela necessidade de amparo e de mobilidade das personagens que tentam dar consistência a um futuro duvidoso, confundido com o passado. A linguagem vai ocupando espaço entre os gestos e exclamações apreendidos durante os anos de opressão, vai restaurando sonhos, fortalecendo as vidas desses miseráveis que têm medo de morrer. A linguagem vai desbravando os caminhos torpes do sertão e as palavras de sinha Vitória vão descrevendo um mundo novo numa terra desconhecida. Sinha Vitória avista uma terra onde o passado seria *passado*, e o medo de voltar a ser o que tinham sido não os perturbaria, a sina de vaquejar seria descumprida pelos filhos, e lá aprenderiam palavras novas e o significado de cada uma delas. E o futuro seria para sempre.

Quando discutimos a libertação de Angola emprestamos as ideias do pesquisador Benjamin Abdala Junior que retomam a importância dos gestos que embalsamaram os sonhos libertários a partir da Comuna de Paris (1871), considerada a primeira república proletária da história, cujo governo era de caráter socialista. A ascensão desses sonhos de liberdade

caminhou para outros países e se estendeu a outras atividades humanas além das questões políticas. Segundo o pesquisador, os gestos libertários que ocorreram mais próximos de nós foram “os sonhos dos cravos de Abril, em Portugal, e as revoluções africanas que encerraram séculos de colonialismo português” (ABDALA JUNIOR 2003, p. 239), quando nessa época houve o domínio de uma tendência literária onde a condição de artista dos escritores criava um diálogo com a sua participação ativa na sociedade. No sonho libertário de Angola destacamos a presença de Pepetela refletindo em suas obras os movimentos de ascensão e queda desse sonho, o que nos possibilita uma melhor compreensão dos aspectos históricos, políticos e literários de seu país, construindo o “caminho ficcional iniciado com *As aventuras de Ngunga* e que se torna mais problemático em *Mayombe*” (p. 243).

Semelhante a *As aventuras de Ngunga*, *Mayombe* é mais um romance escrito por Pepetela em plena guerrilha no início da década de setenta. Esse romance tem como recurso estrutural a imagem da floresta Mayombe a partir do agrupamento de árvores que têm os seus galhos emaranhados uns aos outros formando um princípio de “comunicação e solidariedade” entre eles, para que os mais fracos possam apoiar-se nos mais fortes resistindo ao embates da floresta. Ao tomar essa imagem como recurso, Pepetela aponta para a diversidade de povos existente em Angola e a necessidade da união desses povos para suprimir as múltiplas diferenças históricas, políticas e sociais possibilitando o início do processo de luta pela independência do país:

Pepetela acredita na possibilidade de realização dessa utopia libertária, que não é abstrata. Não se configura num modelo ideal sem projeto. É um processo que, uma vez instaurado, mesmo se não for atingido (por certo, pode-se dizer *a priori* que não o seria em sua plenitude) traz mudanças só possíveis pela ação do sonho de uma realidade futura, que não deixa de fulgurar no presente, pois nele está latente (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 244).

Pepetela está inserido no grupo dos homens imprescindíveis, não apenas pelo manejo das armas e do papel, da tinta e da munição, mas pela representação histórica e política presente em suas obras a respeito dos diversos períodos de Angola. Em *Mayombe* prossegue o projeto literário de Pepetela iniciado com *As aventuras de Ngunga*, estendendo o chamamento para a missão a todos os angolanos que estão, como disse Graciliano em *Vidas secas*, metidos naquele sonho de liberdade, ultrapassando os limites da guerrilha e aglomerando a todos como árvores frondosas plantadas próximas a correntes de água.

Assim, esta obra de Pepetela pode ser lida, a partir de sua trajetória artística, focalizando as atitudes das personagens, pois, assim como cada árvore da floresta Mayombe propicia a sua vitalidade, no romance cada capítulo apresenta mais de um narrador com vozes que alimentam “o conjunto de uma totalidade dialógica sonhada pelo escritor” (p. 243). O sonho dos autores de *As aventuras de Ngunga* e *Vidas secas* são de inserção social, de liberdade política afastando os horrores da exclusão e opressão vividos pelas suas personagens nestas e em outras obras destes autores engajados na luta social em Angola e no Brasil.

CAPÍTULO III

VOZ E LETRA: O CAMINHO DA INCLUSÃO SOCIAL

O livro está perto, à mão, na vitrine. Foi redigido cuidadosamente: no interior dele não há cercas de arame farpado, evitaram-se atoleiros, rios cheios, pedras escorregadias e pinguelas, enfim qualquer inteligência razoável pode transitar ali facilmente, por todos os lados.

Graciliano Ramos

Ou talvez Ngunga tivesse um poder misterioso e esteja agora em todos nós, nós os que recusamos viver no arame farpado, nós os que recusamos o mundo dos patrões e dos criados, nós os que queremos o mel para todos.

Pepetela

Durante a revolução em Angola a maioria das famílias era pobre, sobretudo as da zona rural, onde não tinha a presença da escola de forma efetiva, o que aumentou a desigualdade entre as famílias que viviam no campo e as que viviam na cidade. Dessa maneira, os ensinamentos eram transmitidos informalmente, através da narrativa dos mais velhos, memorizando os sonhos e construindo o futuro na mente e nos corações das crianças através dos seus discursos. E esses sonhos, ao longo dos anos, têm-se transformados em realidade.

A maioria dos romances angolanos apresenta um quadro de luta e resistência a favor das manifestações culturais, especialmente no período pós-guerra. É nesse momento de quase apagamento da cultura autóctone que a escola surge em quase todos os núcleos da sociedade, atijando o interesse dos escritores angolanos em registrar os períodos que envolvem a história do país através da escrita em língua portuguesa.

Em relação à escrita de *As aventuras de Ngunga* durante o período da revolução, o autor desperta o país para a importância do ensino da língua portuguesa em Angola. Mesmo

sendo a marca da colonização, o povo deveria aperfeiçoar-se nela para combater o colonialismo. Assim,

A perspectiva de Pepetela [...] é de defesa do papel ativo da escola na revolução. Nesse sentido ele é didático. Pepetela se preocupa com a função social das escolas, num país em que o analfabetismo era praticamente geral devido às condições da política colonial. (ABDALA JÚNIOR, 1986, p. 100).

A preocupação de Pepetela é se a escola desenvolve a sua função social que é assegurar ao povo angolano o direito de ler e escrever, principalmente às crianças, para que estas possam lutar como novos combatentes do país, saindo do submundo, do anonimato, do poder do opressor. Para Pepetela, só a escola tem este poder. O poder de preparar as crianças para ratificar, através da escrita, as práticas e tradições angolanas que ajudaram a sustentar o sonho de liberdade ao longo dos anos. Que homens, mulheres e crianças tenham o mesmo senso de direito e dever, e sintam-se igualmente valorizados em qualquer situação. A escola tem o poder, também, de criar novos rumos para a estrutura política e social do país, germinando entre o próprio povo novos líderes com ideais de justiça e igualdade. Líderes que respeitando a tradição, mas ancorados na modernidade, possam criar projetos que possibilitam os meninos, a exemplo do pioneiro Ngunga, a participarem da construção de um país massacrado pelo domínio de Portugal.

Através dessa participação dos meninos, o povo angolano acreditaria que a escola tem o poder para atuar na transformação do sujeito, criando situações de convívio social, diminuindo as desigualdades econômicas, principalmente através do seu capital lingüístico. A escola dá o poder para o homem libertar-se das injustiças e de todo tipo de opressão, para reconhecer e aceitar as suas raízes, transformar seu comportamento inerte em atitudes críticas e participativas, inserir e projetar-se às perspectivas maiores e mais eficazes. Assim, o país utópico de Pepetela era o novo mundo sonhado por Graciliano, a transformação do mundo de homens maus desejada por Ngunga dialoga com o desejo da igualdade social perseguido pelos filhos de Fabiano.

Em *Vidas secas*, o homem sertanejo está coberto por um manto rude de brutalidade física e ignorância psicológica desde as alparcatas até ao rústico chapéu. A exclusão social vivida por Fabiano o aproximou tanto do convívio com os animais a ponto de relacionar-se melhor com os bichos do que com os homens. Falava uma linguagem que era compreendida pelos brutos e, às vezes, se dirigia as pessoas utilizando os mesmos sons. Tinha os pés calejados que quebravam espinhos e não sentia a areia quente do sertão. Seus filhos eram

iniciantes nesse processo de vida subumana. Andavam descalços e quase sempre nus. Começavam a repetir o gesto hereditário de percorrer veredas e afastar o mato com as mãos. O menino mais novo queria imitar o pai na arte da montaria. O menino mais velho não sabia falar direito, balbuciava expressões complicadas, imitava o berro dos animais, o barulho do vento e o som dos galhos que retorciam na catinga. Suportaram a fome, a seda e todas as dificuldades durante a caminhada errante, e agora estavam perguntadores, insuportáveis nessa convivência com o pai que se dava bem com a ignorância.

Fabiano tinha consciência da necessidade de educar os filhos: “Agora queria entender-se com sinha Vitória a respeito da educação dos pequenos”. (RAMOS, 2004, p. 21). Ainda: “Depois da comida, falaria com sinha Vitória a respeito da educação dos meninos”. (p. 25). Apesar de Fabiano relacionar-se melhor com os bichos do que com os homens, e até confundir-se com um deles, o sertanejo tinha consciência de que a escola, só a escola, poderia transformar os filhos em homens sem atributos de selvageria. O sonho de Fabiano é o mesmo de todos os homens que fugiam do sertão: a busca pelo pão e pela educação, no sentido mais amplo das palavras. Assim o vaqueiro deseja conduzir a família para um lugar onde seus filhos pudessem freqüentar a escola e serem diferentes do pai. Logo, o pai dos meninos, quando de sua segunda retirada, engaja na única possibilidade de resolução para os problemas enfrentados pelos filhos:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, Seriam diferentes deles (RAMOS, 2004, p. 126).

O sertanejo que nunca vira uma escola e por isso não sabia falar direito tornou-se um homem bruto, ignorante e com poucas expressões de afeto e carinho. Mas sabia, assim como Graciliano, que a educação é a arma mais poderosa que o homem pode usar para mudar o mundo, por isso preocupava em encontrar uma terra onde os filhos pudessem frequentar a escola. Nessa terra sonhada os meninos aprenderiam coisas difíceis e necessárias, mas o casal ficaria preso nela, inútil, acabando-se como cachorros. Para Bosi (2003, p. 23), este é o sonho que “decifrado como ilusão, acorda na história meridiana do novo proletariado e revela a sua essência de cativo: chegariam a uma terra civilizada, mas ficariam presos nela”. Se por um lado Fabiano e sinha Vitória seriam descartáveis como a cachorra Baleia, por outro, os meninos teriam a possibilidade do convívio social, iniciado primeiramente, através da

frequência à escola. Despojariam dos atributos de animalização. Abandonariam o gesto de arrear o mato com as mãos para abrir caminhos, pois os caminhos seriam abertos com a capacidade de ler e escrever, com vozes diferentes daquelas que imitavam os animais da fazenda. Os meninos do sertão renasceriam do pó através das palavras.

Quando Graciliano apresenta suas personagens aprisionadas nesses muros construídos pelo ambiente hostil e pelo sistema de governo autoritário e omissivo, o autor busca formas de representações não em abstratos, mas naquelas que, formadas a partir das suas observações ou da própria vivência, possibilita uma ligação entre o conhecimento científico e o literário. As limitações dos meninos do sertão são frutos da exclusão discutida por esse autor engajado nas perspectivas sociais capazes de libertar as vidas secas que vivem em “um mundo coberto de penas”. A propósito, esta última expressão foi o título inicial da quarta narrativa de Graciliano, substituído depois por “Vidas secas”.

Para quebrar os muros das limitações na vida de seus filhos, Fabiano entende que é necessário que eles apropriem-se da linguagem, fator imprescindível para o convívio social. Assim, esse patrimônio lingüístico que pertence à coletividade, mas que lhe foi negado, poderia ser restituído pelo menos aos seus filhos. O domínio da linguagem, para Fabiano, constitui-se numa forma de poder social para a interação com os outros.

No passado o pai dos meninos conheceu seu Tomás da bolandeira, o homem mais sabido do sertão. Estragava os olhos em cima de papéis e livros. Falava bem, usava palavras difíceis e por isso inspirava respeito e obediência. Mas tinha cortesia, o que o fazia diferente dos outros homens brancos, não sabia mandar: pedia. Talvez já tivesse morrido, pessoas como ele não podia suportar tamanha seca. Fabiano o advertira do verão puxado: “seu Tomás, vossemecê não regula. Para que tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, igualzinho aos outros” (RAMOS, 2004, p. 12). Para Fabiano, além de possuir o domínio da linguagem, o sertanejo precisava aplicá-lo para derrubar os muros do sistema. Fabiano ansiava por lugar e linguagem: a terra sonhada para acomodar-se, acabar-se nela, e a escola para os filhos conquistarem a liberdade, a interação com o mundo.

Através da escrita Graciliano denuncia a realidade dramática do tempo e espaço em que viveu, e objetivamente define o seu discurso educacional através das representações em *Vidas Secas*:

Para Graciliano, embora alienada, a escola é caminho necessário. É a perspectiva de Fabiano (*Vidas Secas*): com a escola seus filhos não seriam reduzidos a bichos. Ela é uma etapa necessária, relacionada com os anseios de ascensão social. (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 103).

Assim, em *Vidas secas* o discurso de Graciliano Ramos está fundamentado na imersão das personagens (e de todos os homens) no mundo convencional através do papel ativo da escola: o ensino da leitura e da escrita e, conseqüentemente, a interação com o mundo. Abdala Júnior (1989 p. 103) mostra que a perspectiva de Graciliano em relação a este mundo é apreendê-lo para transformá-lo, não submetendo às expectativas sociais dominantes. Para o escritor engajado, neste caso, aquele que produz literatura de ênfase social, a denúncia social e a consciência de que a linguagem é o veículo modelador do homem enquanto sujeito crítico e participativo da sociedade são fatores presentes nas obras *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga*. Sendo esta uma das razões que instigou esta produção de Graciliano Ramos:

Em relação à literatura social brasileira, a posição de Graciliano Ramos parece-nos novamente paradigmática. Sabemos que a linguagem, modelada pela práxis social, desempenha uma função cumulativa: ela traz, em suas formas, o saber “acumulado” pela humanidade em sua história. Reduzidos a condições sub-humanas, os filhos da personagem Fabiano, de *Vidas Secas*, colocam-se diante dos objetos como se estivessem no início desse processo histórico, ainda impregnado de pensamento mágico. (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 90).

Este paradigma está presente também no romance de Pepetela onde a intenção do autor, naquele momento de guerra, era expandir a autonomia e a eficácia da língua portuguesa entre os guerrilheiros para que os mesmos enfrentassem o inimigo não apenas com as armas, mas também com as palavras, atribuindo à linguagem o seu papel social de permitir um diálogo consciente para a elaboração do projeto político e literário do país. Assim, o escritor enfatiza o discurso educacional proposto pela escola que é retomado pelo narrador sempre que o menino encontra-se em dificuldades. O processo ensino - aprendizagem torna-se eficiente a partir dos avanços obtidos por meio das habilidades e competências desenvolvidas pelo educando em parceria com o elemento facilitador da aprendizagem que é o professor.

Mesmo assim, o menino das aventuras atribuía para si o comportamento de um adulto. Quando da sua paragem na seção do comandante Mavinga, durante o dia o pequeno Ngunga ajuda nas tarefas coletivas, e à noite gostava de ficar ao redor das fogueiras ouvindo as conversas dos adultos. As conversas eram sempre a respeito dos episódios da guerra. Todos riam, batiam palmas ou suspiravam de tristeza dependendo dos episódios. Ngunga, atento como os adultos, comia rápido e sempre olhando para os lados, observando os arredores.

Tomava bebida forte e não tinha medo de enfrentar os portugueses. No entanto, o comandante não gostava de crianças na seção e passou a convencer o menino de que ele era esperto e corajoso, mas primeiro precisava frequentar a escola:

— Ngunga, tu és pequeno demais para ser guerrilheiro. Aqui já te disse que não podes ficar. Andar só, como fazes, não é bom. Um dia vai acontecer-te uma coisa má. E não estás a aprender nada.

— Como? Estou a ver novas terras, novos rios, novas pessoas. Oiço o que falam. Estou a aprender.

— Não é a mesma coisa. Numa escola aprendes mais. E assim vais conhecer o professor. Já viste um professor. Diz-me com que é que parece um professor? Vais conhecer a escola. Eu parto amanhã e tu vais comigo. (PEPETELA, 1983, p. 20).

Ngunga foi para a escola e passou a morar com o professor que era um jovem sorridente e falador, surpreendendo a imaginação do menino que “julgava que ia encontrar um velho com a cara séria... Esse aí sabia mesmo para ensinar aos outros?” (PEPETELA, 1983, p. 23). Assim, a perspectiva de Pepetela vai tomando espaço na narrativa, pois o objetivo do narrador era transformar os desejos do menino de guerrilheiro a estudante, porque ele era apenas um miúdo, e a necessidade do país, a partir de então, era de homens que trocariam a violência das armas pelo poder das palavras. Quando Ngunga e o comandante estavam na escola, ele percebeu que o professor sabia fazer uma coisa a mais que o comandante: o professor sabia ler. Por isso Ngunga passou a admirá-lo e a respeitá-lo.

O ato de ler e escrever em Angola são descritos pelo narrador a partir da inauguração da escola, onde estavam presentes crianças e velhos fundando um novo movimento em busca da vitória sobre o colonialismo:

O povo veio com as crianças. O comandante falou-lhes. A escola já estava pronta, podiam começar as aulas. O professor União tinha sido enviado de longe pelo movimento, para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre. O movimento, que era de todos, criava a liberdade com as armas. A escola era uma grande vitória sobre o colonialismo. O povo devia ajudar o MPLA e o professor em tudo. Assim, o seu trabalho seria útil. As crianças aprenderiam a ler e a escrever e, acima de tudo, a defender a Revolução. Para bem defender a Revolução, que era para o bem de todos, tinham que estudar e ser disciplinados. (PEPETELA, 1983, p. 24).

Nesse momento, Ngunga poderia começar um novo tempo em sua vida. Mas não gostava de estudar. O menino estava ali para conhecer o professor, as coisas. Gostava mesmo

era de ir à mata, ao rio; de ver os pássaros e de ouvir o professor falar de coisas que não conhecia. Falava pouco. A sua mente parecia estar armazenando todo aprendizado informal adquirido nessa aventura de desbravar o leste da floresta angolana. Tudo parecia tranquilo até o dia em que ele e o professor foram vencidos pelos portugueses enquanto protegiam-se em uma pequena trincheira. Enquanto estavam presos, o menino das aventuras teve a idéia de escapar e fugir com o professor. Neste trecho da narrativa Pepetela enfatiza a relação estabelecida entre o professor União e o pequeno Ngunga que demonstra a ação de carinho e afeto recíprocos bem como a transmissão de saberes. A ênfase do discurso e o propósito da narrativa é o de afirmar a importância da escola na vida do menino:

Já tinham passado dez dias sobre o combate. União era interrogado todos os dias. De fora do escritório, Ngunga ouvia as pancadas e os berros do chefe da PIDE, mas nunca conseguira ver o professor. Se soubesse escrever... Sim, se soubesse escrever, podia meter um bilhete na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessava por aprender, só gostava mesmo era de passear. Pela primeira vez, Ngunga deu razão ao professor, que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante. Agora era tarde. Tinha de preparar tudo sozinho. (PEPETELA, 1983, p. 37).

Embora Ngunga ainda não tivesse o domínio da linguagem naquele momento da prisão, o conhecimento transmitido pelo professor, o ato de ler e escrever, foi essencial para o surgimento do novo homem em Angola. Portanto, através da formalidade da língua e outros signos, a escola deve ter a mesma perspectiva de Pepetela: a desalienação, a destruição dos muros das limitações. Com a destruição desses muros, a escola inicia a construção de um novo mundo, a ponte para o país utópico de Pepetela. “Assim, cada novo grito-texto vem juntar-se a outro e todos se dedicam à tarefa de construir o esperado momento em que, de objeto, o homem angolano se possa fazer também sujeito da História” (PADILHA, 2007, p. 170).

Em Angola, os meninos ainda têm uma grande carência do domínio da linguagem. Pepetela sabia mais que os outros guerrilheiros, e continua a afirmar, que a escola é a chave para o desenvolvimento do país. Com ela, os meninos podem assegurar as manifestações culturais, sociais e religiosas do povo, buscar a humanização, a igualdade social entre homens e mulheres e a igualdade racial entre todos os povos. Instigados pelo autor, os meninos de Angola, representados pelo pioneiro Ngunga, partem sozinhos para a escola esvaziando o útero da mãe, possibilitando o nascimento de um novo homem que inicia o cosimento de um projeto político e literário nunca visto antes.

Assim, o contato com o mundo alfabetizado através da escola vai, em partes, confirmar os traços da ancestralidade aprendidos e vividos por intermédio dos adultos; certificando através das ciências que estão ao alcance dos meninos, toda ação empírica observada por eles enquanto a escola fazia parte apenas do mundo do colonizador. A partir de então, o frio e a chuva, o plantio e a colheita, as datas festivas, os pássaros e os animais que servem para alimentação, as ervas medicinais e tantas outras coisas podem ser confirmadas com a precisão da meteorologia, da agronomia, da biologia e de outras ciências. A lenda, o conto, a poesia, a música e outras criações literárias adquirem o registro através da língua escrita para não perderem a sua originalidade, somando, assim, com outras manifestações culturais. Por outro lado, algumas tradições que causam feridas e descontentamentos à minoria ou àqueles que não têm direito a voz mesmo entre o próprio povo angolano, são reprovadas através do conhecimento científico e literário que estão a aperfeiçoar os caracteres daqueles que se unem à voz do amanhã: a língua portuguesa.

Em *Vidas secas*, os meninos do sertão não atravessaram a linha de chegada rumo ao paraíso sonhado. A caminhada errante, iniciada com uma mudança e retomada com a fuga não fixou os pés dos meninos em uma terra fértil. O período de errância, determinado pela sede e pela fome no sertão e os dias de fartura na fazenda abandonada, criou angústia e esperança no mundo dos meninos, e o paraíso, que há de vir um dia, agora se preenchia com vagarosas fantasias. Por isso, a expressão verbal dessa terra sonhada se faz no condicional: “Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida [...]. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias [...]. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela” (RAMOS, 2004, p. 126). Os desejos dos retirantes estão projetados não apenas no futuro do presente, mas também, no potencial da dúvida registrada pelo narrador. *Iriam, alcançariam, chegariam...* Segundo Bosi (2003), a proximidade em relação ao tema e a distância do foco narrativo em relação à consciência das personagens combinam-se para enfocar o realismo crítico de Graciliano. Assim, o perto se faz longe.

O futuro dos meninos em Graciliano Ramos é um futuro aberto. Existe a possibilidade de realização ou fracasso dos sonhos. Os meninos poderiam fracassar e, não resistindo à seca, jamais seriam como o seu Tomás da bolandeira. Mas se o sonho fosse realizado, os muros das limitações seriam quebrados e o sistema social que os oprime seria destruído. Alcançariam um nível de vida com dignidade. Os meninos eram fortes, e nessa segunda caminhada, um princípio de esperança esboçava à frente deles uma vida nova. “E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinha Vitória e os dois meninos” (RAMOS, 2004, 126).

Em *As Aventuras de Ngunga* confirma-se o ideal proposto pelo autor: o ensino da língua portuguesa em Angola. Ngunga “Partiu sozinho para a escola” (RAMOS, 1983, p, 57). O ato de ler e escrever está diante dos olhos de Ngunga. O menino das aventuras desbravou um novo caminho para si e para os camaradas que com ele combatiam ao inimigo impostor. Agora Ngunga sabe que esse novo caminho é o bálsamo para sua ferida que aos poucos, dela só restarão as marcas de um passado abrasador. Com a escola o menino terá alimentos e moradia. Adquirirá conhecimentos para elaborar e fiscalizar projetos que poderão problematizar as questões sociais, possibilitando a inclusão social daqueles que vivem à margem da sociedade. Ao menino das aventuras, a escola dará a liberdade das prisões injustas, dos arames farpados e das tradições que obstruem os novos rumos do país. Enfim, com a escola o menino das aventuras terá liberdade para amar, pois ela dá ao homem a possibilidade de escolher o caminho a seguir. O menino das aventuras renasce durante a guerra, renasce da pólvora pela palavra.

Através da figura de Ngunga, os meninos de Angola continuam a trajetória em busca de métodos lingüísticos e literários que fortalecem o poder imemorial dos livros e daqueles que acreditaram na fertilidade das sementes que foram lançadas no berço da humanidade. Esse novo fazer literário é o eixo que liga o empirismo à formalidade da letra restaurando o equilíbrio para a construção dos saberes entre a voz da ancestralidade e a letra da modernidade. Agora, os meninos de Angola podem ser ouvidos pelos líderes, pois não são mais “ignorantes” como eles; retornam com a experiência da autenticidade da língua escrita que pode sobrepor o poder da língua falada.

Essa interatividade devidamente articulada entre o país e a criança se tornou possível, em absoluto, com a capacidade que os meninos adquiriram, através da escola, para dialogarem com as perspectivas da nação tornando participantes ativos, com um novo discurso crítico, ideológico, moderado com a eficiência da língua, reconstruindo os saberes oportunos para o momento histórico do país. Desta forma a narrativa de Pepetela passa a ser compreendida com as palavras que o professor União incansavelmente dizia para Ngunga: “um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante” (PEPETELA, 1983, p. 37).

Com uma leitura voltada para o papel didático da escola, segundo Pepetela, só o homem que busca o conhecimento alcança a liberdade, pois a escola o prepara para uma revolução que inicia em seu próprio interior, como aconteceu com o menino das aventuras quando decidiu ir sozinho para a escola. Essa revolução é o apagamento do eu, dos interesses próprios que podem levar ao egoísmo e à corrupção, o apagamento do próprio nome; e o

ressurgimento dos interesses coletivos que leva o homem a ver em si e no outro um só camarada angolano com os mesmos sonhos realizados como a independência de 1975.

PALAVRAS FINAIS

Diante do exposto nesta pesquisa entendemos que Graciliano Ramos e Pepetela apresentam-se como grandes escritores engajados na luta social de seus países. São intelectuais que usaram a palavra para denunciar a política de exclusão implantada por chefes de estados que governaram para uma minoria elitizada. As suas obras problematizam as questões políticas e sociais do Brasil e de Angola, mas que abrangem as tensões vividas pelos condenados do mundo inteiro. Porém, nessas duas narrativas observamos também a sensibilidade que esses escritores têm com as palavras, a maneira minuciosa de usá-las na construção de cada trecho das obras. O domínio das palavras está nítido na criação dos enredos, dos espaços e das personagens; tanto na descrição das aventuras quanto das desventuras. Por isso, nessas obras de Graciliano Ramos e Pepetela, a preocupação com a qualidade estética somada a arte engajada na luta política, manifestam-se como meio revolucionário através da palavra poética.

Quanto a Graciliano Ramos, finalmente consideramos que, enquanto intelectual brasileiro do século XX, dedicou-se a recriar a realidade social brasileira através de *Vidas secas*, contrariando a maioria dos romances publicados nessa época, os quais representavam o Brasil apontando apenas as suas belezas naturais e as maravilhas encontradas no litoral. O enfrentamento dos conflitos político-sociais vivido pelo autor demonstra seu empenho em apoiar a massa populacional. Graciliano sonhava com um mundo mais justo, mas ele sabia que esse lugar sonhado construía-se à luz da utopia igualitária, especialmente para o sertanejo nordestino. Assim, o seu mundo utópico perambula junto aos pés de inúmeros retirantes que ainda caminham rumo às terras desconhecidas.

Neste sentido, o escritor brasileiro encerra a narrativa de *Vidas secas* com um princípio de esperança surgido naquela manhã de fuga. A que seria aparentemente a mais desesperadora de suas obras apresenta um final menos conflitante do que o começo. Presos à exclusão social provocada por um poder opressor, os meninos caminham, mesmo que errantemente, à luz de uma aurora confortante. Estavam confiantes na caminhada porque sentiam confiança nos passos firmes de Fabiano. A escola estava longe, muito além do sertão. Mas, assim como existe um clarão longínquo nas últimas páginas desta narrativa, a voz e a letra estão a iluminar os caminhos para a inclusão social dos meninos do sertão.

Quando tratamos da guerra em Angola afirmamos que Pepetela, embora de ascendência e formação europeia, empenhou-se no sonho da independência do país a ponto de

arriscar a própria vida na guerrilha. Entre tantos guerrilheiros, o escritor descobriu o instrumento que colaborou decisivamente para a vitória contra o colonialismo. Encontrou nas palavras a força necessária para iniciar um novo tempo na história de Angola. Com a sua estratégia didática que apresentamos neste trabalho, o guerrilheiro iniciou o combate ao analfabetismo no país. Aliada ao poder de fogo das armas, as palavras usadas por Pepetela causaram impacto social que determinou o início da construção do seu país utópico.

Sendo um dos maiores escritores da literatura de língua portuguesa, Pepetela encerra a sua narrativa com o renascimento de Ngunga. A partir daquela noite que recebeu de Uassamba um novo nome, o menino das aventuras, enquanto pioneiro ou guerrilheiro pode ser qualquer um dos meninos de Angola. Será talvez, um pequeno camarada que se interessa pela sociologia ou pela literatura, ou aquele que já estuda e pretende ensinar aos outros. Será talvez, um menino que ainda brinca ou reconta os episódios da guerra, que constrói um mundo utópico na areia e ainda não compreende as questões sociais e políticas de seu país. Ou talvez Ngunga possa estar em todos os meninos de Angola, naqueles que ainda vivem à margem da sociedade, naqueles que no início desta trajetória andam descalços, mas partem sozinhos para a escola.

Neste estudo comparado vimos através das representações em *Vidas secas* e *As aventuras de Ngunga* como Graciliano Ramos e Pepetela discutiram a exclusão social no Brasil e em Angola durante as décadas de 1930 e 1970, respectivamente. Atentamos para as conseqüências dessa exclusão representada na vida dos meninos do sertão (os filhos de Fabiano) que foram vítimas da seca e de um governo omissivo, que os empurraram a uma caminhada errante rumo ao mundo novo de Graciliano – a cidade desconhecida. O menino das aventuras (Ngunga), vítima da guerra, embrenhou na luta contra o colonialismo português numa caminhada triunfante. Em sua trajetória o menino buscava construir o país utópico de Pepetela sem o domínio da palavra. Diante dessas situações de excluídos e condenados, os autores apresentaram a escola como caminho necessário para a destruição dos muros das limitações.

Assim, concluímos que para Graciliano Ramos e Pepetela, embora muitas vezes alienada, a escola desenvolve o papel ativo para amenizar os problemas políticos que causam a exclusão do homem e criar possibilidades de ascensão social a todo menino que deseja renascer pela palavra. No entanto, para os meninos em *Vidas secas*, esse renascimento apresenta-se no futuro do presente (renasceriam) e na visão do narrador ao registrar a dúvida desse acontecimento. A perspectiva para os filhos de Fabiano atravessa toda narrativa conduzida pela dúvida apresentada pela voz do narrador. *Vidas secas* não apresenta

possibilidade concreta de renascimento para os filhos de Fabiano, pois os mesmos não têm consciência de que precisam da escola, estão distantes das palavras. Por outro lado, a perspectiva do menino em *As aventuras de Ngunga* triunfa junto aos passos do pioneiro, e a voz do narrador já nos disse que Ngunga tem consciência da sua necessidade de frequentar a escola desde os dias da prisão.

Por fim, a caminhada errante dos meninos em *Vidas secas* é uma constante descida. Descem para o sul, margeando o leito do rio. A trajetória do menino em *As aventuras de Ngunga* sobe sempre rumo à nascente do rio. Enquanto os meninos do sertão permanecem calados diante da opressão que suportam durante a caminhada, o menino das aventuras discute com os líderes e apresenta propostas para a resolução dos problemas do seu país. Os meninos em *Vidas secas* estão silenciados, totalmente excluídos do sistema, oprimidos pela natureza, pelo governo e pelos pais. O menino em *As aventuras de Ngunga* tem voz própria, participa do sistema político da nação e vence a opressão do inimigo. Os filhos de Fabiano fogem da desolação para encontrar uma solução que não é alcançada. Ngunga procura a guerra e encontra as respostas para os problemas do seu país: frequentar a escola. O menino mais novo e o menino mais velho não atravessaram a seca durante a caminhada, por isso a perspectiva da escola não foi alcançada. Ngunga atravessou a guerra e partiu para o encontro com as palavras.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura, História e Política:** Literatura de Língua Portuguesa no Século XX. SP: Editora Ática, 1989.

_____. **De Voos e Ilhas:** literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. Graciliano Ramos e as esferas da totalidade. In: **Literatura Comparada e Relações Comunitárias, Hoje.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARNAUT, Luis; LOPES, Ana Mónica. **História da África:** uma introdução. 2.ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

BONFIM, Ailto de Jesus. **A Berlinização ou Partilha de África.** São Tomé: Artes Gráficas, 1987.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira.** 49ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

_____. **Céu, Inferno.** 2ª Ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlvida. As aventuras de Ngunga: nas trilhas da libertação. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tania. **Portanto...PePETELA.** Ateliê Editorial: São Paulo, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo. T. A. Queiroz, 2000.

_____. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Ficção e Confissão:** Ensaio sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos.** São Paulo: Via Atlântica, 1999.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. **Portanto...PePETELA.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. Solidão e Luta em Graciliano. In: **Graciliano Ramos: seleção de Textos.** Org. Sônia Brayner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2ª ed. 1978.

COUTO, Mia. **Raiz de Orvalho e outros poemas.** In: Beltrão, Eliana Santos. Novo Diálogo / Eliana Santos Beltrão, Tereza Gordilho. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2006. (Coleção Novo Diálogo: Língua Portuguesa).

CRAVEIRINHA, José. **Xigubo.** Maputo: AEMO, 1995.

FANON, Franz. **Os condenados da terra.** 2ª ed. Trad. J. L. de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

MAGALHÃES, Alessandra Cristina Moraes de. **Outros nós: leituras dos romances As aventuras de Ngunga e Predadores, de PePETELA.** In: XII Congresso Internacional ABRALIC Centro, centros: ética, estética, 2011, Curitiba, Anais do XII Congresso Internacional, ABRALIC, Curitiba, PR Centro, centros: ética, estética. 2011: ABRALIC, 2011.

MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa.** São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MORAES, Dênis. **O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos.** São Paulo: Boitempo, 2012.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica.** 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX.** Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: PALLAS Editora, 2007.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A geração da utopia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 93. Ed. Rio, São Paulo: Record, 2004.

_____. **Garranchos**: Textos inéditos de Graciliano Ramos. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.

RESENDE, Vânia Maria. **O menino na literatura brasileira**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1988.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **Graciliano Ramos: vida e obra**. Maceió: Secretaria de Comunicação Social – SECOM, 1992.

VIANA, Vivina de Assis. **Graciliano Ramos**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Educação, 1981.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: historia das secas no nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2001.

XAVIER, Lola Gerald. **Autópsia da guerra colonial em Angola**. IN: Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas. Ano VII, Nº 9, ISSN: 1806-0331.